MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY
(Organizador)

TEMPOS DE PANDEMIA

Reflexões sobre o caso Brasil

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY
(Organizador)

TEMPOS DE PANDEMIA

Reflexões sobre o caso Brasil

Autores

Fanny Longa Romero
Idayane Gonçalves Soares
Jesus Marmanillo Pereira
Lysie dos Reis Oliveira
Maria Laura Faria Afonso de Melo
Mauro Guilherme Pinheiro Koury
Mônica Lizardo de Moraes
Rafael de Oliveira Cruz
Selma Gomes da Silva
Wellington da Silva Conceição
Williane Juvêncio Pontes

Florianópolis, 2020

Publicação do Grem-Grei
Grupos de Estudo e Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, e Interdisciplinar em Imagens

Linhas de Pesquisa:
Emoções e Sociabilidade Urbana
Estudos em Sofrimento Social e Sociabilidade
Imagem, culturas emotivas e moralidades em contextos urbanos (GREI)

Coedição:
Editora Tribo da Ilha — editoratribodailha@gmail.com
Editora Grem-Grei — secretaria@grem-grei.org

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa:
Rita Motta

Foto da capa: Deslocamento para casa
Fotógrafo: Jesus Marmanillo Pereira - 03 de julho de 2020 – Doutor em Sociologia, trabalha com sociologia urbana e visual.

T288 Tempos de pandemia [recurso eletrônico]: reflexões sobre o caso Brasil / Mauro Guilherme Pinheiro Koury (organizador). – 1. ed. – João Pessoa: Grem-Grei; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.
243 p.

Formato: PDF
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: https://grem-grei.org/editora-grem-grei/
ISBN: 978-65-86602-14-2 (e-book)
Inclui referências

1. Antropologia das emoções. 2. Pandemia – Aspectos psicológicos. 3. Sofrimento social. 4. Brasil – Condições sociais. 5. Morte – Aspectos sociais – Aspectos antropológicos. 6. Desigualdade social. 7. Incerteza. 8. Individualismo. 9. Antropologia visual. I. Koury, Mauro Guilherme Pinheiro.

CDU: 316

Catalogação na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O Brasil vive duas crises associadas, de um lado, a crise político-institucional diante das mazelas do governo Jair Bolsonaro e sua equipe de ministros e apoiadores. De outro lado, a crise da expansão da pandemia em termos mundiais do covid-19, e sua rápida entrada e extensão pelo Brasil afora, com um crescendo de pessoas contaminadas pelo vírus e de casos fatais. Os grupos de pesquisa GREM Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, e o GREI Grupo Interdisciplinar de Estudos em Imagem, ambos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, não podiam se furtar em tentar contribuir para a reflexão crítica da Situação Limite por que passam o mundo, e com especificidade o país.

O Grem-Grei juntos, então, convidaram pesquisadores das regiões Norte e Nordeste do país para se manifestarem com artigos e ensaios – textuais ou visuais – sobre a pandemia, com reflexões a partir dos seus estados ou municípios; ou para pensá-la em termos mais amplos. Nos dois casos, todavia, sempre vinculando a reflexão às teorias social e da cultura no interior da relação emoções, sociedade e cultura.

A pronta resposta dos autores convidados, que responderam ao chamado do Grem-Grei, em um primeiro momento, compoz o

Suplemento Especial da RBSE Revista Brasileira de Sociologia das Emoções, sob o tema *Pensar a Pandemia à luz da Antropologia e da Sociologia das Emoções*. Um mote comum, com a liberdade dos recortes, de acordo com os interesses e olhares de cada autor. No *Suplemento* estiveram presentes 15 autores de vários estados da federação, Amapá, Pará, Tocantins, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Bahia.

O grande interesse despertado pelo Suplemento Especial e a importância de substanciar a discussão crítica sobre a pandemia no país, sob o olhar de pesquisadores das regiões Norte e Nordeste, fez com que o Grem-Grei caminhasse para uma nova rodada de convites no sentido de transformar os textos presentes no Suplemento Especial em uma *coletânea de ensaios*.

Os dez autores presentes neste livro, assim, refletem sobre a crise político-institucional e a crise sanitária vividas pelo país, e sobre o cotidiano do isolamento social produzido pela situação pandêmica do coronavírus, e as formas de adaptação comportamental à nova situação causada pelas mudanças de hábitos e costumes que provocam ansiedades, medos, tristeza, depressão, na população. Além de reflexões sobre os movimentos de conformidade e resistência de homens e mulheres em seu cotidiano, em um período de incerteza e desilusão por que passam o mundo e o Brasil, aqui, de modo particular.

Este livro, com enfoque centrado na antropologia e na sociologia das emoções, trás o título, ***Tempos de Pandemia**: Reflexões sobre o caso Brasil* e esta organizado em nove capítulos mais uma introdução. O primeiro capítulo traz o ensaio de Mauro Guilherme Pinheiro Koury, intitulado: *As emoções em tempo de isolamento social.* O ensaio de Koury reflete sobre como a população brasileira

vem enfrentando a crise sanitária ocasionada pela expansão do covid-19, em um momento nacional de grave crise político-institucional e anticivilizatória.

A análise recai sobre as emoções suscitadas por este cenário delicado da vida nacional, que colocou os brasileiros em isolamento social. Debruça-se, a seguir, sobre a construção insegura de novas rotinas diárias de segurança pessoal e familiar, em que o medo, a ansiedade, a tristeza, e a desesperança são tematizadas na ambivalência de um sentimento de culpa pessoal de não se ter certeza da saída da crise, associado a uma tentativa de "*pensar positivamente*" para não agravar a insegurança familiar.

O segundo capítulo, de Fanny Longa Romero, titulado *Além da culpa e da expiação: covid-19 e as fissuras de gramáticas emocionais* problematiza e compreende de que modo determinadas emoções, moralidades e dispositivos de poder, enquanto construtos culturais são potencializados em situações de acentuada crise humanitária. A sua análise, de enfoque qualitativo, está centrada nos conceitos de vergonha-culpa e sofrimento social, como chaves para o entendimento das experiências vividas na pandemia do coronavírus.

Baseada em dados coletados pela imprensa e páginas de internet, suas reflexões envolvem inquietações sobre as incertezas atreladas a eventos críticos. Chama, por fim, a atenção para o compromisso antropológico de reavaliar, processualmente, o social.

O terceiro capítulo traz o ensaio de Idayane Gonçalves Soares, sob o título *Individualismo moderno e sofrimento social em tempos do covid-19.* Neste ensaio a autora procura estabelecer algumas aproximações entre o cenário social anterior à pandemia de covid-19 e sua relação com sofrimentos emocionais no contexto de isolamento social.

Busca apreender este cenário a partir da contribuição de teorias sociológicas e antropológicas que abordam o individualismo moderno e apontam o processo de crescente isolamento do indivíduo na Modernidade – em relação ao social, e seus desdobramentos no processo de sofrimento psíquico destes. O ensaio objetiva contribuir para uma melhor compreensão das configurações das relações sociais e os seus efeitos na subjetividade dos indivíduos durante a pandemia.

O quarto capítulo, de autoria de Jesus Marmanillo Pereira, tem como título: *Cenários de medo e as sociabilidades pandêmicas no Maranhão.* O artigo reflete sobre a chegada e desenvolvimento do covid-19 no estado do Maranhão. Para tal, analisa como o sentimento de medo foi operacionalizado e expressado nos comportamentos individuais e coletivos na cidade de Imperatriz-MA.

O autor tem como guia analítico as contribuições de Georg Simmel, materializados na categoria de forma social e nos estudos sobre morte; Mauro Guilherme Pinheiro Koury, Claudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho, Yi-Fu Tuan, David Le Breton, Norbert Elias, Erving Goffman, entre outros, que analisam as relações entre emoções e comportamentos. Com este aporte teórico-metodológico analisa um conjunto de boletins epidemiológicos, fotografias, reportagens e relatos, para refletir sobre a relação entre o medo e os processos de sociabilidade.

O quinto capítulo, de autoria de Selma Gomes da Silva, denominado *Pandemia e afetações das emoções: reflexões sobre a realidade da covid-19 no estado do Amapá* trás uma reflexão sobre as afetações das emoções no cenário de infecção e evolução do novo coronavírus no estado do Amapá. Neste ensaio, apoiada em teóricos da sociologia e da antropologia das emoções, a autora explora

analiticamente questões sobre como as pessoas são afetadas frente à ameaçadora realidade experimentada; sobre como manifestam suas emoções, e sobre quais são as principais emoções e sentimentos por elas mobilizados. Conclui afirmando que as emoções e sentimentos mais recorrentes nesses tempos de pandemia são a incerteza, o medo de contaminação e o medo da morte.

O sexto capítulo nos traz as reflexões de Williane Juvêncio Pontes no artigo intitulado: *Pessoalidade, redes de apoio e solidariedade no contexto da pandemia: reflexões sobre o enfrentamento à covid-19 em uma comunidade de João Pessoa-PB*. O seu artigo tem como universo a Comunidade do Timbó, na cidade de João Pessoa, Paraíba. A autora parte da análise sobre a desigualdade social no país, para demonstrar que os efeitos da pandemia do novo Coronavírus não são sentidos de modo uniforme por toda a população, e que os grupos sociais vulneráveis sofrem de forma mais intensa situação pandêmica no país, que tem como consequência direta o agravamento de suas condições socioeconômicas. Argumenta que a Comunidade do Timbó é um exemplo desses grupos sociais em situação de vulnerabilidade acentuada com a pandemia, que sente de forma intensa os efeitos do novo Coronavírus.

O artigo busca assim refletir sobre como a Comunidade do Timbó vem enfrentando o novo coronavírus. A sua análise se pauta no modo como a Comunidade do Timbó, de sociabilidade baseada na intensa pessoalidade, de um lado, vem lidando com a situação de isolamento social. E, de outro lado, sobre como as redes de apoio e solidariedade se constituem e agem no sentido de auxílio ao outro comunitário.

O sétimo capítulo desta coletânea, de autoria de Wellington da Silva Conceição e Rafael de Oliveira Cruz, sob o título *"Quanto mais*

perto, mais real fica": *as emoções frente à pandemia do coronavírus em uma pequena cidade do Tocantins,* traz uma reflexão sobre as emoções em torno da situação pandêmica vivida e suas consequências na cidade de Tocantinópolis – no norte do estado do Tocantins. Analiza as reações da população local – especialmente no campo das emoções – à contaminação de covid-19.

O oitavo capítulo de Maria Laura Faria Afonso de Melo intitulado *Convivendo com a pandemia*, analisa o crescimento da pandemia do covid-19 em Pernambuco, e o seu reflexo entre os habitantes da cidade de Recife, que oscila entre o temor da nova doença e a banalização das medidas de prevenção. Apresenta um quadro de angústia e estresse entre os moradores, causados pelas mudanças de rotina, medo, falta de vida ativa, além da impossibilidade de desfrutar de uma vida social, junto à constatação de dificuldade para dormir, relaxar e se concentrar, aqui registrada, apontam para um cenário bastante preocupante no que diz respeito à saúde mental da população. Conlui o ensaio afirmando que o medo e o estresse tem se tornado, do mesmo modo, uma outra pandemia.

O nono capítulo, sob o título *Apontamentos das artes sobre epidemia e cidade*, de autoria de Lysie dos Reis Oliveira, faz uma breve análise sobre as representações imagéticas produzidas por três artistas europeus, entre o século XIV e XIX que retrataram a peste e o cenário de horror citadino. Discute a relação entre arte e cidade e situações limites, como os cenários epidêmicos e pandêmicos, para concluir que o medo sobre a finitude persegue imaginários sociais sobre a cidade, e sua ambivalência entre ser um lócus do coletivo, mas, ao mesmo tempo, de intensa segregação.

O décimo e último capítulo, que encerra este livro, de autoria de Mônica Lizardo, intitulado *O que você cala – olhares sobre um*

tempo de pandemia faz um passeio fotoetnográfico sensível sobre o cotidiano de uma cidade brasileira da região norte do país, a cidade de Belém do Pará nos tempos da pandemia pelo coronavírus e em estado de *lockdown*. Tem um recorte documental, registrado através de alguns retratos, percepções e sentimentos de pessoas durante a quarentena imposta pela pandemia do covid-19, em Belém do Pará, no coração da Amazônia. O ensaio parte de um personagem entre os profissionais de saúde, o Enfermeiro, que sintetiza a luta pela vida e ao mesmo tempo o receio de uma população exposta e tentando sobreviver à pandemia. No segundo bloco do ensaio, há o registro de feirantes em um dia de feira. Registro que repassa a idéia da luta pela sobrevivência e de pessoas que tentam por um ritmo de normalidade em um contexto de situação crítica pelo clima de medo ocasionado pelo alastramento do coronavírus.

O leitor, desse modo, é convidado a adentrar no conjunto de reflexões presentes neste livro sobre o Brasil, específicamente em suas regiões Norte e Nordeste, em tempos de pandemia do coronavírus. Tempos de pandemia que alterou o cotidiano do brasileiro comum, causando emoções diversas, – individuais e coletivas, – como ansiedade, medo, tristeza, depressão, estresse, angústia, entre outras. O leitor, ao mesmo tempo, é convocado a adentrar nas formas de adaptação, acomodação e resistência dos indivíduos em isolamento social, em um país que vive ao lado da crise santitária, uma crise político-institucional, que gera incerteza sobre o presente, e danos psíquicos e sociais motivadas pela insegurança e dúvidas em relação ao destino pessoal e do país como um todo.

Mauro Guilherme Pinheiro Koury
(Organizador)

CAPÍTULO 1

AS EMOÇÕES EM TEMPO DE ISOLAMENTO SOCIAL

Mauro Guilherme Pinheiro Koury

> ...dor e tristeza em todas as faces... Como víamos a peste se aproximando, cada um cuidava de si e de sua família como se corressem o maior perigo. Se fosse possível representar exatamente aqueles tempos para aqueles que não os viram, dando ao leitor a devida idéia do horror que se apresentava em toda parte, seria preciso criar imagens em suas mentes e enchê-las de pavor... (Daniel Defoe. *Um diário de um ano de peste,* 1722. – Romance sobre a peste bubônica, no ano de 1665, na cidade de Londres, Inglaterra).

Neste ensaio busco refletir sobre as emoções e a situação extraordinária vivida pelo país, e mundo, com a pandemia proporcionada pelo coronavírus, o covid-19[1]. Busco refletir sobre como a população brasileira vem enfrentando a crise sanitária ocasionada pela expansão do covid-19, em um momento nacional de grave crise político-institucional e anticivilizatória.

---

[1] Este ensaio é parte integrante das no interior do projeto "***Sofrimento social, sociabilidades e emoções em situações críticas**: O caso da crise pandêmica do covid-19 no Brasil*" que desenvolvo no GREM-GREI – Grupos de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções e Interdisciplinar de Estudo em Imagem, e no PPGA/UFPB.

A reflexão tem como ponto de partida as emoções suscitadas por este cenário delicado da vida nacional, que coloca os brasileiros em isolamento social, e busca perceber, de um lado, a construção insegura de novos arranjos e rotinas cotidianas de segurança pessoal e familiar. Organização precária de rotinas em que o medo, a ansiedade, a tristeza, e a desesperança permeiam o esforço de adequação à situação de quarentena e ao cenário que se desenrola internamente, a nível doméstico e externamente, em relação às crises sanitárias e político institucional no país. De outro lado, como esses novos arranjos são montados tendo em vista a cruel desigualdade social do país.

Abro o computador e antes de me acomodar para a escrita, eu passo a vista nas páginas da imprensa e do *facebook*, do *instagram*, das redes de *whatsapp* e outras. São páginas que focam quase que unicamente as duas crises vividas na atual conjuntura brasileira.

As páginas visitadas, desde o início do golpe branco que derrubou a então presidenta do país Dilma Rousseff até a eleição de Bolsonaro, estão tomadas por denúncias sistemáticas de arbitrariedades políticas e de prejuízos sociais. Após a ascensão de Bolsonaro ao poder, as acusações e revelações se ampliaram e, no estado atual do país, respondem aos discursos de um presidente e sua equipe ministerial que, ensandecidos, ao se verem intimados a propor soluções viáveis, e ao não terem propostas e respostas para a sociedade, utilizam frequentemente a *retórica do desespero* (BOURDIEU, 2012; BOURDIEU; PASSERON, 1992).

Esta noção se refere a uma espécie de falência moral daqueles e de instituições que tentam escapulir de situações críticas que não sabem ou não querem enfrentar e dão respostas evasivas ou agressivas quando inquiridos sobre essas situações. Assim, tentam

banalizar, tornar risíveis ou ainda acusar a situação ou o outro qualquer de formas levianas e muitas vezes agressivas, quando perguntados ou pressionados para tal.

No caso brasileiro, esse tipo de resposta preservativa – vinda da presidência da república e sua equipe ministerial, – são lançadas frente a inquietações sociais e ao sofrimento social por que passa a nação brasileira no momento. Respostas que evitam enfrentar os desmandos políticos de frente e assume o deboche, o desprezo pela *sacralidade* da pessoa humana (JOAS, 2012), a insensibilidade para com a dor do outro (SONTAG 2003; KOURY 1998, 2004), o desrespeito ao brasileiro comum e às mortes que se acumulam em um país despreparado para enfrentar a situação de pandemia que experimenta.

A retórica do desespero serve, portanto, como uma tentativa de encobrir, através de uma desfaçatez ou de um simulacro funcional, a derrota do caminho político assumido de ampliação e institucionalização do neoliberalismo no país, proposto pelo Governo Bolsonaro. Há um ano e meio o Brasil sofre assaltos constantes contra a Constituição Federal e contrárias aos direitos sociais de categorias profissionais, de gênero e étnica.

A crise sanitária[2], assim, acontece e se agrava em meio ao esfacelamento institucional, social, cultural, e emotiva e moral, promovido

---

[2] Em termos globais, a pandemia tem início na segunda metade do mês de janeiro de 2020, com a indicação de 313 casos confirmados e zero caso fatal. O crescimento vertiginoso do vírus se espalha pelo mundo com números assustadores de contaminação e mortes. No Brasil, os dados computados sobre a expansão do covid-19 indicam que o coronavírus aparece no país no final do mês de fevereiro de 2020, com um caso confirmado, e sem casos fatais. Desde então mostram uma vasta e contínua expansão do vírus, que colocou em poucos meses o Brasil no segundo lugar de um ranking mundial mórbido de países que vivem a pandemia, ultrapassado apenas pelos Estados Unidos que detém a liderança mundial (SHUKMAN, 2020).

pelo governo Bolsonaro, que sobrevive utilizando-se de ilegalismos e má-fé, em atitude clara de desesperação (RBA *Rede Brasil Atual*, 2020), com forte matiz de indiferença e desprezo com a vida humana[3] e a coisa pública. Além do apoio incondicional ao capital financeiro e o incentivo a grupos ilegais que espalham pânico e morte pelo país afora, principalmente junto a aldeias indígenas e a população quilombola.

Entre outras medidas inconstitucionais assumidas pela presidência e sua equipe está a da retirada dos direitos trabalhistas, o esfacelamento do Sistema Único de Saúde, o corte de verba para a saúde pública, o combate à universidade e ao ensino público, gratuito e de qualidade no país, o corte de verbas para a ciência e tecnologia, prejudicando pesquisas e formação profissional. Além

---

[3] Em diversos depoimentos públicos, presentes em todos os jornais impressos e virtuais e em todas as redes sociais, Bolsonaro vai de encontro à política de isolamento social proposta e em prática mundialmente, e seguida pelos Estados brasileiros através da ação conjunta da maioria dos seus governadores. Para tal, faz campanha pública, organizando aglomerações de seguidores incautos, ou perversos, contra o isolamento social e pelo retorno imediato das atividades econômicas, com o argumento de que *infelizmente muitos vão morrer*, é coisa de quem está vivo, fazer o que, mas que a economia tem que continuar a produzir para que o país "possa continuar a crescer" e os empregos não sejam perdidos. Reforça manifestações públicas contrárias a governadores que adotam uma política de prevenção à vida, nega o caos sanitário que chegaram alguns estados da federação, sem falta de leitos em Unidades de Terapia intensiva e sem equipamento adequado para acolher pessoas acometidas pelo vírus; diz desconhecer a calamidade pública da falta de locais para enterro dos mortos pelo covid-19 e faz piadas sobre a dor da perda dos que ficam e tiveram parentes mortos na pandemia. Estimula que insensatos seguidores façam aglomerações públicas em portas de hospitais, impeçam ambulâncias de levarem pacientes aos hospitais, tenta "*premiar*" escolas e universidades públicas que retornem as atividades presenciais, ao mesmo tempo em que suspende bolsas e impede continuidade de pesquisas científicas básicas no país. Do mesmo modo que estimula a invasão de reservas indígenas por pistoleiros armados, quebrando o isolamento e aumentando o índice de contágio entre indígenas; o mesmo acontecendo com quilombolas, que tem seus quilombos assaltados pela pistolagem e são ameaçados de despejo e mortes. Sem falar da destruição de reservas ambientais, e na grilagem de terras, e no aumento de garimpos clandestinos, estimulados direta ou indiretamente pelo governo federal.

de tentar combater à ciência em favor de cínicas e oportunisticas atitudes mágico-pseudoreligiosas (VALFRÉ, 2020), como mostra a narrativa tragicômica de uma ministra bolsonarista e pastora neopentecostal, de ter tido uma mensagem divina "*trepada num pé de goiabeira*" (CATRACALIVRE, 12.12.2018) e da adoção governamental do criacionismo. Além da tentativa de partidarizar o ensino no país (revestido na fórmula "*escola sem partido*") e de implantar o militarismo na sala de aula[4].

Com uma política de destruição civilizatória e sem competência para comandar um país que avançava por caminhos democráticos, o governo Bolsonaro vive em permanente crise política e na procura de promover no país um governo totalitário. Cada dia novos processos de impeachment são abertos (e engavetados) junto ao Supremo Tribunal Federal que ainda tenta abafar e empurrar com a barriga os esforços sociais da nação para o impedimento de continuidade de um governo nefasto, como o atual, no país (BLOG CONVERSA AFIADA, 2020).

Em um ano e meio de desgoverno, o país e sua população enfrentam a Situação Limite[5] da experiência de duas graves crises:

---

[4] Como se não bastasse o cenário dramático do país, o Brasil possui um presidente que, após ser apresentado por grupos evangélicos e católicos tradicionais como o "*novo messias*", assumiu para si o papel e se autorrepresenta como o "novo messias" e enviado de deus para salvar o país (PINEZI; CHESNUT, 2018). Autorrepresentação expandida oportuna e cinicamente pelos pastores neopentecostais e sacerdotes carismáticos aos seus devotos, apresentando "argumentos teológicos" em defesa do abominável.

[5] As situações-limites de um social são situações de quebra do sistema de expectativas no interior do jogo simbólico-interativo social, o que produzem e aprofundam cenários de crise. Cenários em que os agentes vulnerabilizados necessitam confirmar a realidade de um modo mais explícito e intenso. As situações-limites provocam choques de realidade pela sensação de destruição do universo simbólico e moral construído e vivido. As emoções de vergonha e de medo avançam causando uma sensação ansiosa do não saber o que fazer e como agir. O que promove nos agentes em cena

uma sanitária, a pandemia do coronavírus, e a outra institucional e política. Crises essas que mostram a face pública mais violenta de um governo através de ações continuadas de quebras da garantia de direitos institucionais sociais e culturais básicos, que ampliam a desigualdade social[6] e destroem a já frágil cidadania do brasileiro[7].

Nesse cenário, além dos enfrentamentos cotidianos da população, – como os panelaços, a denúncia do desgoverno e da insensibilidade política e humana do governo nas redes sociais, nas notas de repúdio que se acumulam contra os desandos governamentais, no aumento de abaixo-assinados e processos de impeachment do presidente, entre outras ações, – sentimentos de depressão e de desespero tomam conta do pensamento e ação do brasileiro, ao lado da enorme onda de pessimismo que envolve a sociedade nesta crise política e sanitária[8].

---

sofrimentos psíquico e social, que levam à desesperança, ou a um estado de latência ou espera, de um lado. Ou, de outro lado, a uma rejeição da situação de desordem e a possibilidade de descoberta do engodo em que se encontram perante os elementos dispostos e de que não têm controle (KOURY, 2018).

[6] A pandemia do coronavírus também nos mostra o Brasil como um país de profunda desigualdade social, e de que o coronavírus é também um vírus que atinge diferentemente a população por classe social. Quanto mais pobre, mais vulnerável econômica e socialmente, mais vulnerável nos direitos de cidadania, mais vulnerável nos benefícios de serviços públicos quaisquer, – habitação, escolaridade, emprego, saneamento e saúde, – e, assim, mais vulnerável também frente ao vírus, que tem se mostrado mais letal e com maior taxa de crescimento. Ver sobre o assunto, entre outros, o interessante artigo de Andrade (2020) sobre o peso das desigualdades na vivência da pandemia no país.

[7] Para a questão da cidadania no Brasil ver, entre outros, Carvalho (1984, 2001), Oliveira (1994), Koury (2019), Brito (2020).

[8] Sem falar na transmissão de informações falsas, a maior parte das vezes denunciadas pelas redes sociais como fabricadas nos gabinetes próximos à presidência ou diretamente dela advindas, e de aliados do governo, que induzem sentimentos e comportamentos sociais agressivos, como a raiva e o ódio-ira (RIBEIRO, 2020). O que induz e incentiva, de um lado, a grupos de incautos, que servem como massa de manobras à marcha incivilizatória do governo federal e seus aliados, a se organizarem publicamente na procura de quebrar o isolamento, ou frear medidas de prevenção sanitária no país, ou mesmo, de tentar impedir o serviço profissional de equipes sanitárias no

Em uma enquete por meios de redes virtuais (Whatsapp e E-Mails), aplicada entre os dias 27/3 a 21/4/2020, pelo Centro de Investigaciones y Estudios Sociológicos (Cies) em toda a América Latina, com um total de 2475 depoimentos, os sentimentos de tristeza, ansiedade e medo predominam. Destes quase 2500 casos, o Brasil está representado com 707 respondentes. Para o caso brasileiro destacam-se as emoções Ansiedade, Medo e Tristeza que, juntas, somam quase 90% das respostas[9]. Não cabe aqui tratar de analisar o conjunto das respostas da enquete, isso será feito em outro lugar, mas, de apresentar a fragilidade que está vivendo a sociedade brasileira e a insegurança social frente ao presente e ao futuro.

Não é só o receio da morte, de fato ela está presente e as pessoas se sentem no meio de um cerco cada vez mais apertado à sua volta[10]. Mas também diz respeito à quebra da normalidade normativa do cotidiano a que se acostumara a viver. O confinamento forçado pela quarentena desestrutura rotinas, faz com que várias pessoas coabitem 24 horas por dia fechados em um mesmo espaço.

---

transporte de pacientes acometidos pela virose, ou invasão de urgências hospitalares para retirar os aparelhos de respiração de pessoas internadas e quebrarem equipamentos médicos. De outro lado, contudo, tais *fake news* [como passou a serem conhecidas e banalizadas as notícias falsas no país] buscam produzir (e o fazem, sem dúvida) o sentimento de insegurança da população, com o aumento do sofrimento social, em uma nação já atormentada pela pandemia.

[9] Os um pouco mais de 10% restantes apontam as emoções Ódio/Ira e a de Tranquilidade frente à situação experimentada. O autor se ocupa, no momento, da análise do banco de respostas para o Brasil para o *Dossiê sobre o coronavírus e as emoções* na América Latina, a pedido do Cies.

[10] Os Estados do Amazonas e Pará decretaram calamidade pública já no início deste mês de abril. Ao solicitarem ações para minorarem a Situação Limite a que chegaram, recebeu do governo federal uma completa recusa de envio de quaisquer reforços, tendo o presidente da república chegado ao cúmulo de impedir o transporte de caixões funerários para os dois Estados (MARQUES, 2020). Hoje, com o sistema hospitalar e sanitário esgotado, as cenas de corpos mortos, em macas ou no chão dos hospitais e unidades de saúde, ou de pessoas morrendo nos carros, em casa, ou na rua se transformaram em um cenário trágico que vem chocando o país (SUDRÉ, 2020; BOECHAT; BASSO, 2020; DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2020).

Essa nova forma de coabitar, principalmente nas classes médias, ocasiona um embate aberto ou dissimulado entre os moradores do lugar, quase sempre pais e filhos. Episódios que acontecem, principalmente, quando cada um dos membros é solicitado para executar tarefas que, "*em tempos normais*" não seriam chamados, seja por se encontrarem fora de casa, nas escolas, na universidade, ou no trabalho, causando óbices na exigência de uma nova forma de convivência entre eles.

Do mesmo modo que, apesar dos membros de uma família estar forçados ao isolamento em casa, com tarefas domésticas adicionais, a insegurança familiar se prolonga também sobre a manutenção do emprego, junto com as exigências de continuidade do trabalho por meios virtuais, sem o aparato técnico necessário, tem criado um ambiente tenso que amplia o nível de ansiedade. Ansiedade esta associada ao medo de perda de garantias constitucionais que levem a família à diminuição de renda, e ao desemprego.

A emoção medo é sentida e se refere a situações claras e definidas em relação a algo imediato e determinado. O sentimento de ansiedade, por sua vez, é experimentado em situações de apreensão e tensão como uma sensação desagradável, mas ainda não completamente definida. A ansiedade e o medo, assim, são emoções e sensações que andam juntas, de mãos dadas e em relacionamento intensivo na vida de cada um e do conjunto dos moradores de cada unidade de isolamento.

Há pouco tempo atrás, no início da segunda quinzena do mês de abril (18.4.2020), uma interlocutora de uma comunidade que venho trabalhando a mais de 20 anos na cidade de João Pessoa, Paraíba, hoje moradora de uma cidade da baixada fluminense, me passa uma mensagem por whatsapp me informando da morte do

seu companheiro pela ação do coronavírus e da demissão sumária do emprego de atendente de um consultório odontológico em que trabalhava há um ano. Conta-me da dificuldade que está tendo em dar entrada nos papéis para receber a pensão do marido aposentado e da situação do seu filho e de sua neta de cinco anos com suspeita de contaminação.

Fala também do medo cotidiano de não saber como lidar com a nova situação e do sentimento de solidão que "*me toma*", desde que as pessoas próximas dela passaram a evitá-la e até passar perto da casa onde mora desde o momento em que a notícia correu pela comunidade de que o seu companheiro tinha ficado enfermo e foi diagnosticado como contaminado pelo covid-19. Relata a dor pelo falecimento do esposo, o velório que não houve e o enterro em que só ela compareceu, já que o filho e a neta estavam doentes com suspeita de terem contraído a virose.

Desabafa também, sobre as dificuldades da vida desde que resolveram se mudar para o Rio de Janeiro. Mas, afirma que, até um pouco antes do marido "*aparecer doente*" tudo ia "*nos trinques*" e a gente se bastava; revela ainda que "*a gente tinha uma rede de conhecidos por lá*" (a comunidade onde reside em Duque de Caxias) que "*dava prá nós ir vivendo, quase do jeito lá de nossa rua, que nós morava lá, na Torre*[11]*, que você conhece muito bem...*".

Com o adoecimento do marido, logo veio a suspeita de contaminação pelo coronavírus, a confirmação da suspeita e, a seguir, a morte. No mesmo processo se deu o adoecimento do seu filho e de sua neta; os dois se encontram em casa sob suspeita de estarem

---

[11] Refere-se ao bairro da Torre, na cidade de João Pessoa, Paraíba, onde residia. A rua em que moravam foi estudada por mim durante mais de duas décadas, ver, Koury (2018a).

contaminados pelo vírus corona, mas sem resultados definitivos dos exames[12].

O marido morreu em casa. Segundo ela, ele foi liberado do hospital por ter "*ficado melhor*", e sob a alegação de que era melhor prá ele se tratar em casa, pois no hospital podia piorar e voltar a ser contaminado. Logo depois, na mesma semana em que foi liberado, veio a falecer.

A morte do companheiro e o filho e neta sob suspeita de contraírem o vírus, colocou a sua casa e ela própria sob suspeição da comunidade. Todos passaram a evitar passar por perto de sua residência. De acordo com o seu relato:

> a minha vida desde então desandou... Já não tenho mais ninguém prá conversar... parece que virei uma *leprosa*, todo mundo corre de mim, me atalha[13] prá não ser contaminada. Eu acho, eu virei o vírus mesmo prá essa gente...
>
> Desde que eu fui despedida, eu num arranjo mais emprego... minha vida ficou de cabeça prá baixo... contando assim pra você, dá até vontade de rir, mas só faço chorar...
>
> Como não bastasse tudo isso, a mulher do meu filho abandonou ele e a filha desde que [o marido da interlocutora] ficou doente... e, tudo então só complicou: logo depois eles adoeceram também, e eu sozinha a cuidar de tudo, e tenho ainda que cuidar deles dois (do filho e da neta), e de correr atrás da papelada para dar entrada na pensão (do companheiro)... ...e fazer tudo em casa, sozinha...

---

[12] Sou informado por "*zap*" no dia 14.05.2020, pela manhã, do falecimento do filho no sábado (9.5.2020) e mais um enterro rápido, sem velório e sem amigos presentes. Informa na mesma mensagem via Whatzap que a neta "*parece*" se encontrar melhor e já "*saiu da cama e brinca pela casa...*". Em conversa por telefone em 30.6.2020, informa que a sua neta "*está curada*" e, apesar disso continua morando com ela. A mãe "*desapareceu no mundo e deixou a pobrezinha sozinha comigo...*".

[13] O termo *atalhar*, tem o sentido êmico de *evitar*.

> Eu acho que to endoidecendo, ficando desbirutada com tudo isso! Vez por outra tenho umas ideias na cabeça de desaparecer prá sempre, mas aí tem o menino e a netinha e eu abafo em meu peito essas ideias, e tento fingir que tudo vai se resolver!... Mas o que incomoda mesmo é num ter míngüem pra conversar, pra eu desabafar!...

As emoções ansiedade, medo e tristeza, quase depressão, como bem precisas na narrativa acima, provocam sofrimento individual e social, moldam o humor cotidiano, afetam as relações pessoais, e ampliam as crises individuais no enfrentamento do novo momento situacional vivenciado. São emoções que estão presentes também nas conversas que tenho tido com diversos interlocutores, homens e mulheres, em conversas informais por meio do whatsapp, por e-mail ou por celular.

Em todas elas a mudança de humor no decorrer de um dia e no passar dos dias são expressas de forma quase gritante. A disposição flutua e facilmente pode dominar a vontade e provocar sentimentos de tristeza no que concerne ao presente e à falta de esperança e perspectivas quanto ao futuro.

Em diversos casos a mim narrados, a vida em quarentena a ansiedade e o medo pessoal e coletivo são revestidos por uma sensação de tristeza[14]. Tristeza "*sufocada*", "*abafada*" para não envergonhar a si

---

[14] Também tenho recebido demonstrações de tranquilidade frente à nova situação enfrentada com a pandemia e com o isolamento social provocado, como a que recebo nesse instante em que escrevo de uma ex-aluna, que informa que "aqui em casa tudo tranquilo, adoramos estar juntos, tenho medo é de sair à rua e pegar esse vírus", entre outros próximos. Uma tranquilidade assustada, portanto, pelo vírus e sua ameaça. Essa tranquilidade nas entre linhas da mensagem é sobressaltada a cada minuto pela dificuldade e falta de controle de saber até onde, mesmo em casa, se está de fato protegido. O até onde os arranjos domésticos para a desinfecção são satisfatórios para a evitação do contágio no plano pessoal e familiar, preenche a tranquilidade de uma fantasmagoria inquietante.

mesmo, nem preocupar ou constranger os outros com que convive. Essa tristeza contida tem levado muitos interlocutores a narrarem à dor reprimida como insuportável, beirando, em muitos casos, à depressão, e à vontade de "*desaparecer*", de "*deixar o barco seguir pelas águas que quiser*".

O abafar a tristeza, amplia a sensação de angústia associada à culpa de querer escapar da situação em que se encontram subsumidos[15]. A culpa, de um lado, por ter querido deixar de lado os outros relacionais e de ter se obrigado a seguir junto a eles e cuidando deles. De outro lado, contudo, a tristeza contida também compromete as redes de apoio com que se sustentavam coletivamente: em casa, na narrativa nostálgica da "*rua*", de poder sair, de poder se divertir, de poder ir ao trabalho ou a escola, entre outros "*alvedrios*[16]", no encontro com vizinhos e amigos, ou mesmo de colegas de trabalho. O termo alvedrio foi usado pelo interlocutor para contextualizar o sentimento pessoal de reclusão e solidão que vem sentido no contexto do isolamento social. O uso da palavra teve o sentido preciso de uma visão nostálgica de quando "*eu podia ser dono de mim mesmo*", de administrar de novo a sua vida, de poder caminhar, sair para ir à padaria, ao banco, "... *aonde eu quisesse ir...*".

De um lado, a palavra alvedrio usada e explicada por ele na conversa representava os dois aspectos significativos de suas sensações nesse "*já longo*" isolamento. O primeiro aspecto remete para a ideia de solidão, do não poder sair de casa, do não poder ver a

---

[15] Ver para a questão da sensação de angústia associada ao sentimento de culpa, as reflexões existencialistas de Kierkegaard (2011) e de Sartre (1987; 1960).

[16] A palavra *alvedrios* é sinônima de *liberdade*. O termo foi usado por um interlocutor, em uma conversa informal, através do *Messenger*, no dia 24.4.2020, para contextualizar o sentimento pessoal de reclusão e solidão que ele vem sentido nesses um pouco mais de quarenta dias de isolamento social.

família e os amigos, de não mais ir a praça jogar dominó. Essa ideia de solidão, porém, é moderada por ele, racionalmente, como uma necessidade de não só evitar a doença para si, mas de "*ajudar no controle dessa peste que ameaça o mundo*".

A solidão assim se torna um termo ambíguo, na sua fala. Apesar de "necessária", cria um vazio de ação e uma quebra de perspectivas quanto ao futuro imediato e o faz seguidamente ter crises de humor, que o faz sentir-se "*impotente*" e "*sem esperança*", o levando a encarar o envelhecimento pessoal, "*que antes eu não sentia assim*", como um fardo para si, e para o social.

O segundo aspecto já anunciado na última frase acima, fala de uma solidão como dolo. De um lado, concebe este sentimento através de uma crescente e dramática culpabilidade "*frente a mim mesmo*" por estar vivo, e por querer uma autonomia que já não possui e que a quarentena demonstra a ele todo "*santo dia*!". O que provoca nele uma tristeza e sentimentos nostálgicos de quando era "*mais moço*" e da rua, como representação de liberdade. Liberdade esta que, de forma ambivalente, ele sabe "que é fictícia", e trazida e ampliada pelo isolamento.

De outro lado, o sentimento de solidão fala do estigma de ser velho em uma cultura "*de juventude eterna*". Relata episódios em que precisou sair de casa para comprar pão e coisas para casa, para ir ao posto tomar a vacina de gripe, e para resolver problemas específicos, e a sensação pessoal era de envergonhamento, de estar fazendo "*coisa errada*", apesar de "*eu estar de máscara, e com um álcool gel no bolso, e de cinco e cinco minutos esfregar em mim*". Uma sensação de "estar cometendo um crime contra a humanidade, o que me incomodou muito todas às vezes que precisei sair".

O sentimento de solidão, ao ser rompido em sua ida à rua, tornou-se para ele em uma impressão de

> "ser um sujeito 'perigoso', ao ver as pessoas se afastando de mim, me evitando e, em algumas vezes... a ser agredido verbalmente por pessoas que também trafegavam na calçada ou estavam nas lojas, no banco, na farmácia e nos cantos todos, até menos 'protegidos' que eu, mas resguardados na sua juventude, e no seu horror pela ameaça que eu representava ali frente a eles, com a minha velhice... Usavam frases agressivas e gritos de 'vai prá casa, velho!', '...tá fazendo o que na rua!', '... lugar de velho é em casa ou no asilo...', me fazendo sentir receio de ser agredido fisicamente, e também, provocando em mim o mesmo horror de saber que causava tamanho desprezo em pessoas que eu nunca vi..."[17].

Processo narrado com medo, como falência moral e sentimento de culpa por ser um indivíduo "*velho*" que causa aversão, asco e receio de contaminação nos outros, que aumenta a sua solidão.

A sensação de ansiedade individual de formas e motivos variados se encontra presente também em vários depoimentos de interlocutores das classes médias, sobretudo, associado à tensão familiar e coletiva. O que tem suscitado estranho sentimento de torpor associado ao medo de que "*isso não acabe nunca!*", alimentando a tristeza. Muitas vezes, também revela o aparecimento de atitudes e ações repressivas, como também, de efusões agressivas para consigo próprio ou em relação aos outros relacionais ou aos outros abstratos[18].

---

[17] O interlocutor é aposentado, tem 78 anos e reside na cidade de Fortaleza, Ceará. Mora só desde o divórcio com a segunda esposa, "isso tem mais de vinte e tanto anos". Tem, com a segunda esposa, dois filhos adultos: – "*um mora na Bahia, e o outro em Minas Gerais, eu sempre eu os via, eles vinham ou eu ia passar um dia ou dois prá vê-los e ver os netos... mas, desde então, com a quarentena, nunca mais os vi e fui aconselhado por eles a não vir até essa coisa toda passar*!".

[18] Tais como os idosos, os membros de familiares infectados, as pessoas que retornam de viagens "*ao estrangeiro*", os estrangeiros no país, e as pessoas residentes em áreas de alta incidência e contaminação intituladas pelos interlocutores de os "*miseráveis do país*", isto é, os sem-teto e a pobreza em geral.

Episódios de raiva e de ira se tornam corriqueiros nas narrativas, e ampliam a tensão pessoal e familiar, no isolamento. A ambivalência dos cuidados pessoais e domésticos muitas vezes tem provocado exclusões sociais, em uma lógica da segregação inconsciente de pessoas consideradas como grupos de risco. Em muitos casos, as evitando e, mesmo, segundo relatos, chegando a atitudes agressivas para com elas.

Esta ambivalência, muitas vezes inconsciente, de interlocutores que pendem – inseguras e na incerteza, – entre o que é agir certo e o que é agir errado na busca pessoal de garantia de imunizar-se e proteger os seus. Processo que vem aumentado o sofrimento social, e também expandindo o sofrimento individual de promoção da evitação, pelo "*remorso e culpa*". Processo que oscila, ao mesmo tempo, pela dor pessoal do evitar "*como cuidado do outro*", quanto pela racionalização de que, "*infelizmente, fiz o que tinha que ser feito*".

Narrativas oscilantes de raiva e ira são construídas como processos vividos pelos interlocutores quando descrevem a "*roda viva*" em que se encontram submetidos e expostos. Roda viva que anuncia um ciclo crescente e contínuo de um aumento cada vez mais angustiado do sentimento de culpa, que pontua um acrescer na tristeza, e expande a ansiedade e o medo, causando desespero, e o receio de até onde é possível o autocontrole, ao lado de um "*eu acho que to endoidecendo, ficando desbirutada com tudo isso!*".

Este cenário, ao mesmo tempo, é continuamente forçado pelo quadro político e institucional em que se move o país nesses tempos de Bolsonaro, equipe e parceiros. O ambiente armado expande a sensação de insegurança pessoal e coletiva do brasileiro comum, sobretudo os das classes médias. De um lado, constrangidos e

tentando acertar, buscam moldar o seu cotidiano a uma construção insegura, – movida pela incerteza sobre o certo e o errado, – de se ajustar às regras de controle[19] sobre a pandemia em novas rotinas diárias de segurança pessoal e familiar: como a de seguir as normas de desinfecção pessoal e doméstica, e da evitação de grupos considerados de risco, "*para protegê-los*". Ambas lidas como propostas pelos canais sanitários da Organização Mundial de Saúde e de órgão de saúde pública locais.

De outro lado, contudo, se sentem "*boicotados*" e ameaçados em relação à insistência do Governo Federal, através de ações públicas, de voltar às costas à pandemia, em um momento de crescimento vertiginoso de casos diagnosticados de contaminação no país. E caminhar ao contrário às recomendações das unidades sanitárias, forçando a população a romper o isolamento, e ameaças veladas ou efetivas para efeito demonstrativo de demissão em massa, ou de retorno imediato às atividades presenciais de trabalho, afora o uso de termos como *frouxos*, *covardes*, para aqueles e aquelas que se deixam "*trancar em casa*", em vez de sair para as ruas "*em busca de garantia de seus empregos*" e de "*por comida na mesa*" da família. O que ocasiona mais ansiedade e medo do presente instável, e a incerteza do futuro. E a crises de agressividade e raiva frente à impotência em que se encontram.

• • •

[19] Ver a interessante discussão trazida por Coelho (2020) em relação às práticas de desinfecção em uma situação de pandemia, como a vivida mundialmente, em um cenário onde informações técnicas médicas-científicas, são repassadas em profusão para a sociedade, em uma linguagem para leigos, pela mídia e redes sociais, e como a população que opta seguir às regras de desinfecção se situa nesse emaranhado.

Para os mais pobres[20], falando aqui principalmente dos desempregados, subempregados e do grande número de trabalhadores de serviços e de profissões diversas, no trabalho informal, a crise vivida escancara mais o seu status de *deserdados* sociais[21]. Formam um imenso contingente de pessoas que se sente à margem da sociedade, em uma sociedade desigual como a brasileira. Pessoas que, a cada dia, torcem para que não aconteça nada com eles e com os seus. O sentimento é de *indiferença* em relação à dramaticidade da crise, e encaram a pandemia, muitas vezes, como um momento em que os bicos acontecem; ou em muitos casos, se *atemorizam*, mas respondem ao temor com um

---

[20] A partir de 17.03.2020 praticamente dobram o número de casos de contaminação no país, levando-se em conta apenas os dados oficiais dos diagnosticados com a enfermidade, em números brutos, tem-se em 17.3 291 casos confirmados pelo coronavírus no país. Número que não para de crescer e que coloca o país do mês de julho de 2020 em diante no segundo lugar de um ranking de contaminação e mortes pelo coronavírus no mundo. O índice de contaminados pelo covid-19 praticamente dobra no país a cada semana. Com a expansão do processo epidêmico do coronavírus no país, a tragédia da desigualdade social mostra a sua face mais cruel. São os moradores de bairros e comunidades pobres e periféricas do país que despontam entre os mais atingidos e mais desprotegidos. Dependentes de um sistema público de saúde solapado a cada dia por desmandos do governo federal e seus aliados, muitos morrem em casa, sem sequer ter conseguido ver um profissional de saúde, e com o déficit de leitos nos hospitais e clínicas do país. Por sinal, uma petição popular solicitava que os leitos de hospitais privados tivessem alas cedidas para o sistema público de saúde. O Governo Federal foi contra, e o Supremo Tribunal Federal seguiu a orientação do governo recusando a petição popular. O que revela, assim, por um lado o descaso com a pobreza no país e, por outro lado, escancarando a face cruel da desigualdade e de uma nação dividida entre os que possuem e são cidadãos e os que só têm a força de trabalho, subcidadãos, e são marginalizados e tratados como descartáveis.

[21] Sem esperança, essas pessoas lotam as igrejas evangélicas ou movimentos carismáticos em busca de um consolo e, muitas vezes, se tornam massa de manobra para o movimento neopentecostal associado ao poder bolsonarista. Do mesmo modo que, iludidos por um pedaço de "*pão com mortadela e um copo frio de café*" participam de manifestações contrárias a carta constituinte, e, inclusive, contra si mesmos; quando não são acoplados a grupos marginais ligados a milícias clandestinas, e quem sabe mais o que... A grande maioria, contudo, busca apenas sair vivos dessa pandemia, e continuar na busca incerteza da sobrevivência cotidiana.

> não tenho muito o que fazer, tenho que enfrentar e orar para que não me botem prá fora do trabalho, como está acontecendo muito em muitos cantos. Tenho várias conhecidas e vários conhecidos que dão na rua da amargura, pois foram eliminados dos cantos que trabalhavam como faxineiros, como entregador, como atendente de loja, que tão na rua... Eu saio de casa e oro prá voltar viva e meus filhos estarem bem... Tenho dois filhos pequenos e não tenho de onde buscar ajuda para criá-los. Sou eu e só...

É uma população marginalizada, de homens e mulheres jovens e velhos que passa o dia em busca de atividades fora de casa. Que se deslocam muitas vezes a pé, em grupos, por não terem dinheiro para o transporte, ou não poderem usá-lo, pois "*fará falta*", ou enfrentam transportes coletivos lotados, em um intenso contato com outros desconhecidos ou não que seguem para "*ganhar o dia*". São pessoas desprotegidas, e que se sentem à mercê do que vier acontecer com eles no decorrer do dia, ou da vida. Como me falou um senhor de "meia-idade", como se definiu, "... moço, gente como a gente só tem um caminho, é batalhar e batalhar de novo, todo santo dia, chova ou faça sol... o coração aperta vez por outra, quando a gente chega em casa sem uma comida nas mãos e sem um trocado no bolso! ...mas, chega de madrugada e ta a gente de novo em pé, encara o fato, não tem outra alternativa... então, a gente diz não ao coração, endurece os olhos e, seja lá o que for, a gente enfrenta...".

Em conversa com um rapaz desempregado, que ganha a vida como *motoboy*, e faz bicos como entregador de encomendas pelas ruas da cidade do Recife, Pernambuco, diz que teve "*a sorte de ter arranjado com uns comparsas um dinheirinho que deu prá pegar essa moto velha que dirijo*". Falando do seu dia a dia, narra que

> ... a gente sai de casa de manhã e não sabe a hora que volta, e se volta... Eu tenho minha mãe velhinha pra cuidar e a gente

> sobrevive com a pensão dela que é menos do que um salário. Então eu é que tenho que abastecer a casa...
>
> Tenho na vida a sorte de ter essa moto, de ter a minha mãe e uma saudação diária de 'vai com fé filho, que deus dará... '.
>
> Meu futuro é esse, chegando aos trinta, sem estudo, só com a mulher que me botou no mundo e o medo diário de pensar que posso voltar prá casa sem nada no bolso e nas mãos...
>
> ...esse tal de corona eu sei que é perigoso, mas... até que ele trouxe mais dinheiro no bolso, pois tem crescido os pedidos para eu levar e as gorjetas tem pingado mais...
>
> ...no mais, espero sair dessa doideira com vida. Sou jovem e tenho saúde... acho que esse corona não me pega, mas se pegar... eu não quero pensar nisso não, ta?"

Esta população pobre, como o senhor de meia-idade, ou o rapaz do relato acima, é composta por uma massa anônima de pessoas que sobrevivem com uma renda mínima adquirida a cada dia de esforço pessoal e "*da sorte do que aparecer*". São pessoas que depende de sair à rua diariamente para o seu sustento e de sua família.

São pessoas que acordam de madrugada e seguem toda manhã para o trabalho como diaristas ou autônomos, e que se colocam em filas para ver se conseguem trabalho para aquele dia. São indivíduos que vivem a insegurança do dia de hoje, que vivem o hoje, porque o amanhã, se houver, será um novo hoje a ser conquistado e batalhado.

São pessoas que vivenciam o cotidiano da precariedade, da incerteza, e do medo de não ter o que levar para casa no final do dia. Que vivem o cotidiano na busca e apreensão de "*ganhar um trocado*" e "*batalhar pelo pão de cada dia*".

É uma população que vive em periferias com alta densidade demográfica e residem em moradias precárias com grande número

de pessoas. É uma população que, mesmo quando "*em casa*" fica nas portas e nas calçadas, para "*esfriar um pouco, antes de a gente ir prá cama... pois o calor é danado lá dentro...*", ou para "*conversar com gente prá se inteirar das novidades e dos pontos em que a gente deve seguir prá pegar uns bicos...*".

São pessoas que se arriscam dia a dia, em tempos normais e em tempos extraordinários, como o da pandemia que se vive atualmente no mundo e no país. A eles sobram a *sorte* ou a *sina*.

Sorte de ter aumentado os *bicos* e o "*dinheirinho escasso no bolso*". Sina por sua vez, por ter contraído a doença ou por ter mais trabalho "*do que já tenho*" para cuidar dos seus doentes em casa ou hospitalizados, ou de ser despedido de trabalhos "*certos*" ou de "*carteira assinada*" e não ter encontrado outro e de não mais encontrar trabalho. No resto, nessa condição de incerteza cotidiana, só resta *orar* ou *rezar* e ver se "*num passe milagroso eu e os meus sai dessa sem morrer...*". Como, levantando as mãos para cima, me falou uma senhora que encontrei na escadaria do prédio onde moro e que

> graças ao meu divino senhor, eu ainda tenho esse fixo semanal de faxina, pois não me botaram pra fora ainda, como nas outras casas e apartamentos que trabalhava.
>
> Eu aqui faço faxina, aqui no prédio, há uns quatro anos. Faço faxina em apartamentos de umas gente que moram no interior e passam os fins de semana na capital. Venho uma vez por semana e faço o serviço geral neles... sou boa nisso....

Essa senhora sai de sua casa, diariamente, às quatro da manhã, depois de fazer a arrumação na sua casa e deixar "*os preparados do dia já encaminhados*" que os filhos de 12, 10, 9, 7 e 5 anos de idade terminam de preparar. Volta, às vezes, muito tarde, "*caminhando a pé junto com umas gente que mora perto*", até a sua casa. De tão

"*cansada que eu chego... só dou uns xero nas crianças e uma olhada na casa e caio dura na cama, que reparto com os meus* [três] *filhos menor*". As duas da manhã "*eu já tô de pé nos preparos da casa e às quatro já na rua, e seguindo com as gente que também tão indo prá mais um dia...*".

Como esta senhora, – que se diz "*sem homem no momento*", – muitas outras mulheres e homens vivem situações semelhantes. Passam um dia extenuante na *rua* e um retorno à noite para um ambiente doméstico pequeno, precário e dividido com um companheiro ou companheira, (quando há) e vários filhos; quando não com vários casais, de marido e mulher de filhos grandes que coabitam nas casas dos pais em puxadinhos, ou "*se atropelando pelo chão da casa, com uns panos feitos cortina pra separar os casais*", como me relata uma senhora de 65 anos que mora com quatro filhos adultos e seus respectivos companheiros e companheiras, e netos, em sua residência de dois cômodos, na cidade de João Pessoa, Paraíba.

Para Adorno (2020), "*a pandemia ressalta, de maneira dramática, toda a escandalosa desigualdade social do país*...". A desigualdade gritante dificulta o controle epidêmico nas áreas periféricas de elevada densidade demográfica em que reside a população pobre do país. Lugares de habitações precárias, com alta densidade ocupacional por local de moradia, onde não há esgotamento sanitário e nem ao menos, muitas vezes, água enganada[22].

● ● ●

[22] É importante frisar, aqui, que o governo federal, desde que Bolsonaro assumiu a presidência, vem dilapidando os esforços de garantia de uma *conta social* para água e luz nas periferias, feitas durantes os regimes democráticos posteriores ao golpe militar de 1964, complicando a vida dos seus moradores, e dramatizando ainda mais a situação desses agrupamentos em um período de crise sanitária como a que se vive hoje com a pandemia do covid-19.

Este ensaio refletiu sobre como a população brasileira vem enfrentando a crise sanitária ocasionada pela expansão do covid-19, em um momento nacional de grave crise político-institucional e anticivilizatória. A análise recaiu sobre as emoções suscitadas por este cenário delicado da vida nacional, que coloca os brasileiros em isolamento social. Debruçou-se sobre a construção insegura de novas rotinas diárias de segurança pessoal e familiar, em que o medo, a ansiedade, a tristeza, e a desesperança são tematizadas na ambivalência de um sentimento de culpa pessoal de não se ter certeza da saída da crise, associado a uma tentativa de "pensar positivamente" para não agravar a insegurança familiar.

Pensar a pandemia e as emoções em um país de terceiro mundo como o Brasil, assim, é pensar a dramaticidade da crise sanitária que vive o país, principalmente quando a presidência da república, seus ministros e aliados oportunistas viram às costas para a nação, afirmam que não existe surto epidêmico, e acusam o *coronavírus* de ser coisa de comunista que quer acabar com ele e o país. É refletir sobre um governo "eleito" que solapa os já frágeis direitos cívicos dos cidadãos e retira os direitos sociais da população, ao mesmo tempo em que convoca esta mesma "*população*" para não respeitar as regras básicas de controle epidêmico e sair às ruas para ir de encontro à "*virose comunista inventada para atrapalhar a economia do país*".

Enfim, pensar as emoções na pandemia, no caso brasileiro, é ter o coração em suspenso e apertado pela tragédia nacional vivida pela nação. É também de dizer *#fora bolsonaro* para, quem sabe, haja uma possibilidade, ao menos, de um novo governo que se volte para o social e assuma caminhos responsáveis para a ampliação democrática do país, e pelo retorno de um estado laico, com a separação do estado da religião, agora confundida e perigosa.

É importante frisar aqui, no momento de finalização deste artigo, que o país não vive só o medo, mas também vem produzindo processos de resistência contra a ação governamental da presidência e sua equipe ministerial em suas atitudes totalitárias e anticivilizatória. O pode ser sentido e visto nas ações das redes sociais e nos abaixo-assinados promovidos pela população contra os desmandos do governo. Tanto quanto nas solicitações públicas de impeachment e de pressões junto a deputados e senadores e aos ministros do Supremo Tribunal Federal para uma ação civilizatória e de frear o ilegalismo das ações federais que assolam o país.

Do mesmo modo são vistas e ampliadas ações de solidariedade no país. Ações estas que começam a ocorrer na procura de socorrer populações vulneráveis, como pobres, indígenas, quilombolas, religiões afro-brasileiras, de gênero e sexualidades, etc. descriminadas e em constante ameaça de grileiros, de mineradoras, do agronegócio, do capital financeiro, e de falsos moralistas com o aval e incentivo do governo federal, de um lado; e ações solidárias de tentar minorar a situações da população em estado agravante de pobreza, com campanhas de agasalho e alimentação, entre outras.

Outra forma de resistência da população, junto ao *#forabolsonaro* ou *#forabozo*, é a de seguir às medidas de isolamento social e denunciar as iniciativas presidenciais e de seus aliados contrárias à quarentena, com campanhas como *#fiqueemcasa*, espalhando e reforçando uma medida preventiva e situacional de controle da epidemia. Outra forma de manifestação da população é a de criação de espaços para mementos em que as pessoas podem escrever sobre as mudanças que vêem ocorrendo na sua vida cotidiana e dos seus nesse momento grave de pandemia e de isolamento social. Espaços de registro público sobre as perdas privadas e anônimas de familiares, de amigos, de conhecidos, de pessoas que admira, entre outras, na forma de um memorial às vítimas do coronavírus.

Referências

ADORNO, Sérgio. “Déficit habitacional é obstáculo para isolamento vertical, dizem pesquisadores”. Entrevista a José Tadeu Arantes. Boletim da Agência FAPESP, em 01 de abril de 2020. http://agencia.fapesp.br/32874/ (Consultado em 20.04.2020).

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. “O peso das desigualdades”. In: **Revista Pesquisa FAPESP**, *de 13.07.2020.* https://revistapesquisa.fapesp.br/o-peso-das-desigualdades/?%0Autm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=EdOnline (Consultado em 30.7.2020).

BOECHAT, Yan; BASSO, Gustavo. “Em São Paulo, número de mortes em casa dobra durante pandemia de covid-19”. In: O Globo, 26.4.2020. https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/em-sao-paulo-numero-de-mortes-em-casa-dobra-durante-pandemia-de-covid-19-1-24394376 (Consultado em 7.8.2020).

BOURDIEU, Pierre. **Sur l’État**. Cours au Collège de France, 1989-1992, Paris: Le Seuil / Raisons d’agir, 2012.

BOURDIEU, Pierre; PASSERRON, Jean-Claude. **A Reprodução.** Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRITO, Leonardo Octavio Belinelli de. “República, democracia e cidadania em tempos de pandemia: uma nota sobre a situação brasileira”. In: “Série Pandemia, Cultura e Sociedade”. **Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social, 2020.** https://blogbvps.wordpress.com/2020/04/17/republica-democracia-e-cidadania-em-tempos-de-pandemia-uma-nota-sobre-a-situacao-brasileira-por-leonardo-belinelli/ (Consultado em 20.04.2020)

CARVALHO, José Murilo, **República e cidadanias**, Rio de Janeiro: IUPERJ (Série Estudos, n. 26), 1984.

CARVALHO, José Murilo. “Cidadania, estadania, apatia”. **Jornal do Brasil**, 24 de junho de 2001.

COELHO, Maria Claudia. “Porcos-espinhos na pandemia ou a angústia do contágio”. **Dilemas:** Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, – série especial “Reflexões na Pandemia”, p. 1-10, 2020.

JOAS, Hans. **A sacralidade da pessoa.** Nova genealogia dos direitos humanos. São Paulo: Edunesp, 2012.

KIERKEGAARD, Søren A. **O conceito de angústia.** Petrópolis: Vozes, 2011.

KOURY, Mauro. “Exclusão social, Cidadania e Clientelismo: o pensamento autoritário no Brasil”. **RELACES Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, a. 11, n. 31, p. 42-47, 2019.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “Um excurso em torno das noções de situação limite, situação crítica e vulnerabilidades interacionais em contextos de co-presenças engolfadas”. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 51, p. 27-37, 2018.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Uma comunidade de afetos.** Etnografia de uma rua de um bairro popular na perspectiva da Antropologia das Emoções. Curitiba: Appris, 2018a.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “Fotografia e a questão da indiferença” (p. 67-85). In: KOURY, M. G. P. (Org.). **Imagens & Ciências Sociais**. João Pessoa: EdUFPB, 1998.

MARQUES, Patrick. “Governo federal nega apoio logístico para enviar estoque de caixões a Manaus diz associação. In: **G1**, 28.04.2020. https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/28/governo-federal-nega-apoio-logistico-para-enviar-estoque-de-caixoes-a-manaus-diz-associacao.ghtml (Consultado em 15 de julho 2020).

OLIVEIRA, Francisco de. “A cultura política do mando: subserviência e nossas populações pobres”, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.9 n.25, p. 38-44, 1994.

PINEZI, Ana Keila Mosca; CHESNUT, Andrew. “Jair Messias Bolsonaro como novo messias para evangélicos e católicos tradicionais”. In: **Observatório da Imprensa**, 11.12.2018. http://www.observatoriodaimprensa.com.br/eleicoes-2018/jair-messias-bolsonaro-como-novo-messias-para-evangelicos-e-catolicos-tradicionais/ (Consultado em 20.07.2020)

RIBEIRO, Gabriel Francisco. “Da CPMI à escavação de dados: como Facebook desmontou rede bolsonarista”. **Uol Notícias**. In: https://www.uol.com.br/tilt /noticias/redacao/2020/07/14/cpmi-e-stalker-como-investigacao-do-facebook-chegou-a-bolsonaristas.htm (Consultado em 1.8.2020).

SARTRE. Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SARTRE, Jean-Paul. **Situación III –** La república del silencio. Buenos Aires: Editorial Losada, 1960.

SHUKMAN, David. “Coronavírus no mundo: onde os casos estão subindo e onde estão caindo”. **BBC News.** https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53221331 (Consultado em 30.6.2020).

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SUDRÉ, Lu. Mais de 80% dos leitos de UTI estão ocupados nos 5 estados com mais casos da covid-19. In: **Brasil de fato**, 6.5.2020. https://www.brasildefato.com.br/2020/05/06/mais-de-80-dos-leitos-de-uti-estao-ocupados-nos-5-estados-com-mais-casos-da-covid-19 (Consultado em 20.07.2020).

VALFRÉ, Vinícius. ¨Religiosos formam rede de desinformação sobre covid¨. In: **O Estado de São Paulo**, 19.07.2020, p. A4.

Fontes virtuais

BLOG *Conversa Afiada,* 28 de abril de 2020. "Gilmar diz que não há clima político para o impeachment de Bolsonaro. https://www.conversaafiada.com.br/brasil/gilmar-diz-que-nao-ha-clima-politico-para-o-impeachment-de-bolsonaro/ (Consultado em 15.6.2020).

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. "Corpo de idoso que morreu com sintomas da covid-19 é deixado em carro de mão na Presidente Kennedy", em 24.4.2020. https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/04/corpo-de-idoso-que-morreu-com-sintomas-da-covid-19-e-deixado-em-carro.html (Consultado em6.5.2020).

CATRACALIVRE. https://catracalivre.com.br/entretenimento/declaracao-de-damares-alves-sobre-jesus-na-goiabeira-vira-meme/ de 12.12.2020. (Consultado em 06.08.2020).

RBA *Rede Brasil Atual,* em 24 de abril de 2020. "Em ruínas: Bolsonaro aposta na 'velha política' e nos militares para se salvar do impeachment". https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2020/04/bolsonaro-aposta-na-velha-politica-e-nos-militares-para-se-salvar-do-impeachment/ (Consultado em 25.4.2020).

INUMERÁVEIS – Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil. https://inumeraveis.com.br/

Rastreadores do covid-19 consultados

MINISTÉRIO DA SAÚDE, https://www.covid.saude.gov.br/

BING – Rastreador em mapa dinâmico do coronavírus, https://www.bing.com/covid/

VOLTA AO SUMÁRIO

CAPÍTULO 2

ALÉM DA CULPA E DA EXPIAÇÃO: COVID-19 E AS FISSURAS DE GRAMÁTICAS EMOCIONAIS

Fanny Longa Romero

Introdução

O título deste ensaio foi inspirado na obra de Jean Améry (2004). "De quem é a culpa? Pandemia reacende hostilidades entre EUA e China, que se acusam pela origem do novo coronavírus e espalham teorias infundadas"[1].

Essa é a manchete de um dos principais jornais de circulação nacional no Brasil. Ela inicia com um questionamento *De quem é a culpa?* que podemos decifrar como uma discursividade relacionada ao *campo* (BOURDIEU, 1996) das moralidades e da *economia emocional* para a compreensão das tensas e indeterminadas relações entre individuo e sociedade (SIMMEL, 2005, 2006, 2011; ELIAS, 1994; KOURY, 2009). Em notícias da imprensa, virtual e escrita, como essa tem rondando a ideia geradas no âmbito da pandemia da covid-19, a ideia de que existe um culpado, ou de que a culpa,

[1] https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2020/03/19/de-quem-e--a-culpa.ghtml

pela emergência letal da doença tem como contexto a China. A partir disso, supostos culpados e acusadores fazem sua entrada na cena pública com desabafos que contribuem tanto para o reconhecimento de *uma culpa*, e o posterior arrependimento pela omissão de dados e informações sobre a doença[2]. Como fenômeno social, e na esfera do senso comum (GEERTZ, 1997), a culpa então aparenta mostrar-se a emoção que orientaria o rompimento de vínculos sociais. Contudo, algumas reflexões analíticas, a partir de um debate no campo da sociologia das emoções nos ajudam a entender melhor esses fenômenos próprios das sociedades modernas.

O objetivo deste ensaio é problematizar e compreender de que modo determinadas emoções, moralidades e dispositivos de poder, enquanto construtos culturais, são potencializadas em situações de acentuada crise humanitária, como é o caso da pandemia covid-19, cuja capacidade de infecção, contágio e letalidade parece colocar em xeque a dialética relação do homem com a natureza, e as interdependências de aspectos da interação social em uma ampla diversidade de sociabilidades.

As reflexões têm como pano fundo duas hipótese gerais: a primeira é que fenômenos sociais como pandemias são um *fato social total* (MAUSS, 2003) e influenciam, de forma interconectada e tensionada, todas as dimensões da vida social. A segunda, as pandemias atendem a processos de continuidades e descontinuidades na relação natureza e cultura.

Neste ensaio, se destacarão algumas inquietações analíticas com relação à primeira dessas formulações. Daremos certa centra-

[2] Disponível em: https://g1.globo.com/google/amp/ciencia-e-saude/noticia/2020/01/27/prefeito-de-wuhan-admite-ter-demorado-para-responder-a-surto-de-coronavirus-e-diz-que-deixara-cargo.ghtml. (Consultado em 07 de maio de 2020.

lidade à vergonha como categoria de análise (SCHEFF, 2013), em interconexão com a culpa e problematizamos, de forma sucinta, noções como sofrimento social, corpo e morte, a partir da ênfase analítica de uma cultura emotiva em perspectiva processual (KOURY, 2009, 2011, 2014a, 2014b) e, mas amplamente sobre a temática indivíduo e sociedade (ELIAS, 1994; SIMMEL 2005, 2006, 2010, 2011). O enfoque metodológico é de caráter qualitativo e como dados de análise usamos algumas fontes da imprensa, via Internet, que tratam a questão da pandemia covid-19, no contexto do Brasil e de outras regiões do mundo.

A aposta da nossa análise não é pretensiosa, mas busca evitar o lugar-comum que envolve certo pensamento maniqueísta de evidenciar o lado ruim e bom dos efeitos da pandemia covid-19 como experiência vivida. Distanciamos-nos de um tipo de esquematismo que se debruce entre as causas e consequências da fatalidade da pandemia e suas formas de superação. Pressupomos que, mesmo com as expectativas e os imaginários sociais associados a um mundo pós-pandemia, as transformações radicais, ou não, para o mundo moderno não devem ser pensadas de modo lineal e rígido, e sim atendendo a uma dinâmica processual do social.

Trata-se, no decorrer do recorte deste ensaio mostrar, de forma sucinta, e com base em algumas formulações de Elias (1994) e Scheff (2013) porque devemos trazer a emoção da vergonha no centro do debate para problematizar algumas reflexões relacionadas com a pandemia covid-19. Mais amplamente, interessa entender de que maneira o conceito de vergonha pode levar-nos às interdependências dos jogos interacionais do individual e o social, a situar o conceito de corpo como dispositivo de poder nesse contexto, assim como alguns entendimentos sobre as noções de dor, morte luto e violência Talvez desse modo, o título deste ensaio faça maior sentido nos termos de ir além da culpa e da expiação.

Vergonha, culpa e o vírus interconectado

No debate teórico-metodológico da sociologia das emoções no Brasil, e em outros âmbitos, uma questão relevante tem sido a problemática da vergonha como emoção central e articulada a uma sociabilidade determinada. Mesmo não sendo um fenômeno universal para o entendimento do social, é possível afirmar com base na proposta de Elias (1994) que ela tem papel fundamental na constituição das sociedades modernas e civilização.

Em um ensaio intitulado *Vergonha no Self e na sociedade*, Scheff (2013) realiza um esforço reflexivo importante sobre o mapeamento conceitual e histórico do conceito de vergonha em distintos domínios e campos disciplinares. Entre seus objetivos está problematizar, em zigue-zague, diversos autores, problemáticas, orientações teóricas, limites ou descobertas relacionadas com a noção de vergonha.

Esse conceito é entendido por ele e outros autores como a emoção social central na elaboração de relações sociais e vínculos entre os indivíduos; em síntese, a vergonha parece ser um elemento fundamental na interação social. Scheff (*op. cit.)* nos oferece diversos argumentos que buscam comprovar a tese de que a vergonha, de fato, não pode ser explicada em termos essencialistas e muito menos como um fenômeno associal.

Elias (1994) chega a essa conclusão por meio de uma exaustiva análise e acompanhamento de processos sociais, de longa duração, e em atenção ao estudo das "boas maneiras", costumes, comportamentos, regras de etiqueta focando, por exemplo, as maneiras à mesa, posições e movimentos do corpo, expressões de raiva, a partir do estudo de manuais periodizados desde a Idade Média até o século XIX. Segundo Scheff (2013, p. 668), Elias mostra, de fato, a

centralidade da vergonha sem chegar a defini-la. Reconhece, no entanto, que o autor investe nessa emoção como fenômeno central dos processos interacionais e aponta para o lugar de *clandestinidade* que ocupa nas sociedades modernas. Eis a contradição.

A compreensão eliasiana é relevante para entender, por exemplo, a diminuição dos limiares da vergonha e, ao mesmo tempo, a diminuição do seu reconhecimento em relação ao autocontrole de outras emoções. Raiva, culpa, medo, e o entendimento da repressão da sexualidade como *vergonha não reconhecida* (SCHEFF, 2013, p. 669) entram nesses processos de interação de vergonha. É importante chamar a atenção para o fato de que a proposta de Elias almeja uma construção teórica de natureza processual do social na constituição da civilização moderna. Ou seja, um entendimento das interdependências do indivíduo relacional e coletivo, em uma escala temporal de longo prazo.

A centralidade da vergonha como categoria de entendimento do social consiste na inter-relação da sua negação com a ameaça do rompimento dos vínculos sociais. A relevância do conceito para os efeitos deste ensaio se fundamenta no fato de que, mesmo supondo a partir de um senso comum (GEERTZ, 1997) que a culpa como emoção entra em cena na contingência específica da pandemia covid-19; ela, de fato, é um construto cultural cujo conteúdo se vincula estreitamente à vergonha como emoção central dessa nova experiência de sociabilidade.

Devemos considerar aqui também outros processos sociais e simbólicos que se articulam, também com a vergonha e a culpa. A perspectiva mitológica, em especial, uma *mítica concreta* (RICOEUR, 2011) judaico-cristã, poderia influenciar o acionamento do dispositivo vergonha-culpa e situa-las como inseparáveis de determinadas

ações, práticas e sensibilidades individuais e coletivas, específicas. Com base em uma metáfora inspirada no interacionismo social de Goffman (2003, p. 137) poderíamos pensar na vergonha-culpa como o "*farol*" do teatro. Nessa posição, elas poderiam ser outros membros da plateia, que não se encontram apenas em espetáculos pouco respeitáveis. A vergonha- culpa, assim, é um elemento chave e maleável da vida social.

Os processos emocionais são relacionais e suas ligações envolvem correlações com a estrutura do social. Nesse sentido, usamos a proposição de Scheff para situar a vergonha um *componente chave da consciência* moral. Ela nos remete a questões de *transgressão moral*; em síntese, e para os objetivos deste trabalho, queremos reter a formulação de pensá-la como o *giroscópio moral* nas sociedades modernas (SCHEFF, 2013, p. 677).

Essas argumentações ajudam a entender, no contexto da pandemia covid-19, a aparição de termos como *vírus chinês*, *coronavírus Wuhan*[3] e a reedição de locuções como "vírus estrangeiro", veiculados por atores como chefes de estado, ministros, políticos, e incorporados como discursos do senso comum. Há aqui uma esfera de classificações de estigmas e constrangimentos morais (GOFFMAN, 2011).

Tais classificações contêm em si mesmas a formulação de uma alteridade radical (PEIRANO, 1999) e, principalmente, são alimentadas por jogos de poder que aquecem ou esfriam velhos dilemas políticos e conflitos entre moralidades em jogo. Atualmente, estamos diante de uma série de discursos políticos, religiosos, midiáticos, entre outros, que, de fato, atravessam os mesmos problemas,

---

[3] Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2020/03/19/de-quem-e-a-culpa.ghtml-1/, (Consultado em 07 de maio de 2020.

disputam a reificação de dicotomias e binarismos paralisantes.

Alguns desses discursos são do campo médico, na fala do ex--ministro Luiz Henrique Mandetta[4]:

> Hoje é um dia marcado por sentimentos muito distintos: o *sentimento especial* de dia das mães e o *sentimento* que reflete o *sofrimento* e a triste das mais de 10 mil mortes causadas pela covid-19.
>
> Aqui vai a minha *solidariedade*, o meu carinho, àquelas mães que *perderam* seus filhos ou filhas; àquelas mães que estão com seus filhos na linha de frente, que têm *angústia*, com medo do que pode acontecer com eles; aos filhos que perderam suas mães, porque algumas mães certamente foram *perdidas* neste caminho.

Sentimento, *sentimento especial*, *sofrimento*, *angústia*, *perdida* são elementos acionados nessas narrativas que nos levam a pensar em problemáticas sobre os sentidos que estão sendo construídos socialmente no contexto da pandemia covid-19. Uma determinada gramática de emoções e moralidades está sendo situada como teia de significados (GEERTZ, 2008) em um contexto de *emergência* desse componente chamado *medo global* que, talvez, não seja uma categoria tão nova como se pensa.

Outras correlações como a perda do ser querido com a perda de si mesmo, pelo "caminho" da letalidade da pandemia da covid-19, são percebidas nesses discursos, assim como a noção do significante – luto- na arena dos rituais sociais da política brasileira. A mesma matéria citada acima, assim o refere[5]:

---

[4] Disponível em: http://brazukanews.org/11-mil-mortos-por-coronavirus-bolsonaro-silencia-ministro-da-saude-lamenta/. (Consultado em 14 de maio 2020.

[5] Disponível em: http://brazukanews.org/11-mil-mortos-por-coronavirus-bolsonaro-silencia-ministro-da-saude-lamenta/. (Consultado em 14 de maio 2020.

> De outro lado, os presidentes da Câmara e do Senado, respectivamente o deputado Rodrigo Maia (DEM) e o senador Davi Alcolumbre (DEM), decretaram *luto oficial* de três dias em homenagem aos 10 mil mortos no país.

Há nessa narrativa uma alusão a *luto oficial* que, de certa forma, nos sinaliza a diversidade polissêmica do significante luto e, por conseguinte, os usos do conceito conforme ideologias, moralidades e sentidos culturais e jogos de poder que permeia esse fenômeno social.

Para efeitos de uma reflexividade antropológica, o que essas discursividades nos informam é o jogo simbólico presente, nas suas interdependências com o sagrado e o profano (DURKHEIM, 2000), ou naquelas que dizem respeito à relação entre moral e política (DUARTE, 2017), cujo alicerce se sustenta com frequência na vergonha como emoção. Percebe-se também uma espécie de "linguagem bíblica de exaltação do semelhante" (VELHO, 1997, p. 139) e dos embates entre solidariedade e conflito (KOURY, 2014) que neste tempo de pandemia covid-19 parece emergir com maior força.

De fato, essa linguagem moral e, não exclusivamente religiosa, de e*xaltação do semelhante*, fica, concordando com Velho, "a meio caminho do diferente e do igual" (VELHO, 1997, p. 139). Temos aqui a questão de moralidades e emoções como a vergonha que são mais ou menos acentuadas, conforme as contingências dos jogos sociais e simbólicos do momento atual e que abre um *campo de possibilidades* (VELHO, 2003) em um patamar além da culpa e da expiação. Isso tem relevância para poder mapear alguns caminhos teórico-metodológicos para a compreensão de um panorama mais amplo como são as relações entre indivíduo e sociedade, natureza e cultura, entre outros.

Não deveria, assim, surpreender-nos, neste tempo de pandemia, a aparição de uma enxurrada de prescrições morais presentes nas discursividades do campo político, religioso, midiático, do senso comum, entre outras, que se reportam a uma *solidariedade* para com o *semelhante*, a exemplo: *devemos mostrar solidariedade, respeito a nosso semelhante usando a máscara; ajudar-nos uns aos outros lavando as mãos*, *lições de solidariedade*, *lições de vida, e as lições da pandemia,* entre tantos outros conteúdos da cultura emotiva que assumem relevância para a reflexão antropológica sobre a questão da alteridade e o sofrimento social

Sofrimento social

Como compreender, simbólica, política e na concretude do dia-a-dia, o *sofrimento social*? (KOURY, 1999, 2011, 2014b)

Essa interrogação analítica contém em si mesma a afirmativa de que o sofrimento, como fenômeno cultural, é parte da vida social, produto das interações humanas sendo uma dimensão do *intra-espaço* da política, isto é, do *estabelecimento de relações* (ARENDT, 2002). O que pensar quando esse fenômeno torna-se contingente e global, produto de processos sociais e conjunturas históricas, influenciando e transformando-os? Como o sofrimento incita a pensar em *os usos dos corpos, as formas de viver* (AGAMBEN, 2017), os dilemas dos códigos de moralidade e produção de éticas, seja no âmbito de uma biopolítica ou para além dela?

Tal como outros aspectos produzidos por redes de interdependência que envolve um jogo social indeterminado (ELIAS, 1994), o sofrimento social será pensando aqui como uma aposta teórico-metodológica com o intuito de implodir, de certa forma, o pensamento de que ele "é imposto aos indivíduos como um preço por pertencer" ao espaço societal (DAS 1996, cit. em HERZFELD, 2014, p. 271).

Nesse sentido, é possível dizer que eventos críticos, pandemias e crises humanitárias diversas têm suas correspondências. Isso merece atenção não apenas pela produção simbólica que produz uma espectacularidade midiática e política, mas pela qualidade polifônica dos significados envolvidos, fundamentalmente, pelos processos de interação social criados e os entendimentos construídos sobre a dor (KOURY, 1999).

Morte, violência e o ser afetado

No mês de abril desse ano, assistimos perplexos, com horror e espanto, a uma grande espetacularização de sofrimento social. Na cidade de Guayaquil, Equador, centenas de corpos empilhados com evidentes sinais de putrefação foram achados, ao bel-prazer, no meio de espaço urbano, em ruas, calçadas ou caminhões abandonados. Tratava-se de pessoas de carne e osso, anônimas, e vítimas da letalidade da covid-19[6].

Essas imagens percorreram o mundo através de imprensa virtual e escrita. E as problematizações de uma necropolítica (MBEMBE, 2016) como aqueles que dizem respeito da espacialidade do capitalismo tardio (HARVEY, 2005), não se fizeram esperar. Essas compreensões, no entanto, se tornam limitadas e enrijecidas se afunilamos nelas os mecanismos de uma escuta antropológica atenta e crítica das emoções, sempre conflitivas e em tensão, e que ecoam com intensidade no *devir* de sensibilidades individuais e coletivas marcadas por experiências de intenso *abandono social* (BIEHL, 2008).

---

[6] Disponível em: https://www.google.com/amp/s/www.biobiochile.cl/noticias/internacional/america-latina/2020/04/01/amp/cadaveres-en-las-calles-y-servicios-colapsados-las-imagenes-de-drama-en-ecuador-ante-el-coronavirus.shtml . (Consultado em 7 de maio de 2020.

Uma alternativa para pensar na contingência da morte e nas situações de extremo sofrimento social como o referido na cidade de Guayaquil, Equador, é que as sociabilidades que enfrentam essas mazelas buscam também expandir seus próprios limites. Dispositivos biopolíticos não são onipotentes nem universais, eles contém brechas que podem ser operacionalizadas para a entrada em cena de *táticas invisíveis e subterfugias* (DE CERTEAU, 2014). Nessa esfera, as práticas cotidianas de pessoas comuns possibilitem novas formas de viver, inclusive em aquelas situações em que "o verbo matar" é passível de ser conjugado no *devir* (BIEHL, 2008, p. 418).

Em contextos como o Brasil, imagens e alertas denunciando o sofrimento social causado pela pandemia da covid-19, e as mazelas da desigualdade social e racial, tem chamado a atenção da imprensa e da sociedade como um todo. Em 21 de abril desse ano de 2020, por exemplo, a fala do prefeito Arthur Virgílio, da cidade Manaus, estado do Amazonas na região norte do país, veio a público como um desabafo dramático de pedido de ajuda para conter a gravidade da crise da doença que, nessa região, tem tido efeitos graves[7].

Manaus é uma das cidades brasileiras que em abril já ultrapassava centenas de pessoas mortas vítimas da covid-19. Os números alarmantes de pessoas infectadas em hospitais e o aumento dos óbitos congestionaram hospitais e cemitérios, ocasionando um importante colapso no sistema de saúde pública e nas territorialidades em que os corpos dos defuntos repousam[8].

---

[7] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2020/04/prefeito-de-manaus-chora-pede-ajuda-e-diz-que-bolsonaro-tem-de-ser-presidente-de-verdade-e-respeitar-coveiros.shtml . Acesso abril 2020.

[8] Cf. https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/22/manaus-registra-136-enterros-em-um-so-dia-e-bate-recorde-desde-inicio-de-pandemia-numeros-sao-de-mortes-em-geral-diz-prefeitura.ghtml; https://amazonasatual.com.br/com-subnotifi-

De acordo com o prefeito Arthur Virgílio: "Estamos chegando no ponto muito doloroso, ao qual não precisaríamos ter chegado, no qual o médico terá que se fazer a pergunta: salvo o jovem ou o velho?" E conclui: "Estamos em ponto de barbárie". Essa fala nos informa sobre a noção de Barbárie, categoria revisitada por Lévi-Strauss (1980, p. 53), e que no momento atual refere à instauração de regimes de verdade, de viver e deixar morrer propõe dilemas éticos para as diferentes instituições sociais, e o pensamento científico como ato social e moral (GEERTZ, 2001).

Questões políticas, éticas, econômicas, culturais, morais e hegemonias diferentes orientam esses dispositivos como discursividades, saberes e tecnologias de poder (FOUCAULT, 1988). Isso obriga a interrogar-nos até que ponto podemos estar isentos das classificações maniqueístas dos sistemas de verdade ou das dualidades que esses dispositivos organizam e promovem na multiplicidade das experiências sociais (HERZFELD, 2014). Uma questão interessante é compreender de que modo os mecanismos de modelação e controle de moralidades, desejos e subjetividades são aspectos eclipsados, ou não, em sociabilidades marcadas pela impessoalidade, e o anonimato do individualismo (VELHO, 2003)

Em Manaus, centenas de cadáveres infectados, sentimentos interditados, expectativas interrompidas e afetos suspensos foram hermeticamente fechados em caixões, e transportados aos cemitérios congestionados, sem que parentes, familiares e amigos tivessem a possibilidade de experienciar a liminaridade (TURNER, 1974) que a morte e o trabalho de luto comportam como rituais sociais. Algumas fontes internacionais, com base nas informações

---

cacao-mortos-por-covid-19-no-amazonas-se-tornam-jogo-de-numeros/. (Consultado em 02 de maio de 2020.

da imprensa brasileira chamaram a atenção de que nos cemitérios se instalaram até contendores refrigerados para poder guardar a grande quantidade de caixões com cadáveres que esperavam por enterros. Chegou-se a especular que os próprios habitantes ou parentes das pessoas tiveram que colaborar na abertura de fossas comuns para depositar os corpos mortos das vítimas da população socialmente mais vulnerável.

Koury (2014) nos ajuda a compreender que os rituais sociais de morte, perda e luto atendem a uma dinâmica de permanências e transformações no espaço das inter-relações individuais e coletivas das sociedades modernas. Sua análise informa continuidades e descontinuidades, nos processos de uma cultura emotiva específica no Brasil, desde o final do século XIX, e nessa seara, chama a atenção para as figurações de *diminuição ativa de sentimentos* (KOURY 2014, p. 597), seja no que ele entende como o trespasse do morto em comunhão com as experiências sociais de sofrimento de parentes, familiares e amigos.

Os efeitos modernos de impessoalidade social que se traduzem na "discrição" de demonstrações de afeto e de sentimentos (KOURY, 2011) se reinventam em um tempo de pandemia em que uma doença covid-19, eficazmente infecciosa e mortal, parece criar uma impossibilidade existencial que emerge, paradoxalmente, como forma de vida. Na perspectiva de Koury (2014), e a partir de uma escuta foucaultiana, em finais do século XIX e avanço do século XX, a correlação da morte e do morrer nas sociedades modernas se fundamentam a partir de uma nova discursividade, instaurada como regime de verdade por dispositivos de poder relacionados com o saber da medicina, da burocratização de políticas públicas sanitárias e de higienização do corpo e do espaço urbano. Ou seja,

de um gerenciamento biopolítico da vida, saúde, morte, subjetividades e práticas que adquirem novos contornos e significados em conglomerados sociais urbanos.

O autor chama a atenção sobre como essa nova discursividade influenciou as transformações do social nas cidades brasileiras, desde finais do século XIX, relacionando os sentidos produzidos sobre insalubridade, medo, rituais e morte a doenças, contágios e epidemias. Impõe-se uma nova lógica de *formas de vida* (AGAMBEN, 2017), mas também dos processos vitais que envolvem a morte em que "Os enterros, os cortejos e os velórios tornaram-se progressivamente mais rápidos, com o morto e a morte identificados como poluidores e, pior, transmissores de doenças" (KOURY, 2014, p. 597).

Hanna Arendt (2002) nos lembra que quando pensamos nos preconceitos, uma das causas que garantem sua eficiência, e também, sua periculosidade, é que neles se oculta um rastro do passado. Se, como afirma Koury, a partir de certa retrospectiva histórica, as continuidades e transformações de formações sociais como a brasileira são significativas com relação aos sentidos produzidos sobre economias morais em sociabilidades historicamente situadas, podemos pensar que reacomodar afetos, reencontrar sentimentos, emoções e o "objeto de desejo" (FREUD, 2011) perdido são aspectos em tenso equilibro na trama das interações sociais.

Uma questão interessante, nesse sentido, seria perguntar-nos de que modo a vergonha como emoção se insere nas relações entre o público e o privado, e como ela influencia os processos interacionais da pandemia covid-19, a partir dos mecanismos de impessoalização e individualização. Como esses aspectos multifacetados emergem, com nuances específicas, em essas situações de crise acentuada que desestabilizam determinados processos do social.

Essas questões envolvem o *ser afetado* (FAVRET-SAADA, 2005) pelos processos de produção de dor, morte, perda e luto. Se, segundo Freud (2011) o luto, à diferença da melancolia, é uma emoção "normal", lenta e gradualmente superável, o que ele implicaria nos processos de mortandade por pandemia? Como resolver os dilemas de deixar-se afetar pelo outro em tempos de pandemia? Essas questões que não pretendemos responder no escopo deste ensaio podem, no entanto, ser problematizadas a partir de noções como fachada, perda da fachada, desfiguração, estigma (GOFFMAN, 2011) como um dos caminhos analíticos possíveis.

Pensar nas encruzilhadas da vida social que o *vírus interconectado*[9] nos aproxima à discussão da globalização e os localismos em interdependência. De outro lado, a pandemia nos aponta que as interações sociais estão sendo, sistematicamente, modificadas por uma nova figuração social de individualização do mundo moderno, em que seus efeitos e consequências profundas somente serão reconhecidas e entendidas a longo prazo (ELIAS, 1994).

Outras ontologias e sociocosmologias de mundo de sociabilidades relacionadas com povos indígenas também são colocadas em cena com sérios questionamentos para a vida moderna (KRENAK, 2019). De outro lado, o corpo como espaço de inscrição cultural tem sido um ponto alto na cojuntura da pandemia, sendo visibilizado como dispositivo tecnocrático de poluição e perigo (DOUGLAS, 1976), contaminação, contágio.

---

[9] Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2020/03/19/de-quem-e-a-culpa.ghtml. (Consultado em 07 de maio de 2020.

Corpo, dispositivos e vergonha

Tal como nos informa Elias seria imprudente chegar a conclusões de tendências ou transformações gerais sobre as interdependências das figurações sociais determinadas, em um contexto histórico específico, sem considerar os processos de longa duração da civilização. Por tal motivo, é muito prematuro situar os efeitos simbólicos e tecnocráticos do corpo, como categoria de entendimento social, no marco da pandemia covid-19.

Se bem é certo que a discussão dessa categoria de entendimento, no campo da antropologia, entra em cena no século XX com o seminal artigo *Técnicas corporais,* de Marcel Mauss (em que em busca de elaborar uma teoria da *técnica* do corpo parte do concreto para o abstrato e se pergunta de que modo os homens, em diferentes sociedades, *sabem servi-se de seus corpos* (MAUSS, 2003, p. 401). Em tempo de pandemia covid-19 a formulação não poderia ser melhor oportuno.

O corpo emergiu no século XIX como uma preocupação das ciências naturais e do campo da medicina (FOUCAULT, 1988). Ele sofre, no entanto, um importante investimento epistemológico e analítico com o pensamento de Foucault que não apenas o problematiza como objeto de conhecimento da história das mentalidades, mas que desvenda dispositivos de poder que exercem disciplinamento sobre o corpo que derivam da subjetivação do sujeito e os regimes de verdade instaurados.

Meu propósito aqui não é aprofundar a teorização sobre o corpo, mas situar o corpo na esfera dos processos interativos da vergonha como emoção que parecem se expressar como uma nova emergência no contexto da pandemia da covid-19. A discussão

sobre a medicalização da vida (BIEHL, 2008; 2011) e os diferentes mecanismos biológicos e tecnológicos de *fabricar a vida* com implicações morais, éticas, culturais e sociais altamente tensas e conflituosas (ALLEBRANDT; MACEDO, 2007) estão imbricadas nessa esfera, de forma intensa e crítica.

Com a pandemia entra em cena um "novo" indivíduo relacional como um dispositivo de propagação, contágio e disseminação caracterizado, ora por super poderes de infecção, ora pelo silenciamento e escamoteamento dos seus sintomas. Trata-se dos indivíduos classificados como s*uper disseminadores* e a*ssintomáticos*[10]. Eles se encontram em pontas extremas, e no imaginário social e médico são considerados muito perigosos, mesmo se comportem de forma diferenciada. Entre essas classificações há outras categorias presentes com graus e níveis diferentes de intensidade quanto a sua periculosidade.

O que interessa destacar é que esse indivíduo relacional que emerge nesse imaginário perpassa a esfera da tecnologia de fabricação de vida/morte e é instrumentalizado a partir de uma bioética (DINIZ; GUILHEM, 2002) que faz um novo cálculo na racionalidade e no individualismo. Tudo se passa como se o sofrimento social e os ditames da covid-19 nos conduzissem a uma situação paradoxal: a imposição de um isolamento social que coloca em tensão a própria ordem social estabelecida e, ao mesmo tempo, uma espécie de re(ligamento) dos indivíduos. É possível afirmar, nesse sentido, um rearranjo de possibilidades indeterminadas do biossocial, e da *vergonha não reconhecida* e dessa racionalidade moderna (ELIAS, 1994).

---

[10] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51472729; https://pebmed.com.br/coronavirus-assintomaticos-sao-responsaveis-por-dois-terços-das-infeccoes/ . (Consultado em 13 de maio de 2020.

Essa *vergonha não reconhecida* nos permite entender os sentidos da produção de uma culpa que nasce com as acusações e estigmas do chamado vírus chinês e perpassa a discussão dos seus alcances e limites (SCHEFF, 2013), em distintos planos da interação social.

Considerações finais

O ensaio buscou pensar problemáticas heterogêneas cujo enredo analítico perpassa as fissuras de uma gramática emocional e moral, centrada nos sentidos de culpa, vergonha, sofrimento social e regimes de verdade, no contexto da pandemia da covid-19. Uma reflexão final, no entanto, precisa ser colocada para sintetizar o pano de fundo deste ensaio.

A noção de barbárie é muitas vezes usada em situações consideradas de violência extrema em que um evento histórico e social produz uma alteração radical da vida em comum, uma espécie de subversão da alteridade. Nesses casos, tal noção adquire uma conotação moral, grosseira e grotesca, relacionada com as características e processos da violência produzida, vivida e sentida pelas pessoas que a sofreram. A partir dessa reflexão a barbárie consiste em uma anulação da comunicabilidade social, da construção de processos de confiança e de confiabilidade (KOURY; BARBOSA, 2018, 2019). Cremos que a experiência vivida da pandemia da covid-19, a partir dos casos da performatividade da morte em Guayaquil- Equador e na cidade de Manaus, Brasil, que referimos neste ensaio, se aproximam dessa esfera de incomunicabilidade da interação social e de barbárie.

Em um tempo de pandemia em que as incertezas se evidenciam com maior força, gostaríamos de chamar a atenção para o compromisso antropológico de reavaliar, de forma crítica, o social,

as experiências vividas de pessoas e os liames do sofrimento social, abandono e violência no plano das relações sociais (KOURY, 1999, 2013; HERZFELD, 2014; BIELH, 2008, 2011). Esse compromisso perpassa a esfera do envolvimento, como refere Herzfeld, tanto da ação pessoal como social e, por conseguinte, a construção de uma ética nas superposições nas dimensões individual e coletiva.

Para além das repercussões da crueza política da *vida nua* (AGAMBEN, 2017), outras possibilidades também estão em jogo para a compreensão de gramáticas morais e emocionais em um tempo de pandemia. Uma delas seria a escuta, em um equilibro tenso, do que João Bielh entende como uma *literalidade do vir a ser* (BIELH, 2008), ou seja, uma aposta interpretativa na escuta, reflexiva e crítica, do outro relacional, nas suas *maneiras de fazer* (DE CERTEAU, 2014), nas contingencias e encruzilhadas da vida social na qual esse outro se insere. A escuta para o *vir a ser*, na sua plena literalidade vivida, pode permitir compreender os sentidos do *devir* de pessoas que perante situações de sofrimento social reinventam suas subjetividades e dão novos contornos às situações limites da sua existência social.

Isso implica em aceitar o argumento de que tanto a capacidade de agência dos sujeitos como os conflitos e os dilemas sociais em situações de intensa crise não são qualidades imanentes do s*ocius*, e sim aspectos de formações socioculturais, historicamente situadas, que envolvem relações de hierarquização e poder. A suspensão das emoções e as fissuras das gramáticas morais advindas do individualismo nos alerta sobre as diversas situações de abandono social, desigualdades de classe, raça, gênero, origem e geracional, entre outras formas de opressão revitalizadas no contexto da pandemia. Lembremos que a primeira vítima letal no Brasil afetada pela

covid-19 foi a Dona Cleonice, uma mulher negra, de 63 anos, que morava em uma favela do Rio de Janeiro e trabalhava como diarista no Leblon, área nobre da cidade. Pelo que foi informado na imprensa ela foi infectada na casa dos seus patrões que estavam em quarentena, após eles voltarem de uma viagem da Itália.[11]

Apostar em uma escuta crítica e reflexiva sobre as fissuras e os desafios da interdependência das emoções, na produção e compreensão dos seus significados em um tempo de pandemia, permite que as opressões derivadas de marcadores sociais de diferença sejam consideradas em toda sua potencialidade nas relações de interação social que, de fato, nos obrigaria a ir da culpa e da expiação.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O uso dos corpos** [Homo Sacer IV,2]. São Paulo: Boitempo, 2017.

ALLEBRANDT, Débora; MACEDO L. Juliana de (Orgs.). **Fabricando a vida***:* implicações éticas culturais e sociais do uso de novas tecnologias reprodutivas. Porto Alegre: Metrópole, 2007.

AMERY, Jean. **Mas allá de la culpa y la expiación**. Tentativas de superación de una víctima de la violencia. Tradução, notas e presentação Enrique Ocaña. Valencia: Pre-Textos, 2004.

ARENDT, Hannah. **O que é política?** . Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 2002.

BIEHL, João. Antropologia do devir: psicofármacos, abandono social, desejo. In: **Revista de Antropologia**, v. 51, n. 2, p. 413-449, 2008.

____. Antropologia no campo da saúde global. **Horizontes Antropológicos**, a. 17, n. 35, p. 257-296, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

[11] V. https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/coronavirus-quando-estar-no-mesmo-mar-nao-e-estar-no-mesmo-barco. (Consultado em 12 de maio de 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

DAS, Veena. **Critical events an anthropological perspective on contemporary India.** New Delhi: Oxford University Press, 1996.

DINIZ, DEBORA; GUILHEM, Dirce. **O que é bioética?** São Paulo: Brasiliense, 2002.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

DUARTE, Luis F. de. Valores cívicos e morais em jogo na Câmara dos Deputados: a votação sobre o pedido de impeachment da Presidente da República**. Religião e Socidade**, v.37, n.1, p.145-166, 2017.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAVRED-SAADA. Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia.** (Tradução, introdução e notas Marilene Carone). São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade***:* a vontade do saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

____. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

____. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

____. Ritual de interação*:* ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HERZFELD, Michael. Sofrimentos e disciplinas. In **Antropologia***:* prática teórica na cultura e na sociedade. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, p. 269-294, 2014.

KOURY. Mauro Guilherme. A dor como objeto de pesquisa social. **Ilha,** n. 0, p. 13-83, 1999.

____. **Emoções, sociedade e cultura**: A categoria de análise Emoções como objeto de investigação na sociologia. Curitiba: Ed. CRV, 2009.

____. Luto e sociedade no Brasil do final do século XX. O imaginário sobre a morte, o morrer, a dor e a perda na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. In: **Cuerpos, Emoções e Sociedade.** Córdoba, a. 3, n.5, p. 6-14, 2011.

____. Solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana sob intensa pessoalidade. **Etnográfica** [Online], v. 18, n. 3, p. 521-549, 2014a.

____. O luto no Brasil no final do século XX. **Caderno CRH**, v. 27, n. 72, p. 593-612, 2014b.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni. Disputa moral em um regime de pânico: ofensiva civilizadora e apropriação moral de uma tragédia. **RBSE Revista de Sociologia das Emoções***,* v. 16, n. 48, p. 29-46, 2017.

____. Espetacularização e apropriação moral: disputas morais, vergonha e desgraça em um bairro periférico de João Pessoa-PB. **Revista Anthropológicas**, a. 22, v. 29, n. 1, p. 1-27, 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O etnocentrismo-Raça e história. **Os pensadores**. São Paulo: Abril cultural, p. 53-56, 1980.

MBEMBE, Achille**.** Necropolítica. **Arte & Ensaios**, n. 32, p. 123-151, dezembro 2016.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PEIRANO, Mariza. A alteridade em contexto: a antropologia como ciência do social no Brasil. **Série Antropológica** 255, Brasília: UNB, 1999.

RICOEUR, Paul. **Finitud y culpabilidad**. Madrid: Ed. Trotta, 2011.

SCHEFF, Thomas, Vergonha no self e na sociedade. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 12, n. 35, 2013.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, v.11, n.2, p. 577-591, 2005.

____. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

____. Gratidão: Um experimento sociológico. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 9, n. 2, p. 785-804, 2010.

____. O conflito como sociação. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 10, n. 30, p. 569-574, 2011

TURNER, Victor. **O processo ritual***:* estrutura e antiestrutura*.* Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

VELHO, Otávio. Globalização: antropologia e religião*.* **Mana***,* v. 3, n. 1, p. 133-154, 1997.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CAPÍTULO 3

INDIVIDUALISMO MODERNO E SOFRIMENTO SOCIAL EM TEMPOS DE COVID-19: QUESTIONAMENTOS PARA REFLEXÃO

IDAYANE GONÇALVES SOARES

Individualismo moderno: o cenário social da pandemia

> Suponhamos que o grande império da China, com suas miríades de habitantes, fosse subitamente engolido por um terremoto, e imaginemos como um humanitário na Europa, sem qualquer ligação com aquela parte do mundo, seria afetado ao receber a notícia dessa terrível calamidade. Imagino que, antes de tudo, expressaria intensamente sua tristeza pela desgraça de todos esses infelizes, faria muitas reflexões melancólicas sobre a precariedade da vida humana e a vacuidade de todos os labores humanos, que num instante puderam ser aniquilados... E quando toda essa bela filosofia tivesse acabado, quando todos esses sentimentos humanos tivessem encontrado sua expressão definitiva, continuaria seus negócios ou seu prazer, teria seu repouso ou sua diversão, com o mesmo relaxamento e tranquilidade que teria se tal acidente não tivesse ocorrido. O mais frívolo desastre que se abatesse sobre ele causaria uma perturbação mais real. Se perdesse o dedo mínimo de manhã, não dormiria de noite; mas, desde que nunca os visse, roncaria na mais profunda serenidade

> ante a ruína de centenas de milhares de seus irmãos (SMITH, Adam, 1999, p. 165-6).

Suponhamos que a China, com suas miríades de habitantes, fosse subitamente engolida por uma doença infecciosa severa causada por um vírus, e imaginemos como um humanitário na Europa, sem qualquer ligação com aquela parte do mundo, seria afetado ao receber essa notícia[1]. Expressaria sua tristeza, faria reflexões sobre a precariedade da vida e voltaria a preocupação para com sua vida cotidiana..., mas, e se tão logo a sua vida cotidiana tivesse inteira conexão com o ocorrido, se ela fosse modelada por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa, seu senso de responsabilidade moral para com aquele distante, mudaria e se alargaria? Tomaria dimensões bastante diferenciadas "diante da dor dos outros" se ela estivesse batendo à sua porta?[2] E, por que, para aludir a um alargamento de responsabilidade moral, parece necessário trazer a possibilidade da doença para dentro da casa dos indivíduos?

Em 2020, o cenário global foi tomado por uma preocupação comum: o surto de uma doença respiratória causada pelo novo coronavírus (covid-19). Com foco inicial em Wuhan[3], a doença deixou várias pessoas hospitalizadas e levou outras à óbito, percorreu o mundo e tomou a dimensão de uma pandemia, devido a disseminação geográfica rápida que tem apresentado. Medidas de higiene e isolamento social foram recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para reduzir o contágio da doença. Inicialmente,

---

[1] Gostaria de agradecer a Edmilson Gomes da Silva Junior e a Mauro Guilherme Pinheiro Koury pelas contribuições.

[2] Para entender alguns aspectos do debate sobre *globalização, responsabilidade e a dor do outro distante*, antes da pandemia, ler o artigo de Gabriel Peters (2013).

[3] Identificado em dezembro de 2019, na região.

alguns países foram bastante hesitantes em adotar a medida de isolamento social para não prejudicar suas economias, o que resultou em maior número de mortes nesses lugares[4]. No nível social, indivíduos desobedeceram à medida e apenas quando a doença invadiu seu núcleo mais próximo, houve uma mudança no comportamento. O sofrimento, mesmo de indivíduos de sua própria sociedade, não teria alargado o senso de responsabilidade moral para com os concidadãos, mas sim a possibilidade de invasão do vírus na esfera individual, privada. Estes apontamentos iniciais visam, assim, apresentar o cenário social anterior à pandemia de covid-19, a partir da contribuição de teorias sociológicas e antropológicas que abordam o individualismo moderno e apontam o processo de crescente isolamento do indivíduo na Modernidade – em relação ao social, para contribuir no entendimento das configurações das relações sociais e os seus efeitos na subjetividade dos indivíduos e no processo de sofrimento psíquico destes durante a pandemia.

Em um estudo recente, realizado na Alemanha, chamado "Even pro socially oriented individuals save themselves first", alguns pesquisadores[5] investigaram se a decisão dos indivíduos em usar medidas protetivas (em relação ao covid-19) diferem em relação a sua finalidade, dependendo se protegem a si mesmo ou ao público e se essa diferença está ligada à orientação de valor social do indivíduo (*social value orientation*– SVO). Segundo o estudo, essa orientação diz respeito a três motivos sociais que orientariam decisões com consequências sociais e pessoais: cooperação, competição e individualismo. O *social value orientation* é alto quando está positivamente relacionado a escolhas que maximizam resultados

[4] Ver a respeito no nexojornal

[5] Johannes LEDER, Alexander PASTUKHOV and Astrid SCHÜTZ (2020).

conjuntos, em relação ao coletivo, enquanto o baixo SVO está associado a escolham que maximizam pagamentos pessoais[6]. Concluiu-se, no estudo, que mesmo pessoas pró-sociais (com alto SVO), buscam medidas de autoproteção primeiro, sendo a proteção pública apenas um motivo secundário. Desse modo, os pesquisadores sugerem que ao comunicar a importância de um comportamento de proteção pública, a ênfase deve estar em como ela,em longo prazo, afetará os próprios indivíduos e suas relações próximas[7].

O uso da máscara pode ser um exemplo ilustrativo. As máscaras diminuem a propagação do vírus por pessoas que estão contaminadas (com infecções assintomáticas ou pré-sintomáticas)[8]. Ela protege, principalmente, o outro, – como explicam cientistas da Universidade Federal do Paraná (UFPR), "atualmente, usar máscaras é um gesto de coletividade e solidariedade, pois, mesmo que para quem está usando máscara a proteção seja baixa, barra parte das gotículas produzidas ao falar, ao tossir e ao espirrar, protegendo os outros"[9]. Ao mesmo tempo, usando a lógica acima, poderíamos propagar que o melhor jeito de se proteger é usando uma máscara porque, assim, outros também usarão e você estará protegido deles. Simples, diz Dunker (2020, p. 100), a respeito dessa questão,

---

[6] "High SVO (i.e., a stronger prosocial orientation) is positively related to choices that maximize joint outcomes, whereas low SVO is associated with choices that maximize personal payoffs." (p. 4)

[7] "We reported that even prosocially oriented individuals seek self-protective measures first and foremost with public protection being only a secondary motive. Thus, when communicating the importance of a public protective behavior the emphasis should be on how public prevention, in the long run, will affect individuals themselves and their close relations" (LEDER; PASTUKHOV; SCHÜTZ, 2020, p. 13).

[8] https://www.sciencemag.org/news/2020/03/not-wearing-masks-protect-against-coronavirus-big-mistake-top-chinese-scientist-says

[9] https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/e-um-gesto-de-coletividade-cientistas-da-ufpr-reforcam-uso-de-mascara-em-novas-respostas-para-perguntas-da-sociedade/

"mas insuficiente para que ficássemos por décadas discutindo... a glorificação do indivíduo e o caráter acessório de ideias como democracia ou comunidade".

Cientistas chineses da revista *Science* explicam que o grande erro nos Estados Unidos e na Europa, está relacionado a pouca adesão ao uso de máscaras, em relação a outras medidas. Em algumas partes da Ásia, o uso de máscaras já era padrão, na Coréia, por exemplo, "quem não a usa é repreendido" por seus semelhantes. Byung-Chul Han, sobre essa diferença, explica que na Ásia impera o coletivismo, já na *Europa impera um individualismo que traz atrelado o costume de andar com o rosto descoberto*[10].

Norbert Elias (1994) explica que no caso de algumas sociedades asiáticas, a primazia do indivíduo[11] ainda é menos pronunciada do que nos países ocidentais. A pergunta, desse modo, que o estudo realizado na Alemanha suscita, poderia ser, por que, os meios de comunicação, deveriam expor, com maior ênfase, não os efeitos de um determinado comportamento – leia-se atualmente, o uso de máscaras, o isolamento social, entre outros – na salvaguarda do social, mas sim, o efeito nos próprios indivíduos e em suas relações próximas? Levando-se a cabo, a assertiva de que não existe uma sociedade sem indivíduos como não existe indivíduo sem sociedade (ELIAS, 1994), por que acentuar o indivíduo e não o social?

A relação aparece, assim, nebulosa, para alguns, ou uma obviedade sem maior interesse de aprofundamento, para outros. A ênfase e a maneira acrítica com que o termo "indivíduo" é utilizado

---

[10] https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html

[11] O autor chama de identidade-eu, a configuração particular que alguém atinge através do processo social de moldagem, enquanto a identidade-nós seria aquilo que todos em uma determinada sociedade, Estado-Nação possuem em comum.

hodiernamente para expressar a primazia da identidade-eu parece algo dado e que existiu em todos os estágios históricos, em conceitos equivalentes (ELIAS, 1994). Porém, Norbert Elias (1994) explica que esse termo é bastante recente. O que o torna imemorial e preponderante no pensamento, relaciona-se a um desequilíbrio na balança entre indivíduo e sociedade. Como se hodiernamente, só existissem os indivíduos e as famílias, como disse Margareth Thatcher.[12] Discurso que traz à tona o sintoma da autoconsciência do indivíduo moderno que, com o crescente processo de individualização, se percebeu cada vez mais isolado, apartado do contexto mais amplo, com o apagamento progressivo da presença do "*Nós*" (no sentido da sociedade, do Estado) em sua própria configuração individual, tratado em termos de choque (ELIAS, 1994).[13]

Ele explica que o processo de individualização crescente teria levado a encapsulação das relações entre os indivíduos e ao isolamento, processo por ele chamado de *homo clausus*. Nesse processo, o *Eu* desprovido do *Nós* fruto da autoconsciência moderna, se apresenta a si mesmo e para o outro como um indivíduo fechado em si mesmo, sem relação com os outros, independente. Esse aumento exagerado do si mesmo vistos como universo e motivos para a ação, torna obscuro o fato de que os seres humanos são sempre interdependentes (ELIAS, 1994).

Émile Durkheim (1999), um dos pais fundadores da Sociologia, ao procurar compreender como a sociedade se mantém apesar

---

[12] Em entrevista para Woman's Own, Margaret Thatcher (1987) explicita "...who is society? There is no such thing! There are individual men and women and there are families..." https://www.margaretthatcher.org/document/106689

[13] Sobre isso ver artigo: A configuração do(s) individualismo(s) na sociedade moderna e sua relação com a autopercepção dos indivíduos: algumas notas para reflexão;

do individualismo, ou seja, do ocaso da consciência coletiva[14], explica que a sociedade moderna deve sua coesão à interdependência funcional na divisão do trabalho, pois na modernidade, com a especialização do trabalho, cada indivíduo depende de vários outros para levar a cabo sua própria atividade e a sua manutenção. Assim, segundo Durkheim, essa interdependência funcional é o que mantém a sociedade moderna coesa e faz com que ela não desintegre (o sociólogo chama de solidariedade orgânica). As sociedades antigas, por sua vez, deviam a sua coesão ao compartilhamento de uma totalidade mais ou menos organizada de crenças e sentimentos comuns a todos os membros do grupo, o coletivo (solidariedade mecânica).

No mundo antigo, a ideia de um indivíduo sem grupo, tribo, Estado – sem o nós – estava *abaixo da linha do horizonte na práxis social* (ELIAS, 1994, p. 130). A liberdade dos antigos estava atrelada ao exercício coletivo da soberania nas questões públicas, porém, em contrapartida, o poder social, como afirma Benjamin Constant[15], feria em todos os sentidos a independência individual, a liberdade política era uma contínua renúncia de si mesmo. Entre os modernos, ao contrário, a liberdade assume consistência inversa, o indivíduo encontra-se cada vez mais independente e soberano em seus assuntos privados, mas cada vez mais distante da liberdade política.O pensador atenta, assim, para o fato de que as duas liberdades precisam ser combinadas para evitar perigos como a apatia política e a renúncia do direito de participar do poder político.[16]

---

[14] A consciência coletiva para Durkheim constitui a unidade do conjunto de crenças, valores em uma sociedade.

[15] Em seu discurso pronunciado no Athénée Royal de Paris, 1819, sobre *A liberdade dos antigos comparada à dos modernos.*

[16] Constant explica que o sistema representativo, invenção dos modernos, possibilitou que o indivíduo pudesse imergir em sua vida privada. Concretizou, assim, a

Richard Sennett (1998, p. 156) afirma que nas sociedades ocidentais houve uma erosão da vida pública e uma insuflação da vida privada – mudança que deve ser pensada juntamente com a forma econômica, principalmente após a Segunda Guerra – onde de um lado, tem-se o progressivo aumento da preocupação com as questões relativas ao eu e, de outro, o apagamento da participação com estranhos para finalidades sociais. Em suas palavras, "a visão intimista é impulsionada na proporção em que o domínio público é abandonado, por estar esvaziado" (p. 321). Agora, multidões de pessoas estão apenas preocupadas com as histórias de suas próprias vidas, sendo esta preocupação *mais uma armadilha, do que uma libertação* (SENNETT, 1998).

Segundo o autor, atualmente, as relações na vida pública são travadas em termos de sentimentos e preocupações individuais, desprovidas da impessoalidade característica dessa esfera, que seria constituída por vínculos de associação e compromisso mútuo entre pessoas sem laços íntimos. Sennett (1998) pensa nessa relação em termos de máscaras que deveriam ser criadas e mantidas para o eu pelos rituais de polidez, seriam *máscaras rituais da sociabilidade.* Hodiernamente, a metáfora criada por Sennett adquire literalidade no sentido de que, o que usamos de forma material na face são máscaras para a sociabilidade (estritamente necessária)

---

liberdade moderna, transformando a liberdade política (a dos antigos) em garantia da fruição dessa independência privada. Dessa forma, podemos questionar, se o sistema representativo proporciona ao indivíduo moderno a possibilidade de se recolher à vida individual e privada mediante uma "procuração dada" para um número limitado de pessoas que irão fazer o que este "não pode ou não quer fazer", sendo, então, a liberdade política, a garantia dessa liberdade individual, quais as perspectivas da liberdade moderna descrita por Constant, principalmente em tempos de crise de representatividade? (leia-se no contexto atual brasileiro). Tendo-se em vista que como afirmou Dahrendorf (1979) "as liberdades mudam", quais as perspectivas da liberdade moderna descrita por Constant?

que deveriam indicar uma preocupação com o coletivo. Mas, por outro, tem se visto que essa máscara, no duplo sentido (político e material), parece estar em falta entre a principal liderança política do país e em uma parcela significativa da população que não tem aderido ao isolamento social e que insiste em minimizar a gravidade da pandemia de covid-19.

Em tempos de imprescindível isolamento social, as fronteiras entre as esferas (privada e pública) aparecem borradas, etéreas. Entre *lives*, *home office*, aulas virtuais, mobilizações políticas no sofá, com apenas alguns cliques, precisaremos de novas teorizações para o momento atual. Entretanto, o que se quer tornar compreensível é o padrão da relação Eu-Nós e a ponderação nos termos da balança entre o indivíduo e a sociedade (ELIAS, 1994) nesses tempos. O *homo clausus* de Elias, conceito criado no século passado dizia respeito ao isolamento dos indivíduos na modernidade, a sua encapsulação e a incompreensão que possuía em torno de sua relação com a sociedade – vista como antagônica.

Hoje, o conceito além de adquirir ares de literalidade, permanece profícuo para se compreender os sofrimentos que permeiam as vidas dos enclausurados devido à pandemia, em duplo sentido, pois a transformação que Elias se refere, o individualismo moderno, trata-se de uma mudança fundamental e profunda nas sociedades – ocidentais. O individualismo apesar de apresentar uma dupla face – libertar os indivíduos das relações tradicionais, foi combinado de maneira perversa na forma econômica, produzindo, prejuízos nas relações travadas e em degenerações nas formas de afirmação da personalidade e no valor da existência (SIMMEL, 1998).

O individualismo na contemporaneidade estaria associado a uma balança pesada sobre o “Eu” em detrimento do “Nós” como

ponderou Elias (1994) e a uma *crise de gratificação* ou *autoestima* (HAN. 2017) que seria resultado da falta de relacionamentos do indivíduo moderno com o/s outro/s e a uma perturbação narcisista, posto que mergulhar no si mesmo não cria *autoestima*, mas sim produz isolamento e sofrimento, pois seria no encontro entre subjetividades abertas ao caráter criador das interações que se poderia compartilhar mundos, criar confiança e alteridade e trocas simbólicas (SOARES, 2020).

O chamado para imersão no Eu, aprofunda sentimentos de depressão e ansiedade, além de criar sentimentos de dissociação, solidão crônica e desapego da realidade (CABANAS, ILLOUZ, 2019, p. 71). E esse chamado tornou-se mais contundente, especialmente com o neoliberalismo, que pode ser compreendido de acordo com David Harvey (2011, p. 15) como projeto de classe que surgiu na crise dos anos 1970, "mascarado por muita retórica sobre liberdade individual, autonomia, responsabilidade pessoal e as virtudes da privatização, livre-mercado e livre comércio..." cuja política era basicamente: privatizar lucros e socializar os riscos.

O individualismo moderno em conjunção com outros processos e o capitalismo neoliberal, fizeram com que os indivíduos voltassem suas lentes unicamente para dentro de si, afim de encontrar a força de vontade necessária parar remar, sozinho, o barco furado diante de marés tempestuosas do declínio econômico, o que implica não apenas o esvaziamento do eu de seu conteúdo comunitário e político, em prol de uma preocupação narcísica, como apontam Cabanas e Illouz (2019), mas também a limitação das possibilidades de construção coletiva de mudanças sociopolíticas (CABANAS, ILOUZ, 2019, p. 68), respaldado por uma ideologia perversa que

coloca no indivíduo, sozinho, por sua conta e risco,[17] o peso dos problemas endêmicos das sociedades contemporâneas.

Como afirmou Soares (2020), a vivência em um mundo calcado em códigos mais individualistas de intersubjetividade e autopercepção – produto de três movimentos interconectados: o capitalismo, o individualismo moderno e a urbanização – tem íntima relação com os sofrimentos psíquicos, enquanto sofrimento social, que perpassam os depoimentos desse grupo em específico no Brasil e é corroborado por outros resultados de estudos sociológicos *que relacionam o aumento do individualismo a taxas mais altas de depressão e até suicídio nos países desenvolvidos e nos países em desenvolvimento* (CABANAS, ILLOUZ, 2019, p. 73).

Este é o cenário social antes da pandemia de covid-19: alto grau de isolamento dos indivíduos, mesmo sem distanciamento, volta para si e apagamento dos laços sociais e de sua importância na constituição da própria individualidade e da noção de interdependência, basilar na sociedade contemporânea, esvaziamento da esfera pública e imersão no eu como único espaço de investimento e ação e, assim, limitação das possibilidades de construção coletiva de mudanças sociopolíticas (CABANAS, ILOUZ, 2019). Todo esse quadro, como foi discutido, está relacionado com sofrimentos

---

[17] Dentro do contexto da pandemia de covid-19, a retórica não é diferente, o imperativo de que a economia não pode parar e que os indivíduos precisam trabalhar, ou seja, precisam remar sozinhos o barco furado do capitalismo neoliberal, permanece o mesmo. Enquanto se socializa os riscos de morte para a parcela mais vulnerável da população, privatiza-se, de outro, os lucros para outra bem estrita, diante de uma grave crise de saúde pública. No Brasil, podemos citar como exemplo a recente visita do presidente ao Supremo Tribunal Federal (STF), rodeado de empresários, para clamar pela reabertura do comércio em um momento bastante crítico da pandemia e com a comunidade científica afirmando que a única forma de salvar vidas seria através do isolamento social. Notícia no G1

psíquicos[18], os mais diversos, como depressão, ansiedade, pânico, além de criar sentimentos de dissociação e de solidão crônica. Desse modo, compreender o cenário pré-pandemia é fundamental para se entender a configuração das relações sociais durante ela e os seus efeitos na subjetividade dos indivíduos.

Sofrimento Social durante a pandemia

Imagine um cenário onde de repente os seres humanos se vêem privados de apertar as mãos, trocar abraços e beijos e precisam se manter afastados pelo menos um metro de todas as pessoas a sua volta... Portas fechadas, ruas e praças completamente vazias, essas pessoas precisam agora se encerrar em suas casas, longe do ambiente de trabalho, escola, universidade, museu, biblioteca, cinema, teatro... sem poder interagir com qualquer outra. Com os movimentos limitados, elas precisam agora aguardar, enclausuradas, sozinhas, sem tempo determinado, até que possam voltar a sua realidade cotidiana de convívio social. Diante desse claustrofóbico cenário, alguns cantam de suas janelas, tocam instrumentos, dançam, na esperança de aplacar suas angústias e a de seus vizinhos, em um ato de solidariedade e comunicação. Fazendo-nos questionar, será que a conexão social tem tanta importância na vida do ser humano? E se sim, por quê pesquisas recentes têm demonstrado que a sociedade moderna é a mais solitária?

Todo esse thriller psicológico poderia acontecer na *Alphaville*[19] godardiana ou em alguma outra distopia, mas é a realidade de muitos indivíduos em todo o globo diante da pandemia de Coronavírus

[18] Entendidos neste artigo como uma forma de Sofrimento Social.

[19] Filme francês de 1965, dirigido por Jean-Luc Godard.

(covid-19) no ano de 2020. A recomendação das autoridades é o isolamento social, para minimizar a velocidade de transmissão do vírus que causa a doença covid-19 e evitar que os serviços de saúde fiquem sobrecarregados.

Estudos recentes como o de John T. Cacioppo e William Patrick (2008), no campo interdisciplinar da neurociência social, demonstram através de uma pesquisa densa que a necessidade de conexão social e a dor que sentimos sem ela, são características definidoras de nossa espécie, o que pode ser resumido na sentença de que: *Os seres humanos são, afinal, seres inerentemente sociais*[20]. Sem adentrar no complexo ponto de partida, a questão bastante relevante que o estudo aborda é a importância de conexões sociais significativas para nossa saúde, bem-estar, segurança... como afirmam os pesquisadores:

> A saúde e o bem-estar de um membro de nossa espécie requerem, entre outras coisas, a satisfação e a segurança de nossos laços com outras pessoas, uma condição de "não estarmos sozinhos" que, por falta de uma palavra melhor, chamamos de conexão social[21].

Em tempos de pandemia torna-se ainda mais necessário distinguir a solidão do sentir-se fisicamente sozinho/a que atualmente é a regra geral[22]. A solidão pode ser a sós, mas também a dois

---

[20] Tradução do original: "Humans are, after all, inherently social beings."

[21] Tradução livre do original: "Health and well-being for a member of our species require, among other things, being satisfied and secure in our bonds with other people, a condition of "not being lonely" that, for want of a better word, we call social connection."

[22] Para os cidadãos que cumprem o isolamento social e permanecem em suas casas apenas com seu núcleo doméstico ou sozinho/as. Entretanto, no Brasil, a taxa de isolamento permanece baixa até o momento de escrita desse artigo, o que remete novamente a tese do isolamento do indivíduo moderno, dessa vez, às avessas, ou seja, a fal-

ou na multidão, como diz o protagonista de *Táxi Driver*[23], ela pode perseguir você nos bares, carros, calçadas, em todo lugar. Por quê?

Segundo Johann Hari (2018), a solidão não significa ausência física de outras pessoas, mas a sensação de não ter alguém ou algum grupo, com o qual, possa compartilhar algo mutuamente significativo. Ele dá o seguinte exemplo: quando você está na *Times Square* em sua primeira tarde em Nova York – imagine algum lugar bastante movimentado em sua cidade – você não está "sozinho", mas se sente "solitário" porque está permeado de códigos individualistas de intersubjetividade e autopercepção, provavelmente não há uma interação mútua com algum objetivo comum, são apenas uma multidão solitária, que perambula irrequieta atrás de seus próprios interesses. Mesmo a dois, ou em um ambiente de trabalho movimentado, se não há um compartilhamento de uma sensação de "ajuda e proteção mútuas", você continua solitário.[24]

Assim, a falta de vínculos significativos, característico das sociedades modernas, constitui motivo de sofrimento, posto que apesar da balança moderna pender para o lado do "Eu", este é indissociável do "Nós" presente em sua constituição, no sentido de que os seres humanos são sempre interdependentes (ELIAS, 1994).

---

ta de isolamento social, hoje, indicaria a ausência de vínculos de compromisso social e de relações significativas com os outros. Porém, também tem relação, nas camadas populares, com a falta de suporte financeiro que tarda, mas não chega a milhões de pessoas em situação de vulnerabilidade, bem como a falta de instrução a respeito do assunto e com o choque sobre dinâmica local, baseada em uma intensa pessoalidade. Sobre isso ver o artigo de Williane Pontes neste mesmo *Suplemento Especial.*

[23] Longa-metragem lançado em 1976, dirigido por Martin Scorsese.

[24] Loneliness isn't the physical absence of other people, it's the sense that you're not sharing anything that matters with anyone else. If you have lots of people around you—perhaps even a husband or wife, or a family, or a busy workplace—but you don't share anything that matters with them, then you'll still be lonely. To end loneliness, you need to have a sense of "mutual aid and protection".

A solidão crônica traz problemas no âmbito da saúde mental e afeta também o organismo dos indivíduos, indica Cacioppo (2008). O que nos prova que a sociedade importa, os laços e conexões sociais importam e sua pouca ou excessiva presença exercem influências massivas em todo nosso ser.

Precisamos, desse modo, questionar como o cenário social anterior e o isolamento da pandemia têm impactado na sensação de solidão dos indivíduos e em outros sofrimentos psíquicos relacionados aos processos supracitados. Como vimos a distância física não é sinônimo de solidão e nem a proximidade *per si* é antídoto contra ela.

Uma pesquisa realizada entre residentes da província de Liaoning, China, por Zhang e Feei Ma, sobre o impacto da pandemia de covid-19 na saúde mental e na qualidade de vida, relata, por exemplo, o aumento do apoio social e familiar, bem como mudanças positivas no estilo de vida relacionadas à saúde mental e indicam como uma das possíveis razões a de, durante a pandemia, o ritmo de toda a sociedade ter diminuído[25], o que poderia ter criado mais oportunidades e tempo entre os membros da comunidade para apoiar e cuidar um do outro.

Por outro lado, outras pesquisas recentes[26], realizadas principalmente na China e em outros países asiáticos, têm salientado a intensificação de quadros de depressão, ansiedade, pânico, estresse[27] e também o surgimento desses quadros em pessoas que não os

---

[25] Esse ritmo pode ser lido pelas lentes de Simmel (1998, p. 35) que indica que o homem moderno é continuamente motivado para a ação desenfreada, inquieta, ausente de pausas, possuindo na *Modernidade* uma existência "propulsionada pelo motor desenfreado do dinheiro que torna a máquina da vida um *perpetuum mobile*".

[26] Ver referências bibliográficas.

[27] De acordo com pesquisadores (HO, Cyrus; CHEE, Cornelia; HO, Roger): 53,8% dos entrevistados avaliaram o impacto psicológico do surto como moderado ou grave;

possuíam antes da pandemia. Esses sofrimentos psíquicos se agravam em pessoas com a infecção ou com possibilidade de ter se contaminado e particularmente entre os profissionais da saúde. Entre esses últimos, uma recente revisão sistemática sobre o impacto do desastre em sua saúde mental explica que o risco comum identificado no desenvolvimento de morbidades psicológicas inclui falta de apoio social e comunicação[28].

Durante o surto do covid-19, comunidades psiquiátricas parceiras em Singapura, como as Agências de Serviço Social (SSA) formaram uma primeira linha importante para fornecer aconselhamento, servindo para reduzir a possibilidade de desenvolver morbidades psiquiátricas na mentalidade da comunidade. Por exemplo, Silver Ribbon (Singapore) e Fei Yue Community Services fornecem on-line suporte de aconselhamento emocional para questões relacionadas ao COVID.[29] No Brasil, iniciativas já existentes como o Centro de Valorização da Vida (CVV)[30] organização

---

16,5% relataram sintomas depressivos moderados a graves; 28,8% relataram moderados a graves sintomas de ansiedade e 8,1% relataram níveis de estresse moderado a grave.

[28] Cyrus SH Ho, Cornelia YI Chee, Roger CM Ho. Mental Health Strategies to Combat the Psychological Impact of covid-19 Beyond Paranoia and Panic.

[29] "During this outbreak, community psychiatric partners in Singapore such as the Social Service Agencies (SSA) form an important first line to provide counselling in the heart land. This serves to strengthen the community's mental health resilience and reduce the possibility of developing psychiatric morbidities. For instance, Silver Ribbon (Singapore) and Fei Yue Community Services provide online emotional counseling support for COVID-related issues. A group of psychologists from the Singapore Psychological Society is also providing their services pro bono or at reduced rates for those distressed by the outbreak".

[30] O CVV é um serviço totalmente gratuito de apoio emocional a pessoa humana em estado de sofrimento, constituído por voluntários que se dispõem a conversar seja através de telefone, pessoalmente, e-mail, carta, virtual, chat, entre outros. Atualmente, ele permanece atuante através dos serviços de atendimento por telefone 24 horas através do 188 e no CVV Web, com voluntários que realizam apoios por chat online, em sala virtual privativa do CVV, além de atender via e-mail.

humanitária voluntária que oferece apoio emocional, 24 horas por dia, para pessoas em estado de sofrimento, angústia, relata aumento da procura de ajuda nesse período.

Alguns pesquisadores[31] indicam que no Brasil, país com muitas desigualdades sociais, baixos níveis de educação formal e de cultura humanitária-cooperativa, não existem parâmetros para estimar o impacto desse fenômeno na saúde mental ou no comportamento da população. E questionam: será possível implementar ações preventivas e emergenciais eficazes, voltadas para as implicações emocionais, psíquicas, dessa pandemia, em amplas esferas da sociedade?

Como foi salientado no ponto anterior, o isolamento – em relação ao social, constituí uma característica do indivíduo moderno e como indicou pesquisas realizadas no GREM Grupo de Antropologia e Sociologia das Emoções[32], no Brasil, a sociabilidade no urbano tem se constituído desde décadas anteriores em compasso com o processo de individualidade crescente e de afirmação do privado já mencionado, voltada para o distanciamento e estranhamento do outro e, por extensão do social, fragmentação dos sentimentos coletivos e para a indiferença e banalidade no trato público de sofrimentos (KOURY, 2018).

Mauro Koury (2018, p. 123) explica que a perda e a morte também são sentidos no Brasil urbano, a partir desse processo de interiorização e desencontros sociais no sentido de uma angústia "de não ter respostas socialmente adequadas à questão, a não ser quando traduzidas em termos subjetivos e individuais, e não so-

---

[31] ORNELL, Felipe; SCHUCH, Jaqueline; Anne, SORDI et al. "Pandemic fear" and covid-19: mental health burden and strategies.

[32] Ver os projetos do GREM: Luto e Sociedade e Medos Corriqueiros indicados nas referências.

ciais, e, assim, como ambivalente ao cotidiano dos indivíduos em relação, em um processo social ou comunitário mais amplo". Ele explica também que "a tristeza, a solidão, e o encarar a morte como uma impotência do ser individual na sociedade contemporânea, marcam também a emergência contraditória de uma nova busca de amparo em religiões ou em ideologias." (2018, p. 62)

Diariamente, a sociedade tem se deparado com um número crescente de mortes pelo covid-19, tornando-se necessário compreender como esse sofrimento social tem sido abordado pela população, em geral, e particularmente pelos indivíduos envolvidos e quais estão sendo as suas fontes de amparo. Nesse sentido, pesquisas precisarão ser realizadas, o que levará tempo. Entretanto, hoje podemos nos apoiar em pesquisas anteriores e relembrar a frase do poeta inglês John Donne, "Any man's death diminishes me, because I am involved in mankind."[33]

A ausência de compromissos e acordos sociais, políticos, horizontais, a falta da colaboração mútua, senso cívico e até mesmo confiança entre os cidadãos, derivados de processos como o individualismo moderno, o capitalismo neoliberal e outros, trouxe um cenário bastante lúgubre de interações travadas como uma batalha de interesses individuais durante a pandemia, com corridas para estocar alimentos e materiais específicos. Além de que, o outro torna-se, no contexto da pandemia, não apenas invisível como perigoso, já que é um hospedeiro em potencial, o que pode acirrar uma sociedade ainda mais individualista, encoberta pelo manto da autoproteção. A pandemia também advoga em prol da desconfiança do próximo o que também pode corroer as relações interpessoais. Como disse Han (2020):

[33] Tradução livre: a morte de qualquer ser humano me diminui, porque estou envolvido na humanidade.

> O vírus nos isola e individualiza. Não gera nenhum sentimento coletivo forte. De alguma maneira, cada um se preocupa somente por sua própria sobrevivência. A solidariedade que consiste em guardar distâncias mútuas não é uma solidariedade que permite sonhar com uma sociedade diferente, mais pacífica, mais justa.[34]

Todavia, no outro lado do espectro, nas partes mais vulneráveis do país, muitas comunidades têm se organizado e se ajudado mutuamente.[35] Encontram-se iniciativas organizadas de moradores de bairros populares para arrecadar alimentos, materiais de higienização, entre outras iniciativas, que não exime de forma alguma o Estado brasileiro, mais fortalece o capital social. Este seria constituído de confiança como componente básico, cadeias de relações sociais e que teria como característica específica constituir um bem público (PUTNAM, 1996) e facilitar a cooperação espontânea, o que pode ser um elemento basilar para atravessar pandemias como essa e de outros patógenos vindouros. Decorre que o associativismo voluntário, um dos elementos principais da comunidade cívica, bem como elemento central no conceito de capital social, atua fortemente no estabelecimento de laços de solidariedade, reciprocidade, responsabilidade pública, ajudando, assim, a superar os dilemas de ação coletiva e gerar efeitos benéficos nas instituições políticas e contribuem também para a prosperidade econômica ao passo que são também reforçados por essa prosperidade (PUTNAM, 1996).

Santos (2020, p. 54-7), na mesma esteira, propõe "imaginar soluções democráticas assentes na democracia participativa no nível dos bairros e das comunidades e na educação cívica orientada para

---

[34] https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html

[35] https://www.vozdascomunidades.com.br/

a solidariedade e a cooperação, não para o empreendedorismo e a competitividade a todo custo". Harari (2020) também indica que um método eficaz, seria uma solidariedade global, pois, a confiança e cooperação internacional mais estreita possibilitaria o triunfo sobre essa pandemia e sobre todos os patógenos futuros também, com informação aberta, ajuda e confiança mútua. Ao contrário de açambarcar equipamentos altamente necessários para enfrentar a pandemia de coronavírus ou de esconder informações de outros países, em uma guerra de todos contra todos.

Conclusão

Este ensaio procurou apresentar o cenário social anterior à pandemia de covid-19, a partir da contribuição de teorias sociológicas e antropológicas que abordam o individualismo moderno e apontam o processo de crescente isolamento do indivíduo na Modernidade – em relação ao social. Foi discutido o alto grau de isolamento dos indivíduos modernos, mesmo sem distanciamento físico, o processo de interiorização e apagamento dos laços sociais que constituem a própria individualidade, bem como o esvaziamento da esfera pública e imersão no eu como único espaço de investimento e ação e, assim, limitação das possibilidades de construção coletiva de mudanças sociopolíticas.

Todo esse quadro está relacionado com sofrimentos psíquicos, os mais diversos, como depressão, ansiedade, pânico, solidão crônica, tornando a compreensão do cenário pré-pandemia fundamental para se entender a configuração das relações sociais durante ela e os seus efeitos na subjetividade dos indivíduos. Concluiu-se, por fim, que a ausência de compromissos e acordos sociais, políticos, a falta da colaboração mútua, senso cívico e até mesmo confiança entre os

cidadãos, derivados de processos como o individualismo moderno, o capitalismo neoliberal e outros, trouxe, um cenário bastante lúgubre de competição e corrida para salvaguarda dos próprios interesses. Todavia, no outro lado do espectro, nas classes mais populares, se verifica um movimento de colaboração mútua nas comunidades, de cadeias de solidariedade e cooperação espontânea que pode ser um elemento basilar para atravessar pandemias como essa e de outros patógenos vindouros. Sendo importante, a formação crescente do associativismo voluntário e da solidariedade e cooperação tanto em nível social quanto global.

Referências

CACIOPPO, John; PATRICK, William. **Loneliness**: human nature and the need for social connection. W. W. Norton & Company, New York, 2008.

CONSTANT, Benjamin. Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos. In: **Filosofia Política** 2. Porto Alegre: L&PM, 1985.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUNKER, Christian. Prefácio à edição brasileira. In: ZIZEK, Slavoj. **Pandemia**: covid-19 e a reinvenção do comunismo. São Paulo: Boitempo, 2020.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. **Manufacturing Happy Citizen**s: How the Science and Industry of Happiness Control our Lives. London: Polity Press, 2019.

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HARARI, Yuval. **Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

HARI, Johann. **Lost connections**: uncovering the real causes of depression – and the unexpected solutions. London: Bloomsbury, 2018.

HARVEY, David. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011.

HO, Cyrus; CHEE, Cornelia; HO, Roger. Mental Health Strategies to Combat the Psychological Impact of Coronavirus Disease 2019 (covid-19) Beyond Paranoia and Panic. **Annals**, Academy of Medicine of Singapore. http://www.anmm.org.mx/descargas/Ann-Acad-Med-Singapore.pdf

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sobre perdas, dor, morte e morrer na cidade de João Pessoa, PB:** um estudo em Antropologia das Emoções. Coleção Cadernos do GREM n. 13. Recife: Bagaço, João Pessoa: Edições do GREM, 2018.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro**. Ser discreto**. Um estudo do Brasil urbano sob a ótica do luto. Relatório Final da pesquisa "Luto e Sociedade". João Pessoa: GREM/UFPB, 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Luto e Sociedade**. Projeto de Pesquisa. João Pessoa: GREM/UFPB, 1994.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Medos Corriqueiros**: A construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade. Projeto de Pesquisa, GREM: João Pessoa, 2002.

LEDER, Johannes, PASTUKHOV, Alexander; SCHÜTZ, Astrid. 2020. **Even Prosocially Oriented Individuals Save Themselves First**: Social Value Orientation, Subjective Effectiveness and the Usage of Protective Measures During the covid-19 Pandemic in Germany, Psyarxiv.com, March 30.https://doi.org/10.31234/osf.io/nugcr

ORNELL, Felipe; SCHUCH, Jaqueline; Anne, SORDI et al. 'Pandemic fear' and covid-19: mental health burden ands trategies". **Braz. J. Psychiatry**, São Paulo, 2020. Apr 03, 2020. http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008

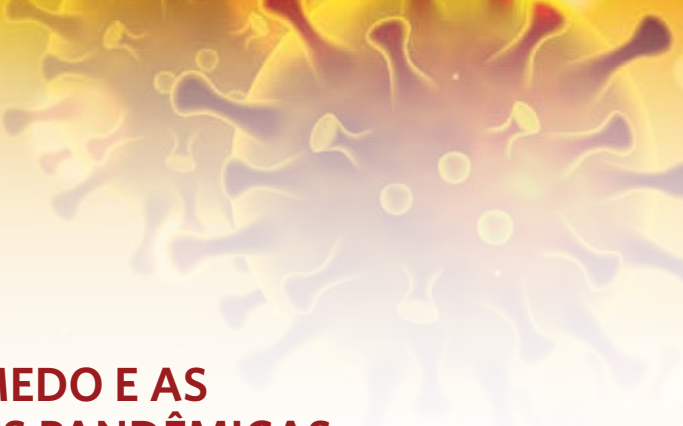
PETERS, Gabriel. Globalização, Responsabilidade e a Dor Do Outro Distante: Notas Para Uma Agenda De Pesquisa. **Revista de Ciências Sociais**, v. 44, no. 1, 2013.

PUTNAM, Robert D. Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus.** São Paulo: Boitempo, 2020.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade. In: SOUZA, Jessé de; OELZE, Berthold (Orgs). **Simmel e a modernidade.** Brasília: Editora UnB, 1998.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé de; OELZE, Berthold (Orgs). **Simmel e a modernidade.** Brasília: Editora UnB, 1998.

SOARES, Idayane. **Individualismo Moderno e Sofrimento Psíquico**: uma análise da comunidade virtual dos Neuróticos Anônimos. Coleção Cadernos do GREM n. 15, Recife: Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2020.

SOARES, Idayane Gonçalves. A configuração do(s) individualismo(s) na sociedade moderna e sua relação com a autopercepção dos indivíduos: algumas notas para reflexão. **Sociabilidades Urbanas** – Revista de Antropologia e Sociologia, v. 4, n.10, p. 73-80, março de 2020

SMITH, Adam. **Teoria dos sentimentos morais**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZHANG, Yingfei; MA, ZhengFeei. Impact of the covid-19 Pandemic on Mental Health and Quality of Life among Local Residents in Liaoning Province, China: A Cross-Sectional Study. **Int J Environ Res Public Health**, v. 17, n. 7, 2020. https://pesquisa.bvsalud.org/controlecancer/resource/pt/mdl-32244498

CAPÍTULO 4

CENÁRIOS DE MEDO E AS SOCIABILIDADES PANDÊMICAS NO MARANHÃO

Jesus Marmanillo Pereira

Introdução

Partindo da hipótese de que o medo é socialmente construído na relação entre a objetividade das instituições e a forma como os indivíduos o assimilam e o dialogam com seus próprios repertórios afetivos e culturais, o presente artigo buscar refletir sobre a chegada e desenvolvimento do covid-19 no estado do Maranhão, e analisar como o sentimento de medo pode ser considerado um importante fator nas sociabilidades urbanas. Para tanto, utilizamos a cidade de Imperatriz-MA como um recorte prioritário para narrar sobre o cenário de medo, e suas influências nas interações, sociabilidades e formas sociais.

É importante enfatizar baseamo-nos na idéia de compreensão defendida por Simmel (2011), ou seja, aquela construída por meio de processos empáticos entre “eu” e o “outro”. Dessa forma, buscamos captar o máximo da escassa experiência urbana em uma imersão profunda dos sentidos. Teoricamente, nos guiamos

pelas contribuições de Simmel (1988; 2016) presentes no aporte conceitual da sociologia das formas sociais e sobre morte. Foram estudadas também as pesquisas de Koury (2007; 2009), Rezende e Coelho (2010), Tuan (2005), Le Breton (2019) entre outros que nos possibilitaram compreender, grosso modo, como a sociologia simmeliana pode ser um importante ponto de partida para os estudos sobre emoções e sociabilidade, e como as emoções podem ser compreendidas como uma construção coletiva e relacionada com as paisagens e experiências.

Para efetivar essas referências teóricas e compreender a produção social do medo em Imperatriz-MA, orientamos a pesquisa para o estudo estatístico sobre os boletins epidemiológicos das secretárias de municipal e estadual de saúde, e para um questionário aplicados 241 pessoas[36] – dos quais extraímos 111 para analisar a emoção medo, suas justificativas e algumas características sociais dos entrevistados.Foi realizada pesquisa documental com análise de decretos e petições, com recortes jornalísticos, imagens de vídeos e outras fontes da imprensa local que reforçavam a opinião pública sobre a chegada do vírus e o sentimento de medo. Foram feitasdez saídas de campo, entre os dias 15 de março e 7 de maio de 2020, por meio das quais buscamos captar imagens e a experiência o ato de "flanar" no contexto pandêmico. Seguindo esse modelo, o artigo está organizado em duas partes: na 1) buscamos situar o leitor sobre alguns aspectos urbanos, das duas principais metrópoles

[36] Segundo IBGE a cidade de Imperatriz-MA possui uma população de 234.547 habitantes, significando que nossa amostra de 241 possui uma margem de erro de 1.19%. A amostra especifica referente ao medo, possui uma margem de erro de 7.83%. Utilizamos uma técnica conhecida como *snowball* (bola de neve) na qual solicitamos para os entrevistados que convidassem novos participantes a partir de sua rede de amigos, resultando em uma população estratificada em diferentes categorias: bairros, faixa etária e sentimentos.

maranhenses, e a construção do sentimento do medo da morte com bases nas instituições públicas e meios de comunicação; na 2) são apresentados alguns aspectos da relação entre medo da morte e a construção de sociabilidades na cidade de Imperatriz-MA, tendo como foco as percepções dos atores urbanos e seus relatos.

A chegada do Coronavírus – COVID19 – nas metrópoles maranhenses: Imperatriz e São Luís

Segundo o site Universo online (UOL) no dia 25 de fevereiro de 2020, um empresário de 61 anos que havia retornado do norte da Itália foi diagnosticado, no Hospital Albert Einstein em São Paulo, como portador do covid-19. Em pouco menos de 1 mês, no dia 20 de março o governador do Maranhão, Flávio Dino, anunciou a confirmação do primeiro caso na capital maranhense – de um idoso que chegará de viagem de São Paulo no referido mês. Na cidade de Imperatriz-MA, o primeiro caso publicizado circulou primeiramente, na noite do dia 22 de março, nos grupos de whatsapp e nas redes sociais vinculadas a um jovem médico que teria contraído o vírus de um amigo, em São Paulo. No dia seguinte, também pude observar o caso no jornal da TV local e em sites da região. Para quem acreditou que se travava de uma realidade distante, os primeiros casos em solo maranhense e Imperatrizense simbolizaram a chegada do covid-19 e o processo de construção de uma nova realidade social que foi sendo desenhada nas ruas da cidade.

Quanto ao trânsito do vírus e das pessoas em escala mundial, e nacional, é importante considerar que os estudos de sociologia urbana clássica realizados por Pereira (2017; 2018;2018 e 2019) demonstram que Marx, Weber, Simmel e Durkheim já observavam que a especialização e a complexificação da divisão do trabalho se

transpunha desde as organizações sociais mais "simples" até a organização social materializada nas cidades e, entre cidades. Atentando sobre a circulação do dinheiro, a expansão das relações comerciais, ampliação da divisão do trabalho e condições da implementação do capitalismo, tais autores apontam, grosso modo, que ao contrário do isolamento e auto-suficiência das grandes propriedades rurais, a divisão do trabalho e a circulação foram requisitos fundamentais para o modelo de cidade moderna e industrial. Em seu texto sobre a exposição mundial em Berlim, Simmel (2013) chegou a utilizar o termo cidade mundial para caracterizar o processo de integração econômica daquela capital ao continente europeu.

As metrópoles maranhenses, São Luís e Imperatriz, são justamente os lugares mais conectados e nível regional quanto nacional. São as únicas que possuem aeroportos com linhas comerciais entre si, para Brasília e São Paulo. A integração dessas cidades não pode ser dissociada dos processos econômicos que as conectam com outros processos de caráter nacional e internacional, já que,

> Na década de 1980 ocorreu implantação do Projeto Grande Carajás associado a outros projetos de infraestrutura, como a Estrada de Ferro Carajás, conectando a província mineral de Carajás (sudeste do Pará) ao litoral maranhense, o Complexo Portuário de São Luís, formado pelos Portos do Itaqui, da Ponta da Madeira e da Alumar, alimentando também oito usinas de processamento de ferro gusa às margens dessa estrada de ferro; uma grande indústria de alumina e alumínio (ALUMAR) e bases para estocagem e processamento industrial de minério de ferro (Vale) na Ilha do Maranhão(PANTOJA; PEREIRA, 2016, p.331)

Esses autores explicam que na década seguinte a Empresa de Celulose do Maranhão (CELMAR) já fazia as primeiras experiências

em Imperatriz, e que em 2013 a Empresa Suzano Papel Celulose se implantou na cidade, impulsionada pelas características logísticas da região. Pereira e Carvalho (2018) ao analisar os trabalhadores no corte de eucalipto, enfatizam que tal produção de eucalipto estava vinculada a existência de empresas especializadas no corte da madeira, e de carvoarias na cidade de Açailândia (localizada a 70 km de Imperatriz) que se valia daquela madeira para produzir o carvão utilizado nos fornos de fundição do minério de ferro, bauxita e manganês extraídos de Carajás. Já em Imperatriz, a implementação da Suzano, estimulou a fixação da indústria Peróxido do Brasil LTDA que produz insumos químicos utilizados no branqueamento da pasta de celulose. Dessa forma, essas duas cidades, são caracterizadas pela alta circulação de fluxo de pessoas e capitais, e não por acaso, veremos que são os locais de maior concentração de casos.

No Maranhão foram registrados 7.599, entre os dias 25 de fevereiro e 9 de maio de 2020. Desses, 4.274 casos concentram-se na capital, e 457 casos na cidade de Imperatriz – representando respectivamente 56% e 6% do total. Já os 38%(2.868 casos) restante se distribuíram entre 156 municípios maranhenses, até o momento dessa pesquisa. Embora esse levantamento de dado sirva para transmitir uma noção da concentração de casos nas duas únicas metrópoles do estado, por conta do aumento constante do contagio e dos óbitos e por receio da rápida desatualização[37] do quadro aqui desenhado, trabalharemos em termos de tendências de crescimento para demonstrar um breve histórico e as perspectivas.

Nesse sentido, ao analisar os 5.040 casos em relação aos boletins epidemiológicos da prefeitura de São Luís, foi possível

[37] Para se ter noção no dia seguinte, subiu para 8144, depois para 8526 e no dia 15 de maio já eram totalizados 11.592 casos confirmados. Os dados podem ser acompanhados no site da secretaria estadual de saúde.

perceber duas séries, crescentes, que representam as contaminações (azul) e os óbitos (vermelha) diários ocorridos naquele município. A partir do histórico de contaminações foi possível traçar uma tendência (linha tracejada) que sinaliza um crescimento gradativo dos contágios.

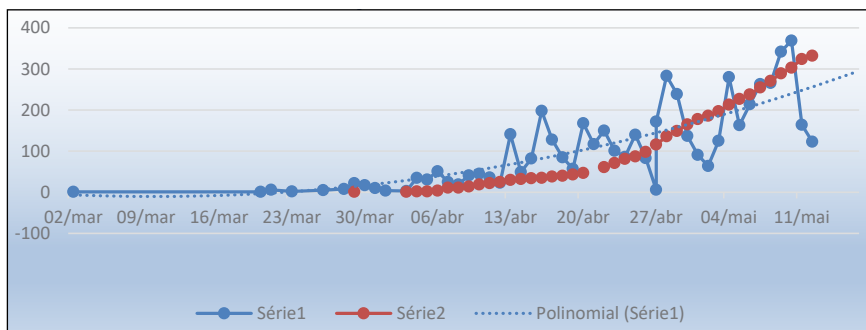



Gráfico 1 – Contaminações e óbitos diários em São Luís-MA.
Fonte: O autor, 2020.

A partir do gráfico 1 é possível observar que o primeiro óbito ocorreu em 29 de março, e que as mortes têm seguido de forma crescente na capital. Já os contágios tiveram algumas variações no mês de abril, sinalizando uma instabilidade no controle já que a cada queda o número de contágios voltava maior. Nesse contexto, o Juiz Douglas Martins, da Vara de Interesses Difusos e Coletivos da Comarca da Ilha de São Luís, determinou o *lockdown*[38] nos municípios da ilha de São Luís, no dia 30 de abril de 2020, orientando o governo do Estado a agir disciplinarmente para garantir o isolamento social.

Na cidade de Imperatriz-MA os números de casos seguem crescendo de forma assustadora, pois se entre 15 de março (1º caso local) até 30 de abril tinha sido contado 6 mortes, nos quatorze

[38] Por meio da Ação Civil Pública referente ao processo n. 0813507-41.2020.8.10.0001

primeiros dias de maio o número subiu para 35 óbitos. Os gráficos 2 e 3, elaborados a partir de dados dos boletins epidemiológicos da secretaria municipal de saúde (SEMUS), demonstram o aumento no mês de março, e um tendência crescente no número de óbitos.

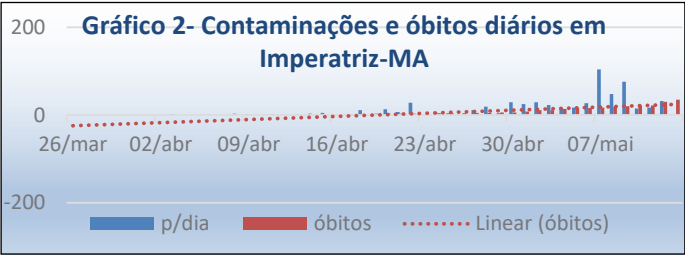



Gráfico 2 – Contaminações e óbitos diários em Imperatriz-MA.
Fonte: O autor, 2020.

No Gráfico 2, a 2ª linha tracejada (vermelha) representa a tendência de óbitos no município, confirmando a ideia de que o pico da doença ainda não tinha chegado, até o mês de abril. Com o aumento no mês de maio (29 casos de óbitos na primeira quinzena) inferimos que seria o mês de início do pico da doença na cidade, informação foi confirmada pela secretária municipal de saúde, Mariana Jales, que afirmou que o pica já estava ocorrendo em Imperatriz e tendia a aumentar ainda mais (Jornal Nacional 14/05/ 2020). No Gráfico 3 também é possível observar, com mais detalhes, a linha tracejada da tendência crescente e o histórico de óbitos na cidade.

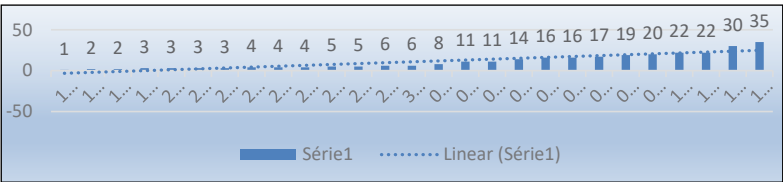



Gráfico 3 – Tendência dos óbitos por dia Imperatriz-MA.
Fonte: O autor, 2020.

O número de óbitos pode ser pensado em relação a número crescente de contágios e o número de leitos disponíveis, pois se a população contaminada cresceu progressivamente nas duas cidades (Gráfico 4), a estrutura hospitalar apresentou-se insuficiente para a demanda por tratamento. O resultado disso é que, segundo o Núcleo de Defensoria Pública do Maranhão[39] localizado em Imperatriz, os 35 óbitos (registrados até o dia 14 de maio de 2020) teriam ocorridos em situação de falta de leitos.

No final do mês de abril já foi possível observar na cidade de São Luís, relatos dramáticos de pacientes que passaram o dia em busca de leitos e que não resistiram a espera. Em Imperatriz-MA, no dia 13 de maio de 2020, todos os leitos do hospital macrorregional estavam ocupados, o hospital de campanha apresentava 80% dos leitos de UTI ocupados e 45% leitos clínicos ocupados. Mesmo os particulares estavam em situação crítica: o Santa Mônica estava com 95% dos leitos clínicos ocupados e sem vagas na UTI, o hospital da UNIMED também não possuía mais vagas nas UTIs e possuía, aproximadamente, 69% de ocupação em seus postos de atendimento.

A velocidade da expansão e desenvolvimento do covid-19 gerou uma situação limite no estado, que apesar das dolorosas baixas, tem sido combatida pelo governador Flávio Dino que montou uma verdadeira operação de guerra, com a comprar de equipamentos, construção de hospitais de campanha em São Luís, em Açailândia e reforço do hospital Macrorregional em Imperatriz-MA.

Com a expansão assustadora do covid-19 no Maranhão, o governador Flávio Dino estabeleceu em 21 de março um decreto que

[39] Informação contido na Ação Civil Pública, referente ao processo n. 0806099-76.2020.8.10.0040.

defendia medidas de suspensão por 15 dias de atividades e serviços não essenciais. Mas, conforme o número de óbitos aumentava, os decretos foram sendo prorrogados, até chegar o Juiz Douglas de Melo Martins e determinar o *lockdown* na ilha de São Luís, medida que entrou em vigor no dia 3 de maio de 2020.

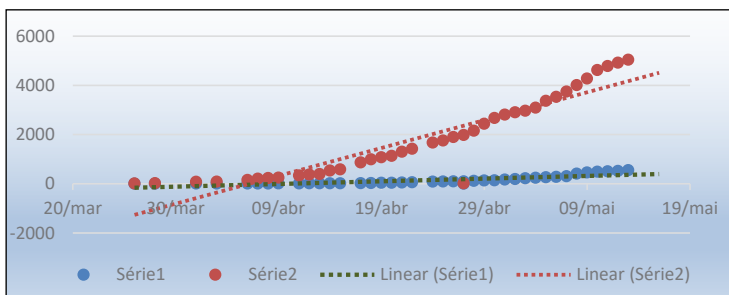



Gráfico 4 – Casos confirmados nas duas cidades.
Fonte: O autor, 2020.

Na cidade de Imperatriz-MA observamos um processo similar, pois entre os dias 17 de março e 9 de maio de 2020, uma série de decretos municipais foram sendo realizados pelo prefeito Francisco de Assis Andrade Ramos. Contudo vale destacar que a partir do decreto nº 23 de 21 de março de 2020, a cidade inseriu-se em "estado de calamidade pública em virtude da situação anormal de propagação e contagio do covid-19. Por meio do documento, ficaram proibidos o funcionamento dos shoppings a partir de domingo (22/03/2020) por 15 dias, bares, cinemas, eventos e qualquer tipo de serviço que exigisse aglomerações, suspensão das atividades não essenciais, capacitação de todos os profissionais de saúde. Embora houvesse pressão de alguns empresários e suas associações para o retorno do comércio, ao final de cada prazo dos decretos municipais, os números do covid-19 aumentavam e justificavam as prorrogações do decreto.

Mesmo com essas medidas municipais, parte da população permaneceu tentando seguir no cotidiano normal- seja por fatores culturais ou econômicos. Tal fato fez com que a Defensoria Pública do estado do Maranhão (núcleo de Imperatriz) entrasse com uma ação civil pública sugerindo o *lockdown* no município de Imperatriz-MA, no dia 14 de maio de 2020. Segundo o documento existem indícios suficientes como a formação de filas de espera que já resultaram na morte de 35 pessoas até 13 de maio de 2020. O documento (Processo nº 0806099-76.2020.8.10.0040) cita que "apenas entre os dias 11 e 13 de maio de 2020, em 48 horas, 13 pessoas vieram a óbito pela doença" e cita vários casos de pessoas que morreram aguardando disponibilização de vagas. No entanto, na manhã dia seguinte (15/05/2020), o prefeito da cidade declarou em suas redes sociais[40], que na próxima segunda feira (18/05/2020) seria iniciada a abertura do comercio, conforme a Imagem 1 abaixo.

Tal declaração gerou uma resposta do Ministério Público Federal, por meio do oficio nº 378/2020-GAB/PRM3-AIM que exigia que a medida de flexibilização fosse tomada após a exposição de uma fundamentação baseada em critérios científicos que demonstrassem a superação da fase de contágio, de acordo com os dados de contaminação, internações e óbitos. Eles ressaltaram os números crescentes nos boletins epidemiológicos e requisitaram a presença do prefeito até as 12 horas do dia 16 de maio de 2020 para a apresentação dos fundamentos médicos e epidemiológicos que fundamentam a pretendida flexibilização[41].

---

[40] A declaração repercutiu nos principais jornais do estado. No site do jornal O Imparcial, do mesmo dia, o leitor poderia ler a manchete "Prefeito anuncia retomada do comércio em Imperatriz após Defensoria pedir lockdown".

[41] A ação da Defensoria Pública gerou uma resposta dos empresários que produziram, no mesmo dia, uma petição da FAEM – Federação das Associações Empresariais

Iremos flexibilizar gradualmente a abertura do comércio em Imperatriz, começando na segunda-feira, dia 18/05/2020. Calçadão, shopping e auto escolas reabrirão, mas com regras rígidas de funcionamento. Cultos religiosos e academias só serão liberados após o efetivo aumento dos leitos de enfermarias e UTIs prometidos pelo governo do Estado, Prefeitura de Imperatriz e iniciativa privada.

Imagem 1 – Declaração do Prefeito de Imperatriz-MA.
Fonte: https://www.instagram.com/prefeitoassisramos/

Apesar do e conflito de interesses entre a flexibilização e o isolamento social, dos números crescentes e dos atores sociais envolvidos, observamos que não cessaram notícias sobre o aumento do número de mortos. Como exemplo podemos citar algumas que fornecem uma noção da situação: " Em 24 horas, Maranhão registra 854 novos casos e 24 mortes por covid-19" (G1, Globo, 09/05/2020), "Novo Coronavírus já chegou em 25 bairros de Imperatriz: Boletim da SEMUS aponta 47 casos positivos e três óbitos" (IMIRANTE, 22/04/2020), "IMPERATRIZ: Casos de coronavírus crescem 51%. Centro, Bacuri e Nova Imperatriz são os mais atingidos" (Folha do Bico, 25/04/2020), "Prefeitura realiza reunião com representantes

---

do Maranhão, cujo representante local foi o professor Hélio Rodrigues Araújo da Universidade Federal do Maranhão. Para eles, o documento da Defensoria era pautado em informações desconexas para induzir um juízo inadequado. Segundo eles: "Não há dúvida de que a situação atual produz sensações de pânico e de temor na população. Esses sentimentos não podem, no entanto, ser explorados para autorizar medidas repressivas e abusivas que fragilizem direitos e garantias constitucionais. A resposta esperada do Estado não deve ser a ampliação de seu arsenal repressivo, mas sim a expansão de sua capacidade de assistência e de proteção social dos cidadãos, principalmente os mais vulneráveis". (PROCESSO Nº 0806099-76.2020.8.10.0040, p.13)

funerários para orientar sobre manejo de óbitos Cemitério Municipal Bom Jesus já está preparado para demanda seguindo protocolos de segurança do Ministério da Saúde" (IMPERATRIZ, 29/04/2020).

No dia 14 de maio de 2020, a cidade de Imperatriz apareceu, no Jornal Nacional (GLOBOPLAY, 2020), como a cidade do interior para onde o covid-19 tem avançado. A reportagem traz a fala da secretária de saúde, Mariana Jales, afirmando que o pico da doença já está em Imperatriz e que é necessário manter o isolamento social. Falava ainda que cinco pessoas diagnosticadas com coronavírus morreram na última noite, e citava a existência de apenas dois leitos livres em toda a cidade, naquela data.

Entre março e maio de 2020, as palavras "óbitos", "mortes", "contágio", "prevenção", "medo" pareciam compor uma linguagem comum que ganhou expressão na mudança de comportamento na cidade, e no esvaziamento gradativo das ruas do centro da cidade. Tratam-se não apenas de verbalizações orais que passaram a compor a comunicação cotidiana nos raros momentos, nos jornais, televisão e declarações oficiais, mas de emoções e sentimentos diretamente vinculados a determinadas práticas sociais e modos de perceber a urbe. No final de março, o trabalho coletivo dos órgãos da administração pública, dos meios de comunicação e das experiências de pessoas sinalizava que as ruas e o espaço público já não eram mais exclusivos dos cidadãos, mas que havia a presença de um "inimigo invisível" – forma como passou a ser nominado por muitos.

Na figura 1, abaixo, produzida na manhã do dia 21 de março registra minhas primeiras observações de usos de mascaras, em lugares públicos da cidade. Considerando os escritos de Goffman (1988) podemos inferir que tal adereço pode ser compreendido

como uma importante informação social cujo sentido estava pautado em uma representação de medo associado às ruas e locais onde possam ter pessoas. Tal cenário de medo, pode ser melhor compreendido, quando observamos a construção de uma etiqueta preventiva que passou a exigir uso de mascaras em locais fora de casa, sinalizando uma relação direta entre as sensações de segurança, perigo em relação aos lugares público e privado.

Figura 1 – Novos comportamentos urbanos.
Fonte: Pesquisa direta, março 2020.

O medo dos transeuntes e as ações (e orientações) da administração pública nos remete a ideia de medicina social, discorrida por Foucault (2007, p. 87) quando enfatiza que no século XVII existia "um medo urbano, um medo da cidade e angústia diante da cidade" que também se relacionava com as epidemias urbanas e os pânicos vinculados a proliferação de doenças. Tratou-se de uma situação

em que o saber médico passou a se institucionalizar na França, com uma preocupação especial sobre a circulação do ar e dos tratamentos da água.

De modo similar, as orientações do saber médico foram difundidas em exemplos como o da Imagem 2 que demonstra uma espécie de mapeamento de lugares urbanos em relação ao risco de contágio. Tais orientações e o medo do contágio sugerem tipos de comportamentos e lugares que compõem uma nova conduta construída e defendida a partir dos tempos do covid-19. O medo e o constrangimento social passaram a compor formas elementos que representam uma fachada de responsabilidade social, bem como o ato voluntário de isolar-se em casa. Embora não seja, um problema especifico desse artigo, é importante refletir sobre os processos de manutenção das fachadas, pelos processos de evitação (GOFFMAN, 2012) de contatos diretos que simbolizam a construção de uma nova moral defendida pelos entrevistados.

Por essa lógica, o ato de espirrar em público sem respeitar as etiquetas de usar máscaras ou levantar o braço tornou-se uma atitude rechaçada e geradora de medo de contágio, e medo da propagação do vírus. O medo e as formas de interagir e se sociabilizar adquirem uma perspectiva especifica no cenário de pandemia. Sobre a forma como o medo e as epidemias alteram os comportamentos, Tuan (2005) percebeu, em seu texto “Medo de doença”, que no apogeu da peste negra a ideia de que a doença era transmitida pela respiração que contaminava o ar transformava todos, ao mesmo tempo, em desconfiados e suspeitos. Ele explica que “o medo da infecção era tanto que os que tinham que andar pelas ruas ziguezagueavam, cruzando de um lado para outro a fim de evitar contato com os outros pedestres” (TUAN,2005, p. 158).

Imagem 2 – Locais de risco: contágio –covid-19.
Fonte: SUS, 2020.

O medo fazia com que as pessoas abandonassem as cidades gerando uma paisagem de casas abandonadas e vazias, bem maior que de vítimas da peste. Decorrente do medo relacionado a preservação da própria vida (Racionalidade biológica) teríamos um medo social, orientando por uma representação social construída em torno da situação pandêmica, do aumento dos números, das alterações na rotina e indefinição das coisas. Enfim, a partir dessas primeiras observações buscaremos compreender que as variáveis medo, lugares públicos e interações podem constituir um caminho interessante para uma sociologia urbana e das emoções, nos tempos pandêmicos.

O medo e as sociabilidades pandêmicas em Imperatriz-MA

Para o clássico da Sociologia, George Simmel, a morte pode ser avaliada de forma relacional, ou seja, tendo como referência a vida.

Para ele a vida é orquestrada com a morte em movimentos ascendentes e de "descida" que demonstram aproximação e distanciamento entre esses dois estágios do homem. Simmel (1998) explica que essa relação pode ser facilmente contextualizada na formulação hegeliana de que toda coisa atrai o seu contrário, e explica:

> A vida em si atrai a morte enquanto contrário, enquanto o "outro" em que se transforma em coisa e sem o qual essa coisa não possuiria absolutamente o seu sentido e a sua forma específica. Consequentemente a vida e a morte se encontram no mesmo degrau do ser como a tese e antítese (SIMMEL, 1998, p. 180).

Dessa forma, percebe que ao olhar na direção oposta, a morte parece delinear a vida, atribuindo-lhe formas e conteúdo. Nota que a adaptação é um recurso necessário para que os organismos se mantenham vivos, e que a morte significaria justamente o fracasso dessa adaptação. Essa significação pode ser pensada de forma direta nesse contexto de "adaptações" cotidianas para se manter seguro do risco de contágio.

O medo da morte tem orientado pessoas para novas formas de interações no ato de consumir produtos em supermercados, nas maneiras de se relacionar com trabalhadores que realizam entregas de produtos e com vizinhos. Grupos de solidariedade surgem para oferecer cestas básicas para populações carentes, indivíduos oferecem mascaras aos mais prevaricados. Seguindo um viés Simmeliano, Koury (2009) explica que essas situações se constituem porque, para o clássico da sociologia, os conteúdos possuem base psicológica e biológica que não são sociais em si. Contudo, elas funcionariam como disposições corpóreas individuais no encontro com o outro, ou seja, o medo da morte geraria a necessidade de

proteção, conforto e, portanto, pode ser compreendido como um fator de sociação.

Seguindo essa orientação, e partindo de uma amostra de 246 indivíduos para a questão "Qual desses sentimentos e emoções você tem sentido, com maior impacto, quando sai às Ruas ou Avenidas?" Verificamos que o medo (45%) e angustia (30%) foramàs emoções preponderantes, representando mais da metade da população analisada (185), enquanto ¼ se dividiu entre pessoas que afirmavam não sentir nenhuma (3%) emoção, saudosismo (12%), liberdade (6%) e mais de uma emoção (4%).

Para o presente estudo, nos deteremos sobre a emoção medo, que segundo Rezende e Coelho (2010) é uma emoção diretamente presente em todos os momentos de mudanças ocorridos na sociedade ocidental moderna. Para tanto se valem dos estudos de ELIAS (1994) para explicar como o medo foi internalizado como uma forma de disciplinar uma conduta que fosse considerada correta, socialmente. Como prevenção contra transgressões a comportamentos aceitáveis, a estrutura social dispunha de determinadas sanções simbólicas como ameaças, punições negação que estigmatizavam os indivíduos.

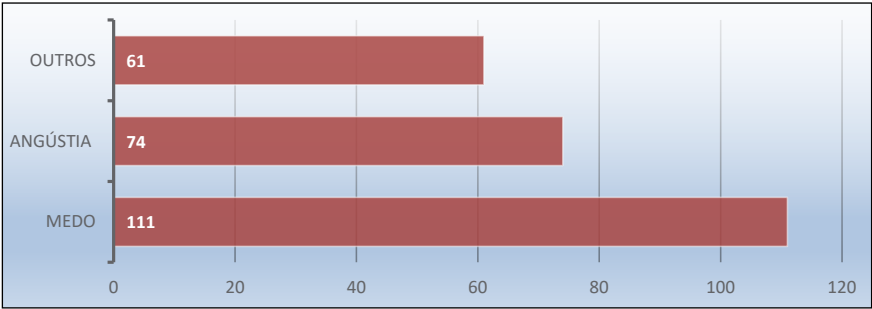



Gráfico 5 – Emoções na Pandemia em Imperatriz-MA.
Fonte: O autor, 2020.

Só acrescentaríamos que outra referência importante na relação entre emoções e morte é o livro *Solidão dos Moribundos* (ELIAS, 2001) que nota que os ritos e crenças produzidos sobre a morte possuem um poder de socialização, na medida em que afastam ou unem pessoas. Esse autor explica como a segurança e os conhecimentos médico resultaram em um tipo de relação com a morte marcada pelo distanciamento e esquecimento, após a formação dos estados nação. Assim, ele enfatiza que a relação com a morte dependeria da expectativa de vida de cada sociedade, uma vez que tal variável pode significar afastamento ou presença maior com a ideia de ruptura da vida. Quando analisa a relação indivíduo – sociedade, demonstra que nas épocas antigas morrer era uma atitude muito mais pública que nos dias atuais.

Nesse âmbito é que ressalta o aspecto de negação e exclusão social da morte, em relação aos jovens que parecem ser preservados do tema, e também, em relação aos moribundos. Tal fato estaria relacionado ao alto grau de individualização e ao fato da lembrança da morte "do outro" ser a lembrança de nossa própria morte. Uma morte que religiosamente pode ser associada a uma mitologia da punição divina que exclui os pecadores da eternidade, ou uma morte que é inconcebível para os mais jovens nos tempos de tantos avanços científicos.

A solidão dos moribundos resulta desse processo de exclusão e embaraço diante da morte do outro, ou seja, trata dos componentes emocionais relacionados a morte e suas representações sociais. Elias (2001) explicar que a ela pode ser compreendida, também, como a diminuição dos laços sociais ao longo da velhice, ou seja, não se limitaria ao ato de morrer, mas seria um processo gradativo que desemboca com um processo extremamente solitário que reflete muito aspectos da sociedade contemporânea. Como por

exemplo, cita a invisibilização dos idosos e vulneráveis que possuem uma situação mais próxima da morte. Nessa linha de pensar as representações sociais entende-se que,

> A morte, como conceito e expressão, encontra-se **interdita na sociedade ocidental contemporânea**. O modo de vida atual impede a vivência da morte sob um discurso de juventude eterna e dominação da natureza; **a morte acontece e é entendida como uma forma de fracasso tecnológico**. Como não pode ainda ser evitada, é aventada como a morte do outro e, como tal, as formas rituais e as expressões de dor são minimizadas e tratadas de modo higiênico. **Estudos sobre o Brasil urbano do final do século passado constatou as formas interditas no trato da morte e do luto, o desconforto advindo, a diminuição e o esfacelamento das relações sociais**, ampliando a esfera da solidão do homem comum (KOURY, 2004, p. 130)

A ideia de fracasso tecnológico, de fracasso frente às normas civilizatórias (ELIAS,1994) ou de fracasso adaptativos (SIMMEL, 1988) rondam o imaginário social em torno da emoção medo nos processos de mudanças, em suas diferentes escalas. A juventude eterna, a dominação da natureza e a luta contra a morte ancoradas nas bases da racionalidade urbana parecem ter sido colocadas a prova, como um importante elemento de reflexão sobre a vida e a morte, nesses contextos pandêmicos.

Como delineado na hipótese desse estudo, essas emoções devem ser compreendidas dentro do contexto explicado no tópico anterior, pois, os sentimentos de medo e angustia foram relacionados, tanto a questões individuais de autopreservação medo de ser contagiado pelo vírus e morrer, quanto pelo risco de perder pessoas amadas, de não poder abraçar ou tocar pessoas, pelo risco da irresponsabilidade dos outros que não respeitam o isolamento social ou pelos vazios da cidade.

As duas emoções demonstram aspectos de solidariedade e de sofrimento social (KOURY, 2007) já exigem outras formas de relação com o outro, no sentido de superação dos medos; e sinaliza um quadro de rebaixamento e limitação da liberdade para interagir socialmente em determinados espaços, ou às vezes um contexto de precarização da vida que impede o isolamento nos bairros e lugares mais frágeis e desestruturados. Para esse autor, o sofrimento social se manifesta em situações de injustiça, imersos em contextos de violência simbólica e de humilhação das populações que sofrem. Trata-se de um sofrimento relacionado a organização da vida, a estratégias de afastamento e hierarquização de posições e normas, sustentadas em processos de medo construídos para preservar determinados status.

Quando observamos, de modo geral, os efeitos sociais da pandemia sobre a população local é possível inferir que mesmo que ocorra uma narrativa de homogeneidade de "todos" contra o vírus, ou um negacionismo há um processo de invisibilização das desigualdades estruturais que não é citado na explicação do avanço dos números. Por exemplo, o fato dos maiores números em Imperatriz se concentrarem no centro da cidade, e de bairros como Coroadinho, Anjo da guarda Cidade Operaria e Bairro de Fátima serem os que oferecem mais dificuldade ao isolamento social, em São Luís, não pode ser dissociado das características sociais das populações que lá habitam, nem da oferta de serviços públicos e de manifestações de cidadania em tais locais. É importante considerar o desemprego, e as características deles – as casas geminadas e sem ventilação tornam, em muitos desses lugares, a rua como uma extensão necessária da casa: portas e janelas abertas para rua como fonte de luz e ventilação. Mesmo que não tenhamos condições (agora) de nos aprofundarmos sobre as condições sociais do isolamento, é

importante enfatizar que, o conceito de Sofrimento social (KOURY, 2007) nos possibilita refletir sobre o papel das emoções, nesse cenário de invisibilização da violência simbólica (BOURDIEU, 1989) que é alimentanda pelos próprios excluídos da cidadania.

Quando analisamos as justificativas das 111 respostas (Gráfico 6) que apontavam o medo como principal emoção relacionada ao ato de sair para a rua, nesse contexto pandêmico, verificamos que 71% das justificativas giram em torno do medo de contágio: seja de contrair e transmitir o vírus para outras pessoas. 8,1% também possuem medo de contágio e ao mesmo tempo preocupação pela falta de cuidados das pessoas que não respeitam as normas de proteção. Outros 8,1% temem pela demora e velocidade da pandemia e 4,1% afirmaram o medo de contágio e da situação financeira para manutenção da própria vida.

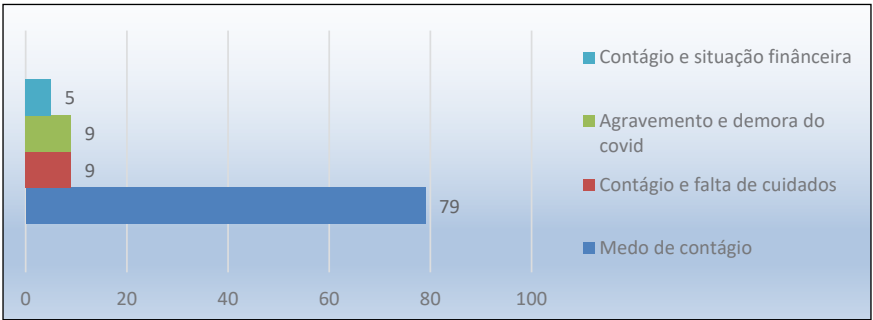



Gráfico 6 – Situações vinculadas ao medo.
Fonte: O Autor, 2020.

Considerando esse contexto de crescimento das mortes, de mudança e sofrimento social, discorreremos sobre algumas justificativas dadas para os sentimentos de medo e angústia (mais expressivos nas respostas). Para justificar tais sentimentos, no ato de sair para a rua, eles explicaram:

> **Angústia por perceber nas Ruas ou Avenidas que as pessoas estão à deriva**, sem assistência pública e possibilidade de **vida digna** diante de um desgoverno que minimiza a situação e os empurra à morte. Digo a eles, porque tenho condições de manter cuidados e quarentena, **mas as pessoas que vejo nas Ruas ou Avenidas**, muitas vezes não tem. (Informante M – Angústia)[42]
>
> Sinto um misto de preocupação com uma certa raiva de quem não respeita as medidas sanitárias, como o uso de máscara e a distância. (Informante N)

Mesmo que o primeiro e o penúltimo informante apresentem conteúdos mais psicobiológicos, representando uma certa parcela do total, as outras justificativas sinalizam o sentido para processos interativos, pois não são auto focadas no próprio informante e sinalizam um sentimento de solidariedade voltado para o "outro". Sobre esse processo que implica na relação entre emoções, indivíduo e sociedade Le Breton (2019) explica que:

> As emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós têm origem em normas coletivas implícitas, ou, no mais das vezes têm **orientações de comportamento que cada um exprime de acordo com seu estilo, de acordo com a sua apropriação pessoal da cultura e dos valores circundantes.** São formas organizadas de existência, identificáveis no seio de um mesmo grupo, porque elas provêm de uma simbólica social, embora elas se traduzam de acordo com as circunstâncias e com as singularidades individuais (LE BRETON, 2019, p.145)

Assim, tanto as emoções quanto as falas dos informantes devem ser compreendidas dentro do contexto sociocultural com o qual

[42] Por opção própria, todos os informantes preferiram não se identificar

eles constituíram o próprio *habitus* (BOURDIEU, 1989) emocional. Para ele, as emoções não possuem proveniência totalmente individual, mas se constitui também por meio de um aprendizado social e na identificação com o outro. Esses dois aspectos estruturados e estruturantes é que alimentariam e orientariam os sujeitos nos processos sociais. Buscando uma aproximação com Simmel (2006) ela estaria presente como conteúdo, motivando os indivíduos, mas também como forma autônoma, pois, determinadas emoções são valorizadas em certos grupos e possuem, também, uma função de caracterizá-los.

Já a segunda justificativa deve ser contextualizada com algumas características sociais da informante M, que é graduada em jornalismo social, possui entre 20 e 30 anos e reside no bairro do Bacuri. Ela gosta de bares e festivais onde é possível se distrair e dialogar com os amigos. Com a pandemia teve que deixar de frequentar a casa de amigos e parentes, e tem saído de casa a cada quinze dias, por medida de segurança. Costuma participar de mobilizações de reivindicação de direitos sociais e agiu ativamente em trabalhos coletivos de conscientização da opinião pública a respeito dos perigos do covid-19 e a importância do isolamento social.

O que chama atenção é que a trajetória de vida dela, próxima a uma militância de esquerda simboliza o ambiente ideal para o desenvolvimento da emoção indignação. Como notou Castells (2013) a indignação e a esperança são sentimentos presentes dentro dos movimentos sociais. Constituídas como valores circundantes tais emoções possuem um aspecto que auxiliam na autonomia da forma, pois independente das posições pessoais ou necessidades dos militantes, o ato indignar-se com as injustiças é uma espécie de princípio – bastante presente na justificativa dada.

A informante N é professora de História e também possui boa inserção nas mobilizações de direitos e atividades de conscientização cidadão. Ela tem 40 anos e reside no bairro do Bacuri. Ela disse que costuma lembrar-se de encontros em calçadas da casa de amigos, onde conversa, bebia, dançava e preparava jantares. Gostava de frequentar bares, nas horas vagas, porque os considera um lugar de sociabilidade onde é possível encontrar os amigos e amigas, e compartilhar a cultura musical da cidade. Contudo com a pandemia, ela sai de casa 1 vez por mês, deixando de frequentar casa de pessoas amadas. Possui características sociais similares as da informante M e transitam pelos mesmos lugares sociais.

O respeito às máscaras e a distância utilizada durante os trajetos nas ruas são os elementos que marcam uma nova forma “civilizatória” de ocupar o espaço público. A distância e o medo marcam uma parte dessa narrativa sobre a pandemia, no entanto ocorrem também os processos de formações sociais em prol da solidariedade e outras formas de organização.

Durante a pandemia no estado, o governo comprou 300 mil, o mascaras feitas por costureiras da ilha de São Luís e da região onde se localiza Imperatriz-MA (GOV-MA, 2020), Associação dos Professores da Universidade Federal do Maranhão (APRUMA) fez a doação de 100 protetores faciais para os profissionais da saúde da Secretária Municipal de Saúde de Imperatriz-MA. Em uma perspectiva Simmeliana (2006) poderíamos dizer que os impulsos religiosos, e toda uma perspectiva de solidariedade ramificada em alguns espaços sociais funcionam como uma espécie de elemento mediador das relações reforça a identidade das associações e reforçam as interações internas que garantem as formas. Mesmo nas escalas mais individuais (psicossociais e biológicas) as emoções se

desenvolvem não apenas por conta dos atributos do ator social, mas também na identificação com o outro. Nessa perspectiva vale observar o seguinte relato:

> Sinto medo por estar vulnerável a uma doença desconhecida que pode levar a morte. E também sinto angústia, pois não sabemos até quando, viveremos nessa.
>
> **Nesse período minha mãe começou a fazer umas mascaras aqui em casa**. A gente não estava encontrando, no começo então ela fazia em casa. Minha mãe já é idosa então eu saio para resolver as coisas de casa. O percurso que eu faço tem muitas "flanelinhas" e eu notei, numa dessas vezes que eu fui, essas pessoas que não tem um lar, havia alguns venezuelanos lá também. **Quando eu passei, vi que essas pessoas estavam desprotegidas e isso me deu uma angústia de ver que aquelas pessoas estavam tão expostas a um vírus que mata**. Eu me lembrei das máscaras sobrando em casa, então fui pegá-las e as entreguei em uma sacolinha para eles. Eu acho que a gente tem que ser humana o tempo inteiro. (PML)

Para nossa informante o medo também é um ponto marcante nesse contexto, mas apesar disso houve uma angústia que fez com que ela não fosse indiferente a condição frágil do outro. Por mais que não possa ser considerado um fator de sociação, já que seria necessário gerar muito mais identidade e formas que ultrapassassem a esfera das necessidades individuais, se tem na situação um princípio importante de observação da construção das formas. Para explicar melhor o processo é importante considerar que:

> A forma social caracteriza um método mensurador pelo qual Georg Simmel mapeia os processos de formação de agrupamentos humanos. Trata-se de um processo de abstração com o qual é possível delinear e decompor os agrupamentos

> buscando explicar seus processos de formação (PEREIRA, 2012, p. 156).

Essas "formas" necessitam de determinados conteúdos que são os impulsos que engendram os indivíduos no processo de integração. Nesse sentido, no período pandêmico, as emoções de angústia pela dor do outro, medo e tantas outras funcionaram como motivadores que aproximam pessoas em torno de interesses comuns – estimulam entidades coletivas e indivíduos sobre outros indivíduos. Quando isso reforça um tipo de unidade, coesão, colaboração e cooperação adquirindo um status mais coletivo em detrimento dos primeiros conteúdos, daí tem-se os processos de sociabilidade – quando as formas iniciam processos de autonomia que garantem suas permanências.

Considerando essa relação entre conteúdo e forma, ou forma e conteúdo, é importante pensar o aspecto emocional enquanto reprodução social nesses dois campos. Por isso a importância do conhecimento sobre os atores sociais em seus contextos de produção social das emoções. Nesse viés é necessário destacar que a pessoa de nosso último relato possui fortes sinais de engajamento em instituições e posições que defendem a solidariedade com o próximo: expressado em frases bíblicas compartilhadas em seus perfis, na prática do Santo Rosário católico, mais conhecida como a reza do terço; e demonstrado, também, na preferência política por partidos que defendem a distribuição de renda e luta contra a desigualdade. Determinadas formas expressadas nos movimentos sociais, nas igrejas, sindicatos e outras, também se manifestam por meio de seus indivíduos no sentido de ampliar e reforçar a reprodução das instituições. Favorecendo processos de sociabilidade que não estão apartados das emoções que mobilizam esses coletivos.

Refletindo sobre as restrições e as novas condutas, no contexto da pandemia, é importante ressaltar que, de modo geral, emoções coletivas e outras associadas as manifestações culturais do estado também sofreram impacto. Já que as cidades de São Luís e Imperatriz possuem um São João marcado pela apresentação de bois e quadrilhas juninas – festas populares que remetem ao sentimento de alegria e pertencimento as comunidades locais. A reportagem "Vai ter São João no Maranhão? Surtos de Coronavírus e H1N1 colocam em xeque a maior festa popular do Estado do Maranhão" (IMPARCIAL, 23/04/2020) já demonstra uma preocupação coletiva já no início da Pandemia- no mês de março, observamos o seguinte trecho:

> Adeus! Até para o ano, quando eu aqui voltar". O trecho de Novilho Brasileiro, toada mais famosa do Maranhão e mais conhecida como "Urrou do Boi", sempre deu significado para o término dos períodos juninos, já projetando os próximos.
>
> A letra de Bartolomeu dos Santos, "o Coxinho", dava a esperança aos saudosos pelo som inconfundível dos grupos de bumba-meu-boi de que, ao fim de 365 dias, toda a alegria colorida do período junino estaria de volta (O IMPARCIAL, 2020).

O trecho expõe toda uma cultura emocional em torno da realização do boi, e como o covid-19 pode ser pensado de modo simetricamente oposto aos sentimentos sinestésicos que envolvem as cores da indumentária dos brincantes populares e a ruptura de um ciclo de festas que seria realizado em junho de 2020. Em Imperatriz-MA, a situação é similar, segundo o pesquisador Antônio Marcos Dias o "Boi bem Querer" e "Boi Vitória" já estavam ensaiando, produzindo suas coreografias, confeccionando suas fantasias para as apresentações em festivais como o Arraiá da Mira e Arraiá no

nosso Sítio, maiores festivais do ramo do Sul do Maranhão e Norte do Estado do Tocantins respectivamente. Contudo, os componentes dos grupos relatam a saudade que sentem, em estar dançando, e o contato com os colegas de grupos.

Sobre o Tambor de Mina que também é uma representação forte da cultura popular, a antropóloga Maria do Socorro Rodrigues de Souza Aires, que pesquisa o tambor de Mina, há 16 anos, explicou que o Terreiro Fé em Deus (Localizado no bairro do Sacavém – São Luís) teve que suspender atividade tradicional de aniversário da entidade espiritual da casa.

Sobre esses impactos na cidade de Imperatriz-MA, a pesquisadora de iniciação cientifica do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Imagens (LAEPCI), Larissa Aryane Lima Araújo observou que por conta do contexto pandêmico, o pai de Santo Deusdete afastou-se do terreiro "Tenda Espírita de São Jeronimo" para ficar isolado em segurança na "roça". Isso gerou o cancelamento do aniversário do terreiro prevista para o mês de maio. Segundo a pesquisadora, Deusdete, ao observar o número de casos aumentando na cidade, afirmou que muitas pessoas estão buscando as chácaras no interior das cidades para se manterem saudáveis e seguros. Como uma maneira de tentar manter a forma social dos terreiros, verificamos com Araújo (2020) que:

> Diversos outros terreiros na região do grande Santa Rita também se encontram com atividades paradas, como é o caso da Tenda Espírita de Nossa Senhora de Santana, do Pai de Santo Rafael. Na Tenda Espírita Oxum Obaluaê, em um dos dias de comemorações foi realizada uma transmissão ao vivo via rede social, para que a festividade não deixasse de ser celebrada, pois como relataram alguns membros, a data é importante e está muito ligada a fé dos adeptos. (ARAUJO, Larissa Aryane Lima, depoimento coletado em 13 de maio de 2020).

Considerando que os terreiros e "tendas" de religião afro representam parte importante da cultura popular, esses casos demonstram como a pandemia alterou as formas de organização das religiões de matriz africana no estado: exigindo a suspensão das reuniões ou a transmissão online das manifestações. Compreendemos que isso alterou substancialmente as formas e gerou um tipo de sociabilidade diferenciada daquelas gestadas nas referidas formas sociais (SIMMEL, 2006), em contextos anteriores a pandemia. A precarização e as características dos brincantes, cuja maioria teve que deixar de trabalhar, traz um sofrimento social (KOURY, 2007) que toca nas emoções relacionadas a impossibilidade das aglomerações para ensaios, e ao mesmo tempo, sobre as próprias condições materiais de existência.

Nesse sentido, buscamos discorrer que as formas e as interações, nas mais diferentes escalas, são orientadas por emoções. O medo do contágio em massa gerou uma política de isolamento social, os indivíduos reagiram a isso de acordo com seus repertórios emocionais construídos em seus próprios contextos socioculturais de origem, e as emoções que expressam o caráter coletivo das formas e possuem papel fundamental na análise focada na relação entre sentimentos e sociabilidades.

O medo e o isolamento social limitaram o a experiência das "sociabilidades seguras" aos contatos visuais nas distancias das janelas dos apartamentos, ou nas distancias das ruas. A experiência de festejar na cidade, de caminhar na cidade de sentar na rua embora seja praticada ainda por pessoas que burlam as medidas de proteção, são hoje associadas ao medo do contágio e exige de os indivíduos repensarem as próprias relações sociais antes de qualquer risco. Mesmo que solidarias, motivadas pela identificação com o outro, o medo tem caminhado lado a lado com as outras emoções.

Como verificado antes, as justificativas do medo se ramificam para outro conjunto de emoções gerando combinações como "medo do contágio e preocupação financeira", "medo do contágio e a irresponsabilidade daqueles que não se cuidam e colocam os outros em risco", "medo do contágio e o agravamento da situação ao longo do tempo". Fazendo-nos inferir que o medo pode ser a matriz estruturante de todas as ações e sentimentos vividos durante o contexto pandêmico no Maranhão. O sentimento de medo quebrou a reta que poderia aproximar as interações, as colocando no zigue-zague comentado por Tuan (2005) quando falava das estratégias para evitar aproximação entre as pessoas. Os espaços públicos, as academias, igrejas, os manicômios e prisões já não são os cenários clássicos, e, portanto, as sociabilidades e interações necessitam de análises pormenorizadas nesse novo contexto pandêmico, ao qual adentramos cada vez mais.

Figura 3 – Isolamento social a solidão e o medo.
Fonte: Pesquisa direta, março 2020.

Conclusão

O caminho mais rápido que poderia aproximar pessoas em uma rua é uma reta. No contexto do covid-19, a única reta de

comunicação segura é a do fluxo de informações que correm entre cabos de fibra ótica e as ondas que alimentam a comunicação remota pela rede mundial de computadores. Por ironia do destino, é muito provável que nunca estivemos tão conectados com o mundo e desconectados com as nossas ruas e praças. Ao espaço público restou o medo, a evitação de pessoas e a distância, e no lar, espaço privado, o sentimento de insegurança e solidão, a imaginação e a lembrança das ruas.

A pandemia trouxe uma onda de medo influenciado as sociabilidades para seguirem as orientações dos sentimentos de medo e da sensação de segurança. Contudo, em espaços e cenários que já não são prioritariamente a rua, a praça, a academia de ginástica, igreja, universidade ou qualquer outro lugar, considerando que o cenário e a situação são elementos importantíssimos, principalmente para as análises interacionistas. O medo da morte gerou uma nova configuração dos cenários de sociabilidade, e consequentemente outras normas e condutas ajustadas com compreensões que hierarquizam lugares em relação ao nível de segurança.

O medo da morte é um conteúdo estruturado sobre aspectos biológicos e psicossociais que impulsionou os indivíduos para o afastamento ou para a aproximação, seguindo alguns sentidos dos condicionantes culturais e sociais nos quais estavam inscritos. Há assim, uma relação entre indivíduo e sociedade, no âmbito emocional que é presente na forma como os entrevistados narravam suas ações e emoções: ora trazendo referências de instituições e associações pelas quais transitaram, ora tentando agregar socialmente com outros em situação de vulnerabilidade, ora interagindo com outros que compartilham da mesma mentalidade solidaria.

Por outro lado, o cenário pandêmico e as sociabilidades orientadas pela hierarquia dos lugares seguros, e pelo medo do contágio, no

sentido mais amplo, geraram um sofrimento e angústia nos indivíduos e nas formas coletivas que se manifestam na cultura popular, nas associações, estado e outras. Influenciou, também, na construção de um tipo de sociabilidade diferenciada fortemente caracterizada no contexto do covid-19, uma sociabilidade pandêmica, pois não é plena na utilização de todos os sentidos humanos, uma sociabilidade fortemente visual com cheiro de álcool e textura de gel.

A aproximação física, no espaço e tempo, é uma variável fundamental na construção de unidades formais. Ela é que garante o aprendizado das "formas de estar com o outro e ser para o outro", e estar na base das principais instituições sociais. O medo da morte tem agido diretamente sobre as formas de aproximação presencial, mas por outro lado ainda é um recurso utilizado pelas estruturas sociais para o disciplinamento de condutas em tempos de mudança, portanto cabe pontuar que se trata de uma emoção que é individual pontuada nas experiências vividas, e também coletiva como assume essa maneira coletiva instrumentalizada pelas instituições, assim como as demais emoções.

Enfim, longe de exaurir o debate sobre a relação entre o medo e as sociabilidades, o presente artigo buscou apontar alguns aspectos e problematizar, de forma breve e parcial, o cenário pandêmico no Maranhão.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa: Difel, 1989.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador** – Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

______. **Ritual de Interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

PANTOJA, Vanda. Maria. Leite; PEREIRA, Jesus, Marmanillo. Grandes projetos e populações tradicionais na Amazônia: a Suzano Papel e Celulose no Maranhão. **Política & Trabalho**, v. 45, p. 327-340, 2016.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Notas sobre os clássicos da Sociologia e suas contribuições para os estudos sobre processos associativos. **Revista Espaço Acadêmico** (UEM), v. 12, p. 149-158, 2012.

______. Notas sobre a sociologia urbana de Georg Simmel: Do cotidiano de Berlim às formas urbanas. **Sociabilidades urbanas**: Revista de Antropologia e Sociologia, v. 3, n. 9, p. 15-30, 2019.

______. As cidades na perspectiva do materialismo histórico: Marx, Engels e as cidades industriais. **Sociabilidades urbanas**: Revista de Sociologia e Antropologia, v. 2, n. 4, p. 35-50, 2018.

______. Um breve comentário sobre a Sociologia urbana de Max Weber. **Sociabilidades urbanas**: Revista de Sociologia e Antropologia, v. 2, n. 5, p. 39-54, 2018.

______; CARVALHO, A. C. Motosserras e máquinas no Maranhão pré-amazônico: a reestruturação produtiva e os trabalhadores do corte do eucalipto. **Revista Org & Demo** (Online), v. 19, p. 113-130, 2018.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, cultura e sociedade**. Curitiba: RCV, 2009.

______. **Sofrimento Social**: Movimentos sociais na Paraíba através da imprensa, 1964-1980. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB / Edições do GREM, 2007 (Coleção Cadernos do GREM, n. 4)

______. Fotografia e interdito. **Rev. bras. Ci. Soc.**, v. 19, n. 54, p. 129-141, 2004.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SIMMEL, Georg. A metafísica da morte. **Política & Trabalho**, n. 14, p. 177-182, 1998.

______. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

______. **Ensaios sobre teoria da história.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

______. **O conflito da cultura moderna e outros escritos.** São Paulo: Editora Senac, 2013.

TUAN, Yi Fu. **Paisagens do medo.** Editora UNESP. São Paulo, 2005.

Sites institucionais

https://www.corona.ma.gov.br/

http://www.saude.ma.gov.br/

https://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/?p=275206

https://www.imperatriz.ma.gov.br/noticias/saude/prefeitura-realiza-reuniao-com-representantes-funerarios-para-manejo-de-obitos.html

https://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/?p=275170

Sites de vídeos reportagens

https://www.youtube.com/watch?v=v7hH5NeAItU&t=42s

https://www.youtube.com/watch?v=4Dr2EGtly5M

https://www.youtube.com/watch?v=FsHoyXTD0M0

https://www.youtube.com/watch?v=FsHoyXTD0M0

https://globoplay.globo.com/v/8553739/

Sites de notícias

https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/04/26/coronavirus-por-que-primeira-pessoa-infectada-no-brasil-pode-nunca-ser-descoberta.htm

https://oimparcial.com.br/turismo/2020/03/vai-ter-sao-joao-no-maranhao/

https://oimparcial.com.br/politica/2020/05/prefeito-anuncia-retomada-do-comercio-em-imperatriz-apos-defensoria-pedir-lockdown/

https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2020/05/09/em-24-horas-maranhao-registra-854-novos-casos-e-24-mortes-por-covid-19.ghtml

https://imirante.com/imperatriz/noticias/2020/04/22/novo-coronavirus-ja-chegou-em-25-bairros-de-imperatriz.shtml

https://www.folhadobico.com.br/imperatriz-casos-de-coronavirus-crescem-51-centro-bacuri-e-nova-imperatriz-sao-os-mais-atingidos/

CAPÍTULO 5

PANDEMIA E AFETAÇÕES DAS EMOÇÕES: REFLEXÕES SOBRE A REALIDADE DA COVID-19 NO ESTADO DO AMAPÁ

Selma Gomes da Silva

Introdução

Percorrer a cidade de Macapá no domingo à tarde do primeiro final de semana após a publicação dos decretos municipal n. 1692, de 18 de março de 2020, e estadual n. 1.413, de 19 de março de 2020, que declararam situação de emergência no estado do Amapá e definiram outras medidas para o enfrentamento da pandemia decorrente da contaminação com o novo coronavírus, vários pensamentos surgiram diante do cenário da cidade deserta, silenciosa, sem a dinâmica social usual do vai e vem de pessoas, com a qual estávamos habituados.

Naquele final de tarde de domingo, a cidade estava recoberta com um manto de emoções e sentimentos que envolviam: espanto, medo, tristeza, perplexidade e muitas incertezas. Sem falar do silêncio devido à reclusão social decretada que pairava sobre as ruas e avenidas. Talvez, não acreditar no cenário diante dos nossos

próprios olhos seria a melhor opção, devido o sentimento de incredulidade e de negação frente à ameaça da presença do novo coronavírus em Macapá, porém, estávamos cientes que aquele momento prenunciava uma inevitável mudança de realidade, não somente local, mas também global.

As imagens da cidade vazia, silenciosa, quieta, sem o movimento costumeiro, típico das tardes de domingo, nos induziam a imaginar por quanto tempo permaneceríamos em quarentena, pois já havia o entendimento de que não seria uma situação fácil e passageira. Já podíamos antever a possibilidade de um caos na saúde pública no Estado, das inevitáveis mortes, do sofrimento e da dor.

Os primeiros casos de pessoas com sintomas semelhantes ao quadro clínico da suspeita de infecção com o coronavírus começavam a surgir, e com este o pavor e o medo da população diante da nova e desconhecida enfermidade, a covid-19. Os primeiros sentimentos revelados pelos habitantes de Macapá foram o medo do contágio, a angústia e a tristeza em relação ao vírus que já se manifestava em outros estados brasileiros, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, onde já havia casos comprovados. As pessoas também manifestavam surpresa e pânico de algo completamente novo, atípico e diferente, que ameaçava assinalar uma profunda mudança na vida de todos.

Os primeiros casos de covid-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, surgiram no final de 2019, em Wuhan, cidade com 11 milhões de habitantes, capital da província de Hubei, na China. Em pouco tempo espalhou-se por diversos países, sendo considerada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). No dia 23 de janeiro de 2020 foi decretada a quarentena de Wuhan, no entanto, a doença não ficou restrita àquela localidade e espalhou-se, inicialmente, pela China, em seguida, Ásia e, assim, para outros países.

Em relação à situação epidemiológica no mundo, até 27 de janeiro de 2020, segundo boletins da OMS (2020), foram confirmados 2.798 casos de pessoas contaminadas. Destes, 2.761 (98,7%) foram notificados pela China, incluindo as regiões administrativas especiais de Hong Kong (oito casos confirmados), Macau (cinco casos confirmados) e Taipei (quatro casos confirmados). Fora do território Chinês foi confirmado 37 casos (BRASIL/MS, 2020, p. 1).

A OMS declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus constituía uma emergência de saúde pública de importância internacional – o mais alto nível de alerta da OMS, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia (BRASIL, OPAS, 2020, p. 01). Nessa data, já havia mais de 118 mil casos da doença registrados em mais de 100 países e 4.291 mortes (BRASIL/MS, 2020). A covid-19 espalhou-se rapidamente pelo planeta, atingindo os países da Ásia, Oriente Médio, Europa, e, inicialmente, a Itália e depois a Espanha- que padeceram pelo alto índice de mortes.

No Brasil, as primeiras ações ligadas à pandemia do covid-19 começaram em fevereiro, com a repatriação dos brasileiros que viviam em Wuhan, cidade chinesa epicentro da infecção. Quando a China divulgou a incidência do vírus em Wuhan, o governo brasileiro repatriou, diante de pressões sociais e políticas, no dia 09 de fevereiro, trinta e quatro brasileiros que vivam na cidade chinesa de Wuhan, epicentro do Novo Coronavírus. Duas aeronaves da Força Aérea Brasileira aterrissaram no Brasil com o grupo. Eles ficaram de quarentena por 14 dias na Base Aérea de Anápolis, em Goiás. Após a quarentena foram testados e todos acusaram negativo para a covid-19.

No dia 20 de fevereiro, Ministério da Saúde (MS) monitorava apenas dois casos suspeitos de infecção pelo novo coronavírus no Brasil. A suspeita de sua presença no Rio Grande do Sul foi descartada; apenas um de São Paulo erainvestigado. No dia 26 de fevereiro foi confirmado o primeiro caso de covid-19 no Brasil. O paciente era um homem de 61 anos que havia viajado à Itália, e dera entrada no Hospital Albert Einstein no dia anterior.

No dia 28 de fevereiro, o Ministério da Saúde lançou campanha publicitária de prevenção ao novo coronavírus, transmitida em TV aberta, rádio e internet, orientando a população a prevenir-se da covid-19, adotando hábitos como lavar as mãos com água e sabão, usar álcool em gel a 70% e não compartilhar objetos pessoais. No dia 29 de fevereiro, o Brasil confirmou o segundo caso importado de covid-19. O paciente eraum homem de 32 anos, residente em São Paulo, atendido no Hospital Israelita Albert Einstein, na véspera, depois de chegar da região da Lombardia, na Itália. Em 02 de março, dados registrados pelo MS indicavam a confirmação de doiscasos de contaminação pelo novo coronavírus e o monitoramento de 433 casos suspeitos.

A partir desse momento, o número de casos suspeitos, confirmados e mortes de pessoas infectadas pelo novo coronavírus foram crescendo diariamente, primeiro em São Paulo e Rio de Janeiro e, posteriormente, em outros estados brasileiros.Boletins epidemiológicos do MS informavam a evolução diária da pandemia da covid-19 no Brasil. Hoje, 15 de maio de 2020, os dados na Plataforma Coronavírus do MS constam de: 218.223 casos confirmados e 14.817 registros de mortos (BRASIL/MS, 2020).

Um destaque para a região Norte do Brasil

A região Norte, em 15 de maio/2020, segundo oPainel do MS, aparece, na Tabela 1, com os seguintes registros:

Tabela 1 – Distribuição de casos de covid-19 na região Norte.

Estados	Casos confirmados	Óbitos	Incidência/ 100 hab.	Mortalidade/ 100 hab.
Amazonas	18.392	1.331	443.8	32.1
Pará	12.109	1.145	140.8	13.3
Amapá	3.630	103	429.2	12.2
Acre	1.785	57	202.4	6.5
Rondônia	1.789	62	100.7	3.5
Roraima	1.589	40	262.3	6.6
Tocantins	1.279	27	81.3	1,7

Fonte: Painel do Ministério da Saúde (MS), em 15. 5.2020.

Os estados do Amazonas, Pará e Amapá sobressaem porque apresentam maior número de casos de covid-19 confirmados. O Amazonas tem 18.392, o Pará 12.109 e o Amapá têm 3.630 casos confirmados. O índice de incidência de 429,2 por 100 mil habitantes docomo o segundo mais elevado da região Norte, superior ao do Pará.

Devido ao elevado número de covid-19 no estado do Amazonas e a insuficiência de aparelhamento na saúde para o enfrentamento da pandemia, em 03 de maio, o Ministro da Saúde, Nelson Teich, visitou Manaus e se reuniu com o governador do estado, Wilson Lima, e outras autoridades locais. O sistema de saúde em Manaus encontrava-se em colapso por causa da falta de mão de obra e leitos. Na ocasião, o estado recebeu 267 profissionais de saúde – entre médicos, enfermeiros, técnicos em enfermagem,

fisioterapeutas, farmacêuticos e biomédicos. Naquela mesma data, o estado do Pará decretou *lockdown* por causa do novo coronavírus.

Imagens impactantes (Imagens 01 e 02) divulgadas em redes nacionais e internacionais revelavam a realidade em Manaus relativa ao número de mortes e condições de sepultamento dos mortos. As pessoas mortas por covid-19 eramsepultadas em valas coletivas, em Manaus, e seus familiares não tinham o direito de realizar os ritos fúnebres e de velar seus mortos, devido ao alto risco de contágio do vírus. As pessoas mortaseramdispensadas por poucas horas para que seus familiares fizessemas últimas preces e se despedissem sem a permissão de ver suas faces pela última vez. Restavam as lágrimas, a dore as memórias de seus entes queridos.

O elevado número de mortes também colapsou o sistema funerário em Manaus. Imagens chocantes de cemitério em Manaus, com dezenas de covas e valas coletivas, foram veiculadas nos diversos meios de comunicação (Imagens 01 e 02).

Imagem 01 – Vista aérea do sepultamento em massa de vítimas de covid-19 no cemitério do Parque Tarumã, em Manaus.
Fonte: Foto de Michael Dantas/ AFP, em 21 de abril, 2020

Imagem 02 – Enterro coletivo de vítimas de covid-19 realizado no cemitério de Nossa Senhora Aparecida em Manaus.
Fonte: Foto de Michael Dantas/ AFP, 22 de abril, 2020

Essas imagens mostram a atipicidade dos cerimoniais fúnebres aos quais estamos habituados culturalmente em nossos dias e nos

faz refletir sobre a finitude humana. Elias (2001, p. 9-10) defende que "o problema social da morte é especialmente difícil de resolver porque os vivos acham difícil identificar-se com os moribundos... A morte só constitui um problema para os seres humanos". Esse autor nos adverte que deveríamos apresentar uma atitude diferente frente à duração limitada da vida e encarar a morte como um fato de nossa existência – um fenômeno inevitável para ajustar nossas vidas, e, particularmente, nosso comportamento em relação às outras pessoas. Poderíamos considerá-la parte de nossa tarefa fazer com que a despedida dos seres humanos amados fosse agradável para os outros e para nós mesmos.

As mortes em consequência da pandemia por covid-19 são, em parte, mortes sem acompanhamento e sem despedida, principalmente nos casos de pessoas internadas em instituições hospitalares. E devido ao risco de contágio, familiares e amigos não são autorizados a permanecer ao lado dos enfermos, como ocorre em outras doenças. Essa condição de morte tem provocado intenso sofrimento. Com frequência, escutamos depoimentos de parentes e amigos de vítimas de morte pelo covid-19 com expressões de profunda dor e tristeza pela interrupção de histórias de vida devido às artimanhas dessa enfermidade que desafia, cotidianamente, os profissionais da saúde e a comunidade cientifica.

O Amapá no cenário da pandemia do novo coronavírus

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), o estado do Amapá tem 669.526 pessoas (censo de 2010). Entre os seus 16 municípios, os mais populosos são a capital, Macapá com 398.204 e Santana com 101.262 pessoas. O estado do Amapá teve seu primeiro caso confirmado de pessoa infectada

pelo coronavírus em 24.3.2020. Entretanto, nessa mesma data, já havia 122 casos suspeitos e 70 casos descartados. Entre os casos suspeitos, os pacientes seguiam sendo monitorados em vários municípios: 77 pacientes em Macapá; 26 em Santana; 6 em Laranjal do Jari; 3 em Pedra Branca do Amapari; 3 em Porto Grande; 2 em Mazagão; 3 em Tartarugalzinho; 1 em Serra do Navio; e 1 em Cutias.

Ressaltamos a publicação do Decreto n. 1.413, de 19.3.2020, o qual declara estado de calamidade pública, para os fins do art.65 da Lei Complementar nº 101, de 4.5.2020, em razão da grave crise de saúde pública decorrente da pandemia da covid-19 e suas repercussões nas finanças públicas do estado do Amapá, e dá outras providências. O estado do Amapá hoje apresenta 3.834 casos confirmados; 6.358 casos suspeitos; 1.078 casos recuperados e 108 óbitos (BOLETIM AMAPÁ, 15.05.2020).

A rede pública de saúde do Amapá apresenta muitas dificuldades para atender as pessoas com sintomas e complicações graves ocasionadas pela covid-19. É importante ressaltar que o estado do Amapá, já se encontrava bastante precário antes da pandemia, em número de leitos, UTIs e outros recursos, os quais eram bem inferiores aos padrões previstos pelos protocolos sanitários. No momento (maio/2020), a capacidade de leitos clínicos está com 97, 65% de ocupação e a taxa de 91.54% de ocupação de UTIs. Segundo depoimentos, as pessoas estão morrendo por falta de assistência, remédios e outros recursos necessários. Entre as vítimas, os profissionaismédicos e enfermeiros também compõem as estatísticas. Parentes e amigos depõem sobre a ausência de medicamento ea carência da assistência. Depoimentos que revelam consternação, desalento e muita tristeza.

O momento sensível e dramático que estamos vivendo temacionado pela ação nefasta do covid-19 uma pluralidade de emoções

e sentimentos visíveis nas falas das pessoas de variados grupos sociais, veiculadas pelos canais televisivos e redes sociais.A quarentena, o afastamento e o distanciamento social obrigatórios têm despertado a angústia, a incerteza, o medo, a tristeza, o "desaparecimento de si", mas também mudança de sentidos e sentimentos que já não eram tão habituais na sociedade atual, como a solidariedade, a empatia, a aproximação afetiva, a reconstrução de vínculos, a sensibilidade, o estar juntos, sentimentos vivíveis nesses tempos de pandemia.

O recolhimento em casa nos dias iniciais da quarentena e o distanciamento social, únicos "remédios" declarados "seguros" contra a covid-19, nos remeteu à noção de 'desaparecimento de si', conforme Le Breton (2019), porém, um 'desaparecimento de si' meio obrigatório, diferente daquele apresentado por esse autor. Le Breton discute esse conceito em suas variadas formas, como uma atitude típica do ser humano do mundo moderno, dizendo que,

> às vezes, nossa existência nos pesa. Mesmo que por algum tempo tenhamos vontade de nos livrar das necessidades ligadas a ela, de tirarmos férias de nós mesmos para tomar um fôlego, descansar... Mesmo quando nenhuma dificuldade pesa, pode emergir a tentação de desligar-se de si mesmo – nem que seja por um tempo – parra fugir das rotinas e preocupações. Qualquer desobrigação é bem-vinda, ela permite desapegar-se por um instante... O desaparecimento de si pode ser um desgaste das significações que conservam o indivíduo no mundo, uma breve experiência de desresponsabilização (LE BRETON, 2019, pp. 9, 10 e 16).

Le Breton discute o desaparecimento de si, no mundo moderno caracterizado pelo frenesi, pela flexibilidade, pela urgência, agilidade, concorrência, eficácia que exigem do homem uma

adaptação de si às circunstâncias constate, onde é preciso construir-se permanentemente. Esse mundo, do qual nos fala Le Breton, com a chegada inesperada da pandemia, é forçado a recolher-se, a parar, "a ficar em casa". De repente, grandes centros do mundo, famosos pelo poder econômico, comercial, turístico e cultural, como Roma, Paris, Nova York, Madri e tantos outros, fecharam suas lojas, museus, passeios públicos, espaços turísticos e comerciais em geral. Suas praças, avenidas, ruas e espaços gerais se tornaramambientes desertos e silenciosos, um cenário surreal. Nesse sentido, o desaparecimento de si analisado por Le Breton, nesse novo contexto se tornou obrigatório, talvez não como uma fuga de si, frente às circunstâncias, mas como uma experiência necessária para novas adaptações, reflexões e reinvenções do sujeito frente à nova realidade, durante e pós-pandemia.

Em Le Breton (2019), o homem com necessidade de autorrecolhimento para conceder a si um tempo e aliviar a pressão das exigências sociais, porque não tinha tempo objetivo para tal atitude, porque se encontrava sob a pressão desse mundo moderno que parecia não poder parar jamais, com a pandemia, o estilo de vida mudou. Assim, ficar com a família, fortalecer vínculos, dedicar-se aos filhos, ao cônjuge, explorar emoções,refletir, reconstruir-se, se reinventar para novas adaptações a realidade devido a presença do vírus, tornou-se obrigatório.

Outro aspecto que gera reflexão é o conceito de leveza apresentado por Lipovetsky (2016). Este autor reflete sobre e analisaa leveza em tempos atuais, e destaca que a modernidade cultuou o novo, a arte... Segundo esse autor, vivemos a era do triunfo da leveza tanto no sentido próprio quanto figurado do termo, vivemos a utopia da leveza, e enfatiza que "o homem pós-moderno quer ser

leve, mas não se livra dos tantos pesos da existência". A leveza, para o autor, "é antes de tudo, um ideal de vida que cada vez mais, se enraíza no imaginário e nas práticas sociais" (LIPOVETSKY, 2016, p. 18, 21). Com o culto do bem-estar, da diversão, da felicidade aqui e agora, o que predomina, segundo o autor, "é um ideal de vida leve, hedonística, lúdica. O leve aparece do emblemático ou a tonalidade dominante do mundo das economias de consumos" (LIPOVETSKY, 2016, p. 34). A partir dessas considerações, perguntamos: como exercer a leveza emocional em tempos de pandemia?

As emoções são objeto de estudo de várias áreas de conhecimento e muitos autores se dedicaram à compreensão dessa dimensão do humano, porém, de acordo com Koury e Barbosa (2016, p. 203), "o estudo sério das emoções é um campo de pesquisa relativamente novo, que parece ter iniciado há menos de cem anos".

Para lembrar alguns estudiosos dessa cativantecategoria analítica, podemos citar: Darwin ([1874], 2000), que publicou*a expressão das emoções no homem e nos animais*. Essa obra analisa a origem e as funções das expressões faciais e corporais nos homens e nos animais, sob uma perspectiva naturalista; Durkheim ([1912], 2003), em *As formas elementares da vida religiosa*, deu destaque às emoções coletivas; Elias ([1939], 1996), no *Processo Civilizador I*, a vergonha é o fio condutor de toda a obra; Thomas Scheff, considerado um dos pioneiros na sociologia das emoções, em um artigo publicado em 1977,vinculou os ritos sociais a uma teoria da catarse de emoções reprimidas: Le Breton (2019), que se ocupa da antropologia das emoções; Koury (2003; 2005; 2009; 2016), estudioso dedicado ao estudo das emoções no Brasil.

Refletir sobre emoções nestes tempos de pandemia parece ser uma tarefa fácil, devido ao fluxo misto de sentimentos que se

manifestam e envolvem as pessoas no contexto atual, caracterizado por muitas incertezas, medo e incógnitas diante de um agente ainda pouco conhecido em suas ações patogênicas, como o novo coronavírus. Nesse sentido, para entender as emoções e como elas se manifestam é necessário percebê-las no contexto em que se apresentam, afirma Bericart (2012, p. 12): compreender a vida social das emoções, assim como estabelecer adequadas definições sociológicas das mesmas é fundamental para conhecer não só o completo mundo das emoções, mas também os seres humanos no contexto de seu contexto de seus processos e estruturas de interação social.

Sobre o entendimento da manifestação das emoções em um contexto social, Marcel Mauss ([1921], 1981) abre, em seu tempo, um vasto domínio de análise emostra como as sociedades induzem a uma "expressão obrigatória dos sentimentos" que invade o indivíduo, independente da vontade dele e o faz comportar-se de acordo com as expectativas e a compreensão de seu grupo social. O autor mostra a rigorosa progressão social, usando, como exemplo, um rito funerário australiano no qual a afetividade é regida por regras que os atores não cessam de jogar de acordo com os costumes. As manifestações dos sentimentos, como a dor intensa expressa pelos gritos, as lamentações, os cantos, os choros não são pouco sinceros. Essas manifestações de dor diferem de acordo com a posição dos atores no sistema de parentesco, e não são parecidas; uma dose lícita de sofrimento é apresentada de acordo com o vínculo de parentesco com o defunto, conforme o enlutado, seja este um homem ou uma mulher. A esse propósito, o autor considerou:

> todas essas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais de ex-

> pressões compreendidas, em suma, uma linguagem. Esses gritos são como frases e palavras. É preciso dizê-las, mas se é preciso dizê-las é porque todo o grupo as compreende. A pessoa faz então mais do que manifestar os seus sentimentos, os manifesta aos outros, porque é preciso manifestá-los. Ela os manifesta a si própria expressando-os aos outros e por conta dos outros. É essencialmente simbólico (MAUSS, 1981, p. 88).

Dessa forma, Mauss mostrou que as manifestações das emoções ocorrem conforme o contexto social, suas exigências e conformidades do grupo social.

Le Breton (2019, p.138) defende que “existe uma inteligibilidade da emoção, uma lógica que a ela se impõe; da mesma forma, uma afetividade no mais rigoroso dos pensamentos, uma emoção que o condiciona”. Esse autor entende que as emoções não são uma substância, um estado solidificado e imutável a encontrar sob uma mesma forma e as mesmas circunstâncias na unidade da espécie humana. Para esse autor, as emoções assumem uma dimensão dinâmica, “uma tonalidade afetiva que se espalha sobre o conjunto do comportamento, e não cessa de se modificar a todo instante cada vez que a relação com o mundo se transforma, que os interlocutores mudam”. E acrescenta:

> os sentimentos e as emoções não são substâncias transferíveis de um indivíduo e de um grupo a outro, não são, ou somente são, processos fisiológicos dos quais o corpo deteria o segredo. São relações. Se o conjunto dos homens do planeta dispõe do mesmo aparelho fonador, eles não falam a mesma língua; da mesma forma, se a estrutura muscular e nervosa é idêntica, isso não prefigura em nada os usos culturais aos quais ela dá lugar. De uma sociedade humana a outra, os homens sentem afetivamente os acontecimentos através

> dos repertórios culturais diferenciados que se parecem, por vezes, mas não são idênticos. A emoção é ao mesmo tempo interpretação, expressão, significação, relação, regulação de uma troca, ela se modifica de acordo com os públicos, o contexto, difere em sua intensidade, e mesmo em suas manifestações, de acordo com a singularidade pessoal. Escorre na simbólica social e nas ritualidades em vigor. Não é uma natureza descritível fora do contexto e independentemente do ator (LE BRETON, 2019, p.9-10).

O estudioso citado considera as emoções como resultado de reações diretas do sujeito a terminados eventos; relações mediadas pelo sentido e interpretação dada pelo sujeito aos eventos, e acrescenta: "a emoção é a definição sensível do acontecimento tal como vive o indivíduo, a tradução existencial imediata e íntima de um valor confrontado com o mundo" (LE BRETON, 2019, p. 146). Por isso, as reações emotivas diferem de pessoa a pessoa, de acordo com a singularidade de cada um.

Nesse sentido, o homem está ligado ao mundo por um permanente tecido de emoções e de sentimentos. "Ele é permanentemente afetado, tocado pelos acontecimentos. A afetividade mobiliza as modificações viscerais e musculares, filtra a tonalidade de sua relação com o mundo" (LE BRETON, 2019, p. 139). O autor acredita que a vida afetiva se impõe fora de toda intenção, não se comanda e, às vezes, vai ao encontro da vontade, mesmo que ela não responda sempre a uma atividade de conhecimento ligada a uma interpretação do indivíduo na situação onde ele está mergulhado.

Bericart (2012, p. 2) parece estar de acordo com essa ideia quando afirma que "as emoções constituem a manifestação corporal de relevância para que o sujeito tenha alguma ação no mundo natural e social". Assim, para esse autor, a emoção é uma consciên-

cia corporal que sinaliza e marca essa relevância, regulando as relações que um sujeito concreto mantém com o mundo.

A covid-19 tem alterado de forma ampla e profunda os variados aspectos que envolvem as nossas vidas, os comportamentos pessoais e sociais, as famílias, a dinâmica econômica e tantos outros setores do mundo objetivo e subjetivo. Esse vírus versátil e ainda desconhecido, em suas maneiras de agir, tem deixado suas marcas profundas na sociedade em geral, mas principalmente na alma humana. Diante desse cenário, perguntamos: como as pessoas são afetadas emocionalmente? Quais são as principais emoções e sentimentos acionados?

Nesse tempo de pandemia, somos afetados diariamente. E isso ocorre por meio de conversas, dos canais de comunicação televisivos e virtuais que evocam e exploram uma pluralidade de emoções e sentimentos na população, veiculando relatos que sensibilizam e incitam as pessoas ao medo do contágio, da morte pela covid-19, da crise econômica gerada e tantas outras possíveis crises. Associados ao medo e à incerteza estão os sentimentos de espanto, dor, angústia, incerteza, insegurança, solidão, tristeza e tantos outros.

Com a evolução da pandemia, esses sentimentos se tornaram mais intensos e difusos, e, atualmente, é comum ouvirmos‘gritos de socorro’ de pessoas com familiares doentes ou com perdas motivadas pelo coronavírus; chamadas por liberação de leitos hospitalares para familiares; pedidos de alimento; de solidariedade, de atenção para a necessidade de equipamentos de proteção e tantos outros. Esses chamamentos sociais acionam em nós os mais variados estados afetivos e emocionais, a angústia, a preocupação, mas também a empatia e a solidariedade.

Com o aparecimento da covid-19, uma ‘nova realidade’ se apresenta, e com ela múltiplas mudanças são inegáveis e tornam-se reais.

E mais uma vez perguntamos: como as pessoas irão se movimentar em função das novasexigências e adaptações do mundo durante e pós-pandemia? Temos a intuição de que a realidade social mudará de forma ampla e profunda, e exigirá de todos nós novos comportamentos e maneiras de enxergar a vida e de se posicionar nas relações com esse "novo mundo". Entendemos que serão necessários: aprendizado coletivo, mudanças de hábitos, de estilos de vida, de novas formas de condutas pessoais e coletivas. Consideramos que não será fácil conviver com o medo obsessivo de ser infectado, com o uso permanente de máscaras, com o distanciamento social nos lugares públicos, nas escolas, com a ausência do contato físico, como aperto de mãos, de abraços e trocas de afeto. Mas pode-se pensar como Dostoievski: "o ser humano é umser que a tudo se habitua".

O que podemos apreender com essa desastrosa pandemia? Viktor Frankl (2017), psiquiatra judeu, pai da logoterapia nos ensina algo importante através de experiênciaspessoaisde sofrimento e vivências no campo de concentração de Auschwitz, onde esteve como prisioneiro durante a Segunda Guerra Mundial. Ele nos relata que, no campo de concentração, todas as circunstâncias conspiram para fazer o prisioneiro perder o controle. "Todos os objetivos da vida estão desfeitos. A única coisa que sobrou é 'a última liberdade humana' – a capacidade de escolher a atitude pessoal que se assume diante de um determinado conjunto de circunstâncias" (FRANKL, 2017, p. 7). Essa liberdade última, reconhecida pelos antigos filósofos estóicos e pelos modernos existencialistas, assume um valor importante na história desse médico psiquiatra.

Viktor Frankl observou que, apesar de todo o primitivismo que tomava conta da pessoa no campo de concentração (ações voltadas principalmente para a sobrevivência), algumas delas, dependendo

de sua sensibilidade emocional, permaneciam abertas para a possibilidade de se retirarem daquele ambiente terrível e se refugiarem num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior, como única opção para aliviar o sofrimento, uma forma de fuga para dentro de si. O autor explica que "essa tendência para interiorização faz esquecer por completo o mundo que o cerca e todo o horror da situação"... "Essa liberdade interior última do ser humano, a qual não se pode perder" (FRANKL, 2017, p. 57, 89). Diante do exposto, voltamos a perguntar: qual a nossa liberdade frente à realidade dessa pandemia e de que modo podemos administrar as nossas emoções? Equal o sentido dessas experiências de perdas, de dor e do sofrimento vivido?

Frankl afirma que jamais poderemos excluir a inevitabilidade do sofrimento na vida humana. Entretanto, diante de qualquer situação, por mais difícil que seja, temos liberdade pessoal para nos posicionar peranteas circunstâncias na vida, visando dar sentido tanto a elas quanto à própria dor e ao sofrimento. "Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá... São as situações exteriores extremamente difíceis que dão à pessoa a oportunidade de crescer e se fortalecer interiormente para além de si" (FRANKL, 2017, p. 90, 98). Para tanto, é necessária uma ressignificação do sofrimento, ou da experiência dolorosa, que está sendo vivenciado pelo sujeito. É preciso viver o sofrimento de maneira pedagógica, aprender com ele, ter coragem para explorar, viver e procurar dar sentido a experiência vivida. É necessário descobrir, principalmente, o "como" a circunstância de dor pode nos ajudar a ser mais fortes.

O autor lembra que "ao aceitar esse desafio de sofrer com bravura, a vida recebe um sentido literalmente até o fim" (FRANKL,

2017, p. 138). Para isso, é importante também ter clareza do que se está vivendo. O filosofo Espinosa diz, em sua ética: “emoção que é sentimento deixa der ser sofrimento no momento em que dela formarmos uma ideia clara e nítida” (ESPINOSA *apud* FRANKL, 2017, p. 98). Friedrich Nietzsche também traz contribuições nesse sentido de aprender a suportar a dor, aoafirmar: “quem tem por que viver aguenta quase todo como”(NIETZSCHE *apud* FRANKL, 2017, p. 101).

No entendimento desses pensadores, a pessoa que percebeu seu aprendizado com a experiência difícil, que entendeu o objetivo instrutivo do sofrimento, também vai compreender com mais clareza o objetivo da vida, o porquê de sua existência e terá maior responsabilidade consigo mesmo e com as pessoas. Para Frankl (2017, p. 104), “essa pessoa jamais conseguirá jogar sua vida fora. Ela sabe do “porque” de sua existência – e por isso também conseguirá suportar quase todo “como”. Dessa forma, depreende-se, a partir dessas ideias, que os momentos difíceis podem ser de grande valia tanto para a vida pessoal quanto coletiva.

Nesses tempos de pandemia, de alta tensão psicológica, guerra de nervos, estresse, perdas, mortes e luto, o sofrimento psicológico gerado por todo o contexto atual é inegável. O sofrimento psicológico vivido poderá se traduzir em possíveis emoções negativas ou até mesmo em transtornos psicológicos, portanto, entender o sofrimento psíquico vivido pelas pessoas com a chegada do novo coronavírus merece um destaque. Sobre a compreensão do vivido psíquico doloroso Dantas (2012, p. 75) esclarece:

> compreender o vivido do sofrimento psíquico, do ponto de vista do sujeito, supõe a adoção de uma perspectiva que contemple a identificação de certos componentes de sua experiência singular, bem como da forma com que traduz seus afetos, suas emoções e seu sofrimento.

A autora alerta sobre as manifestações do sofrimento psicológico no corpo e nas prováveis maneiras com que o corpo pode sofrer; maneiras estas de conferir ao sujeito a real consciência de sua realidade na condição de pessoa, e nessa relação o sujeito se apropria da qualidade da dor.

> O sofrimento psíquico induz ao trabalho de apropriação subjetiva de um evento ainda desconhecido pelo sujeito, cujo sentido é uma maneira de reconhecimento da existência de sua vida psíquica, isto é, uma forma de não se reduzir a pessoa à dimensão de um corpo que sofre, lhe conferindo o estatuto de sujeito. Nesse sentido, o afeto é o que confere uma coloração sensível à vida psíquica, manifestando sua ligação com o corpo. O reconhecimento da íntima relação entre o somático e o psiquismo indica a qualidade da experiência da dor e do vivido do sofrimento (DANTAS, 2012, p. 75).

Provavelmente, todas as mudanças ocorridas com a presença do coronavírus no nosso meio mobilizaram emoções e sentimentos de ausências que poderão afetar a saúde emocional de grande parte da população. Precisamos desenvolver uma nova cultura para lidar e nos adaptarmos a essas mudanças. Essa nova cultura deverá envolver tanto os aspectos objetivos da vida social quanto das relações intersubjetivas e intrassubjetivas. Saber suprir as ausências da vida, a partir de novas descobertas com sentidos que possam preencher as lacunas do espírito humano, e assim se prevenir contra as doenças da alma, será um dos nossos desafios, neste contexto de pandemia e pós-pandemia.

Considerações finais

O ano de 2020 chegou e com ele formos surpreendidos com a catastrófica pandemia provocada pelo novo coronavírus que

espanta e abala o planeta. Fica o questionamento: como o mundo, em pleno século XXI, destacado pelo desenvolvimento científico, pelas altas tecnologias, pela grande facilidade de comunicação virtual, e com seu capitalismo exuberante e globalizado, se revela tão despreparado, sem recursos científicos para enfrentar as artimanhas do desse vírus cruel?

Alguns países, em outros continentes, já se preparam para sair da quarentena e do isolamento social. Aqui, no Amapá, frente à atual conjuntura, entendemos que ainda não atingimos a curva descendente do vírus para sair do isolamento. Não sabemos quantas pessoas perderão a vida. O medo do contágio é presença continua. Somos alertados diariamente para seguir as recomendações preventivas de higienização das mãos, da casa, das compras, do uso de álcool em gel, do uso de máscaras em ambientes externos, de evitar aglomerações, do distanciamento social e tantas outras.

Polêmicas no mundo das ciências médicas continuam sobre o uso de determinados medicamentos, devido à conotação política atribuída aos medicamentos logo no início; a crise econômica é lembrada todos os dias; o pavor do contágio e da morte nos acompanha nesses tempos difíceis e não sabemos quanto tempo iremos permanecer assim. Esperamos que essa pandemia possa nos ajudar, tornando-nos melhores, mais sensíveis e humanos.

Para finalizar essas modestas reflexões, citamos, novamente, Victor Frankl: “o amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade. Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-la” (FRANKL, 2017, p. 136).

Referências

AMAPA, Portal do Governo do Amapá, Painel Coronavírus, Disponível em http://painel,corona,ap,gov,br/, (Consultado em 15 de maio, 2020.

AMAPÁ, Prefeitura Municipal de Macapá, Governo Municipal, Gabinete do prefeito, Decreto municipal nº 1692, de 18 de março de 2020, Disponível em https://macapa,ap,gov,br/coronavirus/wp-content/uploads/2020/03/Dec-1,692-2020,pdf, (Consultado em 12.5.2020).

AMAPA, Governo do Amapá, Decreto nº 1413 de 19 de marco de 2020, Disponível em https://leisestaduais,com,br/ap/decreto-n-1413-2020-amapa-declara-estado-de-calamidade-publica-para-os-fins-do-art-65-da-lei-complementar-no-101-de-4-de-maio-de-2000-em-razao-da-grave-crise-de-saude-publica-decorrente-da-pandemia-da-covid-19-novo-coronavirus-e-suas-repercussoes-nas-financas-publicas-do-estado-do-amapa-e-da-outras-providencias (Consultado em 12.5.2020).

BRASIL, Ministério da Saúde (MS), Boletim Epidemiológico, Infecção Humana pelo Novo Coronavírus (2019-nCoV), Centro de Operações em Emergências em Saúde Pública- COE/nCoV, Secretaria de Vigilância em Saúde, COE 01 Jan, 2020.

BRASIL, Organização Pan Americana de Saúde (OPAS), Folha informativa – covid-19 (doença causada pelo novo coronavírus). *Disponível em:* https://www,paho,org/bra/index,php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875 (Consultado em 11.5.2020).

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cidades. Disponível em https://cidades,ibge,gov,br/brasil/ap/panorama (Consultado em 18.5.2020).

BARBOSA, Raoni Borges; KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro Koury. A abordagem de Thomas Scheff sobre a Vergonha na Sociologia das Emoções: uma breve apresentação. RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v, 12, n, 35, p. 632-635, 2013.

BERICAT, Eduardo. “Emociones”, Sociopedia, ISA, 2012, Disponível em http://www.sagepub.net/isa/resources/pdf/Emociones.pdf (Consultado em 25.3.2020).

DARWIN, Charles. A expressão das emoções no homem e nos animais, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador I: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LE BRETON, David. Desaparecimento de si: uma tentação contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2019.

LE BRETON, David. Antropologia das emoções. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos: rituais orais funerários australianos. Ensaios de Sociologia, São Paulo: Perspectiva, 1981.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A Antropologia das Emoções no Brasil, RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 4, n. 12, dezembro de 2005.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto da sociologia, Curitiba: CRV, 2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Sociologia das emoções: o Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis: Vozes, 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto da sociologia, Curitiba: CRV, 2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Sociologia das emoções: o Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis: Vozes, 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges (orgs. e trads.). A vergonha no Self e na sociedade: a sociologia e a antropologia das emoções de Thomas Scheff. Recife: Bagaço, 2016.

SCHEFF, Thomas J. Três pioneiros na sociologia das emoções. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Política & Trabalho, n. 17, p. 115-127, 2001. Disponível em http://www,oocities,org/collegepark/library/8429/17-scheff,html, (Consultado em 16 de maio 2020.

SCHEFF, Thomas, J. Catharsis in healing ritual and drama, Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1977.

CAPÍTULO 6

"QUANTO MAIS PERTO, MAIS REAL FICA": EMOÇÕES FRENTE À PANDEMIA DO CORONAVÍRUS EM UMA PEQUENA CIDADE DO TOCANTINS

Wellington da Silva Conceição
Rafael de Oliveira Cruz

Introdução

No contexto da pandemia de covid-19 no Brasil, o Tocantins ganhou destaque em um primeiro momento por ser o estado brasileiro que apresentou o menor número de casos confirmados. Até o dia 13 de abril de 2020, o estado apresentava somente 26 casos – em apenas 4 cidades – e nenhuma morte[1], fato que era utilizado como fonte de capital político[2]. Em 15 de maio do mesmo ano, apresentava 1.179 casos confirmados (com 24 óbitos), divididos em 56 municípios. A primeira testagem positiva nessa unidade da federação data do dia 18 de março e foi localizada na cidade de Palmas, a capital.

---

[1] A primeira morte registrada se deu em 14 de abril, na cidade de Palmas, capital do estado.

[2] Nos boletins do estado, vinha o seguinte destaque: "Somos o único estado do Brasil sem óbitos" (Cf. https://saude.to.gov.br/noticia/2020/4/13/acompanhe-o-30-boletim-epidemiologico-da-covid-19-no-tocantins-1304/)

A proliferação dos casos confirmados nesse estado – mesmo com um crescimento inicial mais lento e menos numeroso que em outras unidades da federação – não foi indiferente aos seus habitantes. Como um *fato social total* (MAUSS, 1974), as percepções e informações em torno do covid-19 e seu espraiamento atingem a todos da sociedade, gerando e realçando uma série de sentimentos, sejam aqueles que diminuem a potência do vírus (ressaltando o argumento de que "é só uma gripezinha") ou os que revelam temor de contágio e morte (de si e/ou dos próximos).

Nesse texto, queremos explorar a dimensão sociológica dessas emoções com base nas reações em torno do covid-19 e suas possibilidades de contágio em Tocantinópolis – uma cidade de pequeno porte do norte do Tocantins. A metodologia utilizada para a pesquisa aqui exposta foi a de observação e análise dessas reações – especialmente no campo das emoções – à contaminação de covid-19 e suas consequências a partir das respostas a um questionário que aplicamos com 50 moradores da cidade[3]. Para melhor interpretação de algumas respostas, aprofundamos o questionário com seis participantes, solicitando que pudessem desdobrar alguns dos temas tratados. Analisamos ainda os decretos emitidos pela prefeitura e como esses representam um processo de externalização dos sentimentos locais.

Vale lembrar, no entanto, que reconhecemos o limite dos dados, assim como de suas análises. Trata-se de um relato em torno de um trabalho inicial de pesquisa, de um processo ainda em construção e cujas conclusões mais assertivas e efetivas certamente se darão depois de um tempo maior, quando será possível desvelar um quadro mais claro e sólido de informações.

---

[3] Os questionários foram preenchidos ente os dias 04 e 10 de maio de 2020 e foram aplicados por meio de um formulário virtual. O modelo do questionário está em anexo.

Sobre a cidade de Tocantinópolis

Cidade do norte do Tocantins, Tocantinópolisé o *locus* do trabalho de pesquisa que apresentamos. Tem uma população de aproximadamente 23.000 habitantes e mais de um século de emancipação. Em seu território encontramos uma marcante presença indígena, onde os membros da etnia Apinajé constituem quase 10% da sua população, habitando nos territórios de reserva demarcados.

Chamada de "Boa Vista do Tocantins", recebeu o nome de Tocantinópolis no ano de 1943, diante de uma redistribuição administrativa do estado de Goiás (HALUM, 2008; PARENTE, 2007). O município passou a fazer parte – em 1988 – do recém-criado estado do Tocantins. Tal cidade se encontra em uma posição central dentro da microrregião conhecida como "Bico do papagaio", composta por 25 cidades e 198 mil habitantes. Tocantinópolis tem uma posição destacada nessa região, principalmente, pela presença de alguns equipamentos públicos como: Defensoria Pública, Juizados, Fórum, hospital, cartórios e universidade.A cidade também tem importância turística (SOUSA, 2007), relacionada principalmente ao Rio Tocantins, cujo curso passa pela cidade. Tem como principais atividades econômicas a agropecuária, os comércios, as indústrias presentes na cidade e a exploração do coco babaçu.

Outra questão destacada, e que estará presente em nossa posterior análise dos dados, é que Tocantinópolis, como a maioria das cidades pequenas, tem sua sociabilidade marcada pelo que chamamos de *pessoalidade* (PRADO, 1998), onde "todo mundo conhece todo mundo", o que permite constante consciência e vigilância dos atos alheios. Além disso, os valores tradicionais desta cidade – assim como da região em que está inserida – são ligados à uma moral

conservadora de natureza religiosa. Esses valores também estão presentes na esfera pública, fazendo parte do projeto de governo, o que constatamos nas inscrições no portal de entrada da cidade em que se lê o verso bíblico: "Tudo posso Naquele que me fortalece". Esse é o slogan da prefeitura, espalhado pelos prédios públicos e em peças publicitarias do município.

O anúncio do primeiro caso confirmado de um infectado pelo covid-19 em Tocantinópolis se deu no dia 13 de abril de 2020, quase um mês depois do primeiro caso registrado no estado. O segundo caso confirmado veio com um intervalo de quase três semanas, no dia 05 de maio, e os casos foram crescendo progressivamente. No dia 15 de maio, segundo dados da Secretaria Estadual de Saúde e da Secretaria de Saúde de Tocantinópolis, haviam 13 casos confirmados na cidade e 1 óbito[4].

As percepções em torno do Coronavírus nesse município certamente não resultam somente dos casos confirmadosa nível local. Além de todas as informações midiáticas, dois municipios que funcionam como centros regionais para Tocantinópolis (com os quais seus moradores estabelecem fluxos para atividades de lazer, compras, atendimento médico especializado, educação e outros mais) são focos de contágio com destaque no seus estados: Imperatriz[5] – no sul do Maranhão, a cidade com mais casos nesse estado fora da Região Metropolitana de São Luís; Araguaína[6] – no norte do Tocan-

[4] O primeiro óbito por covid-19 na em Tocantinópolis aconteceu no dia 12 de maio de 2020. Tratava-se de um ex-vereador da cidade.

[5] Fica distante aproximadamente 100 km de Tocantinópolis. Em 15/05/2020 apresentava 653 casos confirmados, com 36 óbitos (Dados encontrados na página da Secretaria de Saúde do Estado do Maranhão).

[6] Fica distante aproximadamente 200 km de Tocantinópolis. Em 15/05/2020 apresentava 496 casos confirmados, com6 óbitos (Dados encontrados na página da Secretaria de Saúde do Estado do Tocantins).

tins, que em 15/05/2020 era a cidade com mais casos nesta unidade da federação, utrapassando até a capital, com mais do dobro de casos[7]. Aprofundando algumas respostas com os participantes dos questionários, os quadros dessas cidades eram apresentados para justificar os receios com uma futura propagação intensa do vírus em Tocantinópolis.

A aplicação do questionário

Um formulário virtual com 15 perguntas sobre as percepções em torno do covid-19 e suas consequências foi respondido por 50 moradores de Tocantinópolis. A escolha dos participantes foi aleatória, a partir da divulgação do questionários em grupos de redes sociais da/e sobre a cidade. Sabemos que esse formato de coleta e distribuição das amostas não é o ideal, mas consideramos que seus resultados auxiliam no objetivo deste trabalho, que é a construção de uma análise preliminar para uma pesquisa em fase inicial.

As perguntas foram divididas em três blocos: No primeiro, as questões procuram traçar parte do perfil socioeconomico dos participantes. No segundo, as perguntas versam sobre a proximidade ou não do contágio (se tem casos de parentes ou amigos com

---

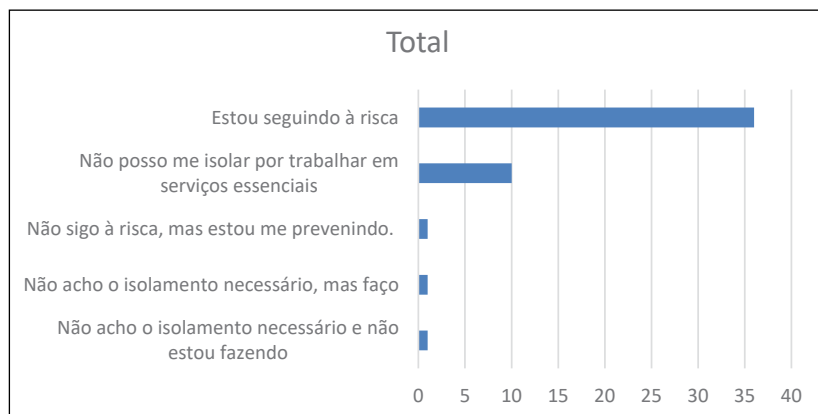
[7] Sobre o Coronavírus e seu espraiamento no estado do Tocantins, Blanc e Conceição (2020), destacam que "esses casos se concentram principalmente nos dois municípios mais populosos (a capital, Palmas, e a cidade de Araguaína), que podem ser definidos, juntamente com Gurupi, como os lugares centrais do estado. As duas primeiras cidades são aquelas em que se localizam os únicos aeroportos do estado. Segundo Oliveira e Piffer (2018), elas, juntamente com Gurupi, compõem o 'corredor de progresso', pois em torno delas orbitam localidades cujas economias progridem e se reforçam, fazendo a região crescer mais rapidamente. E essa centralidade não se dá apenas pela densidade populacional, mas principalmente por serem os principais pólos econômicos do Tocantins e concentrarem uma oferta de serviços públicos e privados não disponíveis na maioria das cidades do entorno" (p.3).

confirmação ou suspeita) e as práticas de isolamento. No último bloco, as perguntas giram em torno dos sentimentos e opiniões sobre o espraimento do covid-19 e suas consequências.

Quem são os entrevistados e qual sua proximidade com o contágio? Traçando um perfil

A partir das respostas do primeiro bloco, encontramos o perfil social dos participantes. Na sua maioria, têm entre 20 e 40 anos (66%), moram na cidade desde o nascimento (48%) ou há mais de 10 anos (32%). 64% concluiram o ensino médio (sendo que um terço desses estão no ensino superior). As mulheres formam 70% dos respondentes, contra 30% dos homens. Apesar das diferenças em gênero, faixa etária, bairro de moradia, escolaridade e tempo de moradia na cidade, não observamos – na maioria das vezes – opiniões que destoassem a partir dessas diferenças.

No segundo bloco, sobre o vírus e sua proximidade e as práticas de isolamento, encontramos os seguintes dados: 76% dos participantes não conhecem pessoas próximas(parentes, amigos) que contem como casos confirmados de covid-19. Já 14% conhecem ao menos uma pessoa e 10% de 2 a 5 pessoas. A mesma pergunta, mas agora relacionada aos casos confirmados de óbitos por covid-19, demonstrou que 96% desconhecem alguém próximo que tenha sido vitima fatal do vírus. A última questão do bloco perguntava se o participante conhecia alguém próximo que apresentou os sintomas de infecção pelo coronavírus e não testou para confirmar, ao que78% afirmaram não conhecer ninguém com tal característica. Vale ressaltar que, no período em que o questionário foi rsspondido, a cidade de Tocantinópolis tinha entre 2 e 3 casos confirmados.

Ainda nesse bloco, quando perguntados sobre as práticas de isolamento, obtivemos as seguintes respostas, apresentadas no gráfico a seguir:

Na sua grande maioria, os participantes optaram por seguir as orientações de isolamento, pelo menos os que podem segui-la. Somente dois deles manifestaram discordância sobre sua eficácia, mas apenas um afirmou não estar seguindo as orientações propositalmente. Coaduna com essa postura pró-isolamento da maioria a manifestação contrária a reabertura dos comércios por parte de 76% dos participantes[8], questão presente no terceiro bloco.

A partir das questões desse segundo bloco, podemos dizer que, mesmo que a maioria dos participantes não encontre casos confirmados e até suspeitas de covid-19 em pessoas próximas, ainda

[8] Uma observação metodológica sobre essa questão. O participante encontrava três opções quando perguntado se era a favor da reabertura dos comércios: sim, não e outros (esta última, com possibilidade de complementação da resposta). Somente 10% dos entrevistados se colocaram favoráveis e outros 14% marcaram a opção *outros*, mas sem oferecer qualquer complemento na resposta. Ainda assim, a grande maioria se manifestou contrária a reabertura dos comércios.

assim reconhecem a importância do isolamento. Como dito anteriormente, a situação nas principais cidades da proximidade (e do país) certamente provoca a atitude de precaução. Duas das participantes, que se voluntariaram para aprofundar algumas questões, citaram a saturação dos leitos na cidade de Araguaína[9] como um dos principais motivos da sua preocupação com o contágio.

Tais afirmações e posturas dialogam ainda com uma questão do bloco 3, onde perguntamos aos participantes se acreditam que os equipamentos públicos de saúde da cidade em que moram estão preparados para um possível aumentos dos casos de infectados pelo Coronavírus. A maioria (96%) disse não acreditar na capacidade do sistema de saúde local para atender tal demanda.

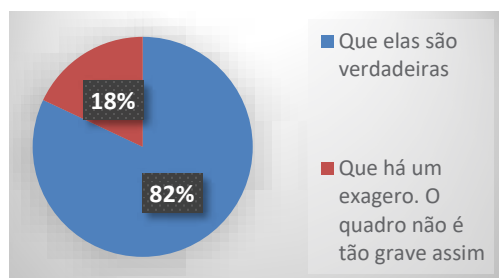
O vírus e os sentimentos – representações do contágio

O bloco três começa com uma pergunta sobre a credibilidade dos dados e informações apresentados pelos noticiários. É importante ressaltar que no Brasil dois grupos travam uma batalha moral em torno das politicas de isolamento. Um primeiro, com respaldo da comunidade científica, líderes mundiais e da Organização Mundial da Saúde, defende as práticas de distanciamento social para diminuir a proliferação do covid-19 e consequente colapso dos sistemas de saúde.

O outro lado dessa batalha moral no Brasil é capitaneado pelo presidente da república e por empresários, e defende – em favor da economia – a reabertura das atividades definidas como não

[9] Apesar de Tocantinópolis possuir um hospital, os casos de internação que exigem uma estrutura mais complexa são sempre enviados para os hospitais de Araguaína, que possuem mais profissionais e recursos de tratamento.

essenciais. Para muito dos adeptos dessa postura, as notícias são tomadas como mentiras ou exageros. Se cientistas apontam que há uma subnotificação, adeptos do fim do isolamento apostam em uma supernotificação e no uso de informações falsas para inibir a reabertura dos comércios e serviços[10]. Esses grupos e seus embates foram definidos por jornalistas como o novo epicentro da polarização política. Foram apelidados, a partir de suas convicções, de "quarenteners" e "Cloroquiners"[11].

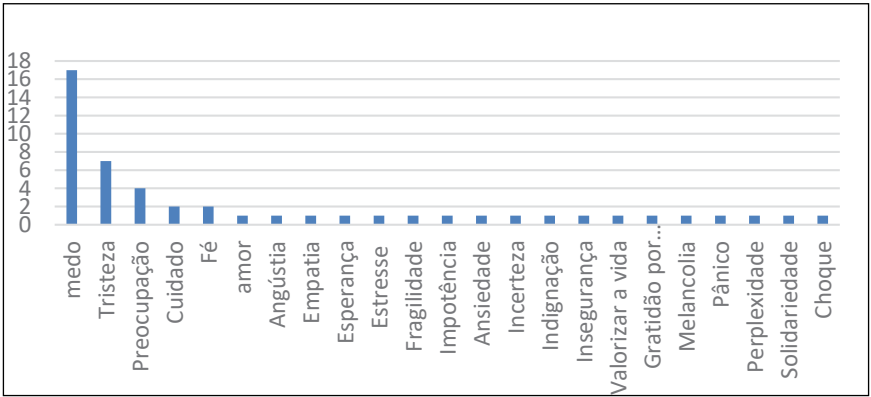
Sobre as informações relacionadas ao covid-19 e suas consequências, que aparecem nos noticiários, perguntamos aos participantes se acreditam que as mesmas são verdadeiras ou se consideram que há um exagero. Obtivemos as seguintes respostas:

A grande maioria disse confiar nas notícias. Ao esclarecerem sua opção, dois dos entrevistados demonstraram que, apesar de

---

[10] Como exemplo, citamos um episódio peculiar. A deputada federal Carla Zambelli – do grupo parlamentar que apoia o presidente – denunciou cidades com elevados registros de óbitos por covid-19 (como Manaus e Fortaleza), afirmando que enterravam caixões vazios para impressionar os cidadãos. Posteriormente, sua denúncia foi apurada e desmentida, e a própria deputada se retratou da informação errônea. No entanto, grupos radicais chegaram a desenterrar e abrir caixões para conferir a veracidade das informações. Cf: https://epoca.globo.com/brasil/a-farsa-dos-caixoes-vazios-usados-para-minimizar-mortes-por-covid-19-1-24416852

[11] Confira: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/guerra-entre-cloroquiners--e-quarenteners-reinventa-polarizacao-na-pandemia.shtml

acreditarem na veracidade dos fatos apresentados na mídia, suspeitam de uma subnotificação das informações para não amedrontar tanto a população, e não uma supernotificação, como defendem os favoráveis a retomada das atividades não essenciais.

Em outra questão, de resposta aberta, os participantes foram convidados a manifestarem o sentimento que experimentam com mais intensidadediante do contexto pandêmico vivido. As principais categorias apresentadas e suas respectivas quantidades estão expressas no quadro a seguir:

Diante do quadro apresentado, percebemos que os sentimentos se dividem em dois grupos: os sentimentos de preocupação/ insatisfação e os sentimentos de esperança.

Sentimentos de preocupação/insatisfação	Sentimentos de esperança
Medo	Fé
Tristeza	Amor
Preocupação	Empatia
Cuidado	Esperança
Angústia	Valorizar a vida
Estresse	Gratidão por poder ficar em casa
Fragilidade	Solidariedade
Impotência	-
Ansiedade	-
Incerteza	-
Indignação	-
Insegurança	-
Melancolia	-
Pânico	-
Perplexidade	-
Choque	-

Das 50 manifestações, 42 estão relacionadas aos agrupados em “Sentimentos de preocupação/insatisfação” e 8 entre os “sentimentos de esperança”. Tiveram três categorias que se destacaram no geral: Medo (17 manifestações), tristeza (7) e preocupação (4). Nas conversas aprofundadas perguntamos aos participantes sobre a escolha do sentimento e suas razões. Os mesmos apresentavam correspondência nas respostas, pois sempre manifestavam uma atitude de preocupação e tensão diante do risco da pandemia atingir a si, a outra pessoa próxima ou o futuro de todos. Nos relatos apresentados a seguir, podemos observar como e em que sentido tais sentimentos são expressos:

> Tristeza por tudo, por estarmos separados das famílias, por ver que alguns doentes agora têm nome, por saber que muitos

> estão sendo enterrados sem a despedida da família. Tristeza por termos um governo que não tem um pingo de preparo pra isso (participante 1)
>
> Tenho medo, pois meus pais são grupo de risco e a gente não tem plano de saúde. Meu medo é ir ao mercado, topar com alguém contaminado, mesmo que seja assintomático, e trazer esse vírus pra eles. E como não tem cura e nem tratamento eficiente... Também não há leitos suficientes, nem aqui e nem em Araguaína. Meu medo é essa insegurança (participante 2)
>
> Eu tenho medo por que na minha família tem muitas pessoas que são do grupo de risco relacionado ao covid-19, como hipertensos, diabéticos, idosos... Então, eu tenho medo, principalmente dessas pessoas contraírem essa doença e serem levadas pra um estado grave. Tenho medo de perdê-las, que elas venham a óbito. E tenho medo também de contrair a doença, pois apesar de ser jovem e não estar no grupo de risco, eu tenho medo de contrair a doença e acabar em um estado grave. Esse medo é um sentimento que me causa um pouco de ansiedade, angústia, aflição (participante 3)
>
> Eu respondi medo pelas pessoas, pois percebo que é uma doença perigosa, sou técnica de enfermagem, e ver uma pessoa morrendo é muito difícil. E as pessoas não estão se preocupando e se cuidando. Medo pra mim é algo ruim, que me incomoda. Algo desagradável, triste. Eu tenho medo do medo... rsrs. Isso é bem confuso (participante 4).
>
> Preocupação pela situação da cidade. A gente não sabe até quando isso vai durar, daí está me deixando meio ansioso, inquieto. (Participante 5).
>
> O medo parece aumentar cada dia. Acho que, quanto mais perto, quando são pessoas próximas de você, mais real fica (Participante 6).

A categoria medo aparece sempre em destaque nos depoimentos. E mesmo quando ela não aparece, os outros termos acabam se aproximando do seu sentido. Assim se deu com o uso das palavras tristeza e preocupação. Outros termos – como fé e esperança –, por

mais que estejam no outro grupo de categorias talvez não demonstre uma oposição tão radical ao sentimento medo. São, na verdade, os seus opostos (pelo menos no campo dos significados), mas se afirmam exatamente em um contexto onde o medo é a palavra de ordem. Segundo Koury (2009), partindo de uma pesquisa sobre o imaginário do medo com moradores de João Pessoa (PB), tal sentimento pode ser representado para alguns (principalmente os que são ligados a algum tipo de religiosidade) como a falta de fé[12]. Por isso, mesmo em contextos difíceis, o medo não é afirmado, pois é percebido como ausência de confiança na proteção divina.

Voltando ao medo, não nos parece que esse sentimento seja utilizado pelos participantes da pesquisa como sinônimo de covardia – o contrário da coragem – como faziam nas sociedades aristocráticas (CHAUÍ, 1995). Ganha um aspecto de legitimidade, como uma atitude de precaução[13], em favor do próprio bem estar e de outros. Na verdade, entre as respostas presentes em nossa pesquisa, identificamos que o medo se encaixaria em duas possibilidades dentro das representações com as quais lidamos: como *falta de confiança* e *temor do risco inesperado*.

---

[12] "A categoria *Falta de fé* conceitua o medo como falta de crença ou pouca crença em deus, levando as pessoas a se sentirem fracas e temerosas. Quem possui fé tem uma solidez e uma confiança que desfaz qualquer temor. A categoria *Falta de fé* indica, assim, uma atitude relacional entre os homens e deus como sugestiva de uma paz interior, fazendo-os encarar o mundo e as relações com os outros sem receio algum" (KOURY, 2009, p. 402).

[13] Segundo Tavares e Barbosa (2014), "desde os primórdios, dependemos do medo para a sobrevivência. Ele era, provavelmente, a característica mais preventiva de que os ancestrais humanos dispunham. Assim, riscos e perigos iminentes eram muitas vezes evitados através das defesas naturais disponíveis, nas quais o medo estava diretamente envolvido. Esta é uma emoção que está presente em nossa vida cotidiana de cada ser vivente e sua definição, segundo Hollanda (2009), 'um sentimento de viva inquietação ante a noção de perigo real ou imaginário, de ameaça; pavor, temor' está condizente com a angústia vivenciada, que não pode ser negligenciada" (p. 20).

Em outra análise desenvolvida por Koury em sua já citada pesquisa, o medo aparece como *falta de confiança ou receio de errar*. Segundo o autor, nessas circunstâncias, os medos "modulam aspectos de racionalizações e angústias sobre o amanhã, causando estresse, depressão, estranhamento pessoal e com os outros, vistos como concorrentes" (2009, p. 406). No contexto da pandemia de covid-19, há uma manifestação geral entre os brasileiros em torno da incerteza do que virá, do medo de desemprego (ou de perder espaço no mercado informal), da diminuição do salário ou da pobreza generalizada. Trata-se de temer problemas futuros que envolvam a vida familiar, pessoal e profissional. Ao expressarem temor com o "despreparo do governo", com o prazo de fim da quarentena e o futuro da cidade, o medo manifestado pelos nossos participantes se enquadra dentro de tal perspectiva.

O medo como *temor do risco inesperado* é uma categoria que desenvolvemos a partir das considerações de Tavares e Barbosa (2014) sobre o medo em situações de risco nas ações da defesa civil. Assim como as grandes tragédias naturais, repentinas e não previstas[14], a atual pandemia impacta as vidas cotidianas trazendo uma outra rotina e uma série de novos perigos que não sabemos ou não estamos acostumados a lidar[15]. Segundo os autores, "estamos profundamente conectados aos eventos que se desdobram a partir

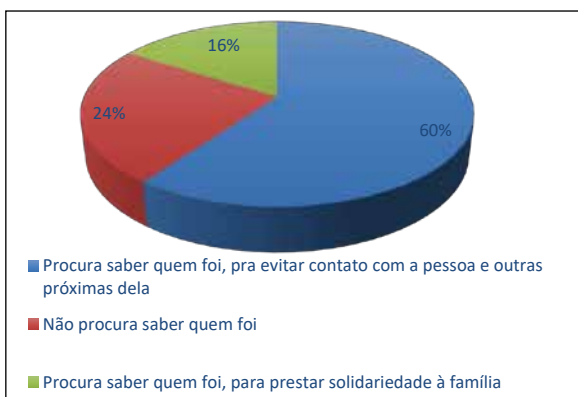
---

[14] Podemos relativizar a imprevisibilidade do covid-19 e suas consequências. Segundo Davis (2020) e Harvey (2020), era possível prever uma pandemia global a partir de experiências anteriores, mas os interesses do mercado capitalista não permitiram investimentos em práticas de prevenção e possíveis vacinas, o que ocasionou a explosão de um vírus repetindo globalmente casos que já tinham acontecidos em contextos locais nas últimas décadas, como a SARS e o Ebola.

[15] Para Bauman (2008), a ideia de risco deve ser entendida como "os obstáculos que ficaram próximos demais para a nossa tranquilidade e não podem mais ser negligenciados" (p.18)

de acontecimentos inesperados. E estes, por sua vez, se desdobram em emoções: quase sempre fortes, densas e intensas. E entre elas, a emoção associada ao medo é uma das mais recorrentes" (p. 20).

O medo enquanto temor do risco inesperado foi a forma dominante de manifestação desse sentimento em nossas entrevistas aprofundadas. Entre os temas que expressam isso, podemos destacar a distância dos familiares, os receios com o isolamento, a mortes sem despedidas rituais, o receio pelos leitos ocupados, a preocupação pelos que estão em grupo de risco, o medo do contágio e das mortes e sua materialização em pessoas conhecidas e/ou próximas.

Em outra questão do último bloco, perguntamos qual costuma ser a postura do entrevistado – diante de um caso confirmado na cidade – sobre a identidade do infectado pelo Coronavírus: se não procura saber quem foi, se procura saber quem foi para evitar contato com a pessoa e outras próximas dela ou se procura saber quem foi com o intuito de prestar solidariedade à família. No quadro abaixo, vemos graficamente a adesão às respostas.

Em um primeiro momento, vale ressaltar o seguinte dado: 84% dos entrevistados manifestam interesse em descobrir quem são os

portadores de covid-19 em sua cidade. Tal concepção nos permite explorar um ponto importante da sociabilidade das pequenas cidades, que é a pessoalidade nas relações (PRADO, 1998), que inclui entre seus princípios uma relativização das privacidades (quando as pessoas não só se conhecem, mas sabem a biografia e as redes de relação umas das outras). Evidentemente, essa forma de sociabilidade não é algo exclusivo das pequenas cidades (assim como a forma de vida urbana também não é algo restrito às metrópoles[16]), mas nas grandes povoações urbanas elas acontecem geralmente em agrupamentos menores como ruas, bairros, vilas ou em entre pessoas que participam de outras formas de congregação, como grupos de amigos, igrejas etc. Porém, nos municípios de pequeno porte, a pessoalidade costuma ser uma realidade que dá forma à vida social dessas localidades. Não é somente a quantidade de pessoas envolvidas que permitem essa forma particular de interação, mas principalmente a crença na relação de pessoalidade como um valor importante e que não pode ser desprezado.

Saber quem está infectado na cidade e conhecer a sua identidade e algo que não é possível em uma escala municipal nas grandes e médias cidades – pelo menos para o cidadão comum, – mas parece totalmente plausível nas pequenas cidades, tanto pelas suas dimensões quanto por seus valores. Fizemos um cruzamento de dados, avaliando o interesse na identidade do caso confirmado a

[16] Blanc (2016) identifica nas pequenas cidades o que define como "modo de vida pequeno urbano". Segundo a autora, "a cidade (mais precisamente o urbanismo – como modo de vida) exerce seus efeitos para além das suas fronteiras (WIRTH, 1979). Se por um lado tal ponto de partida nos reenvia a uma apreensão do urbano como microcosmo da vida social na atualidade, ou do modo de vida urbano como ícone do modo de vida contemporâneo, inspira a refletir sobre a diversidade de efeitos possíveis, ou suas gradações. Mais do que pensar sociologicamente a partir de outras posições (ou "tamanhos"), é interessante analisar seus diferentes horizontes de possibilidades" (p. 79).

partir do grau de inserção na cidade. Para isso, comparamos dois grupos: aqueles que moram na cidade a menos de 10 anos e os que moram nela desde o seu nascimento. No primeiro grupo, 55% manifestaram que não procura saber quem são os casos confirmados. Já no outro grupo, 87% dos participantes desejam descobrir a identidade dos infectados por corona vírus na cidade. Parece-nos que, quanto mais arraigado à sociabilidade local, mais o participante está envolvido no sistema de pessoalidade.

É preciso ressaltar ainda que 60% dos entrevistados afirmaram procurar a identidade do caso confirmado para evitar contato com a pessoa e outras próximas dela. Essa informação levanta outra questão relevante: um estigma se instala sobre os casos confirmados de covid-19 e aqueles que estiveram/estão próximos ao infectado.

O estigma (e aqui utilizamos essa categoria a partir da teoria de Goffman[17]), aliás, é uma discussão presente em todo o processo da pandemia. Por conta da origem do vírus na cidade chinesa de Wuhan, aumentou o processo de estigmatização – por meio de uma xenofobia – dos habitantes desse país. Segundo Perrota (2020), "desde o início da pandemia, diferentes meios de comunicação reportaram o aumento de discriminação aos chineses, associando seus hábitos à culpa pelo surto de covid-19" (p. 4), pois "os chineses, de uma maneira generalizada, personificam práticas e valores entendidos como culpados pela situação causada pelo novo coronavírus" (Ibid., p. 4).

[17] Segundo o próprio Goffman, "o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso" (Goffman 1980, p. 6).

Assim como acontece com várias outras doenças, há uma atitude discriminatória aos infectados pelo Coronavírus por meio de uma prática de evitação que vai além dos cuidados recomendados pela organização mundial de saúde. Esse estigma acaba se estendendo aqueles que se aproximam dos doentes por covid-19, inclusive os profissionais da saúde[18]. Os casos já curados, também relatam sentir o peso de uma prática discriminatória[19].

Assim, em Tocantinópolis, os participantes da pesquisa evitam (assim como em muitos outros lugares) não só aqueles que testaram positivo para o covid-19 mas também aqueles que lhe são próximos, como parentes, vizinhos[20], todos facilmente identificáveis a partir do sistema de pessoalidade presente na sociabilidade local. Aliás, é essa pessoalidade que não permite a esses indivíduos gozarem da condição de *desacreditável* – o que poderia acontecer em uma grande cidade – e passam diretamente à situação de *desacreditado*[21].

Por fim, perguntamos aos participantes se sua percepção sobre o covid-19 mudou depois que apareceu o primeiro caso na cidade.

---

[18] Cf. https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/04/medicos-relatam-preconceito-por-lidarem-com-covid-19.html

[19] https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional/2020/04/pacientes-curados-da-covid-19-relatam-preconceito

[20] Goffman compreende a possibilidade uma "contaminação" por meio do estigma para pessoas próximas ao estigmatizado: "A questão é que, em certas circunstâncias, a identidade social daqueles com quem o indivíduo está acompanhado pode ser usada como fonte de informação sobre a sua própria identidade social, supondo-se que ele é o que os outros são. O caso extremo, talvez, seja a situação em círculos de criminosos: uma pessoa com ordem de prisão pode contaminar legalmente qualquer um que seja visto em sua companhia, expondo-o à prisão como suspeito" (1980, p. 57-58).

[21] De acordo com Goffman (1980, p. 51-52), existem dois tipos de portadores de *estigma*: o desacreditado e o desacreditável. O primeiro tipo se apresenta quando o estigmatizado assume características distintivas já conhecidas ou imediatamente evidentes. Já o segundo, é aquele cujas razões do *estigma* não são conhecidas ou imediatamente percebidas, sendo necessário acesso a informações prévias.

A maioria – 60 % do total – afirmou que sim. No aprofundamento do questionário, nossos informantes disseram que passaram a ter mais receio do contágio, que a ameaça se tornou mais real. É interessante pensar essa mudança. Em um primeiro momento, a ameaça é somente potencial: ela está presente nas maiores cidades da região, mas ainda não toma uma forma humana conhecida por todos, algo que a pessoalidade das relações permite. No segundo momento, por causa do primeiro contágio, as pessoas passam a assumir uma postura mais pautada pelo medo, evitando situações de risco.

Por meio dos decretos municipais publicados a partir de 16 de março de 2020 podemos traçar esses dois momentos: o da ameaça potencial e real. Parece haver uma mudança na postura do poder executivo municipal a partir de quando o primeiro caso confirmado de covid-19 em Tocantinópolis é revelado.

O primeiro decreto relacionado à atual pandemia é o de n. 006, de 16 de março de 2020, o qual determina trabalho de meio período nas áreas administrativas do serviço público municipal. Além disso, suspende as atividades da rede municipal de ensino, seguindo determinações do Governo Estadual. Nessa mesma semana, governos estaduais de vários estados – a partir dos muitos casos identificados nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo – aplicaram políticas de distanciamento social. Seguem essa mesma linha os dois decretos seguintes: o de 19 de março (007/2020), que suspende as atividades das feiras livres, eventos esportivos e eventos festivos; e o de 23 de março (o decreto 008/2020), que declara estado de calamidade pública, ficando proibidas aglomerações humanas de qualquer espécie, restringindo atividades comerciais e ofícios religiosos.

Diante da inexistência de casos, aparece uma medida de relaxamento. O Decreto Municipal 012/2020, de 03 de abril, flexibilizava

as medidas de circulação de pessoas, permitindo o atendimento de clientes em bares, restaurantes, academias e outros pontos comerciais, desde que seguidas as orientações de distanciamento social e higienização recomendadas pelas organizações de saúde pública competentes. No entanto, após divulgação dessa medida pela mídia, o Ministério Público Estadual determinou que a prefeitura revogasse tal decreto, e o prefeito veio a público, através de nota de esclarecimento publicada no site da Prefeitura, trazer explicações e anunciar seu cancelamento.

O primeiro caso confirmado da cidade é de 13 de Abril, e desde então, não foram divulgadas novas políticas de relaxamento. A partir do crescimento progressivo de casos em Palmas e Araguaína, temos um novo decreto em 27 de abril, o 018/2020, que dispõe sobre a circulação de veículos na zona rural, principalmente vedando acesso às aldeias da etnia Apinajé, e o transporte de passageiros vindos de outros municípios, sendo proibida tal atividade, sob pena de multa e perda do alvará. De maior impacto no cotidiano dos habitantes da cidade foi a determinação – do mesmo decreto – que torna obrigatório o uso de máscaras cirúrgicas em ambiente público, sendo indispensável seu uso em estabelecimentos comerciais, podendo os proprietários exigir esse EPI dos seus clientes.

No dia 05 de maio é confirmado o segundo caso na cidade. No dia 10 de maio, pula para 4 casos e no dia 12 de maio a primeira suspeita de morte, confirmada no dia seguinte. No próprio dia 12, um novo decreto, também relacionado à questão da circulação de veículos, o 020/2020, que versa sobre o transporte fluvial realizado pelas balsas e barcos que atravessam rotineiramente o Rio Tocantins em direção à cidade de Porto Franco-MA. Tendo em vista o agravamento da situação na margem maranhense, foi proibida a

travessia durante o horário entre 19h e 5h, quando não há barreira sanitária no lado tocantinense. Com essa nova determinação, todas as entradas da cidade ficam controladas e vigiadas, inibindo o ingresso de possíveis infectados na cidade.

Conclusão

Nesse momento de crise global com a pandemia do Coronavírus, em que problemas de ordem sanitária impactam as formas de sociabilidade e demais situações da vida social, as emoções, especialmente o medo e sentimentos correlatos, tornam-se presentes como forma de lidar com o inesperado, tanto aquele que se experimenta no presente como o que se prevê para o futuro. O medo acaba gerando reações adversas à razão: enquanto alguns negam o que acontece e diminuem o seu potencial, outros se envolvem em práticas para além das recomendações das autoridades de saúde e passam a estigmatizar o infectado e as pessoas que lhe são próximas.

Neste artigo, que retrata as primeiras impressões colhidas de uma pesquisa em desenvolvimento, analisamos algumas reações emocionais demonstradas pelos participantes, tanto os que responderam ao questionário como aqueles com quem realizamos uma conversa aprofundada sobre os temas tratados. O lócus é uma cidade pequena do norte tocantinense, mas ao mesmo tempo em que as emoções manifestadas expressam posturas baseadas no *ethos* local, tais concepções do covid-19 e suas consequências também podem representar um quadro mais geral, compartilhado por outros brasileiros e até em escala global, guardadas as devidas diferenças.

No dia 15 de maio, no final da tarde, o governado do estado do Tocantins decretou *lockdown* em 33 cidades do norte tocantinense,

entre elas, Tocantinópolis e Araguaína[22]. Como umas das primeiras regiões do país a implantar o *lockdown*, o norte do Tocantins assume um lugar importante no histórico de combate à pandemia no Brasil. São novos dados que se apresentam à pesquisa que empreendemos e que podem impactar nas emoções dos moradores de Tocantinópolis e região, o que pretendemos analisar futuramente.

Referências

BLANC, Manuela. "Para além das suas fronteiras": pessoalidade, conduta pública e trajetórias pequeno urbanas. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.15, n. 45, p. 78-88, 2016.

_____; CONCEIÇÃO, Wellington S. Cidades, seus fluxos e o espraiamento viral: As prospecções possíveis em uma análise da incidência da covid-19 em TO, MA, ES e RJ. **Dilemas**, Reflexões na pandemia, p. 1-29, 2020. Disponível em: https://www.reflexpandemia.org/

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHAUÍ, M. Sobre o medo. In: NOVAES, A. (Coord.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das letras, 1995, p. 35-75.

DAVIS, Mike. A crise do Coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. In: HARVEY, David et All. **Coronavírus e a luta de classes**. Fortaleza: Terra sem amos, 2020.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

HALUM, César. **Municípios tocantinenses**: suas origens, seus nomes. Palmas: Provisão Gráfica e editora, 2008.

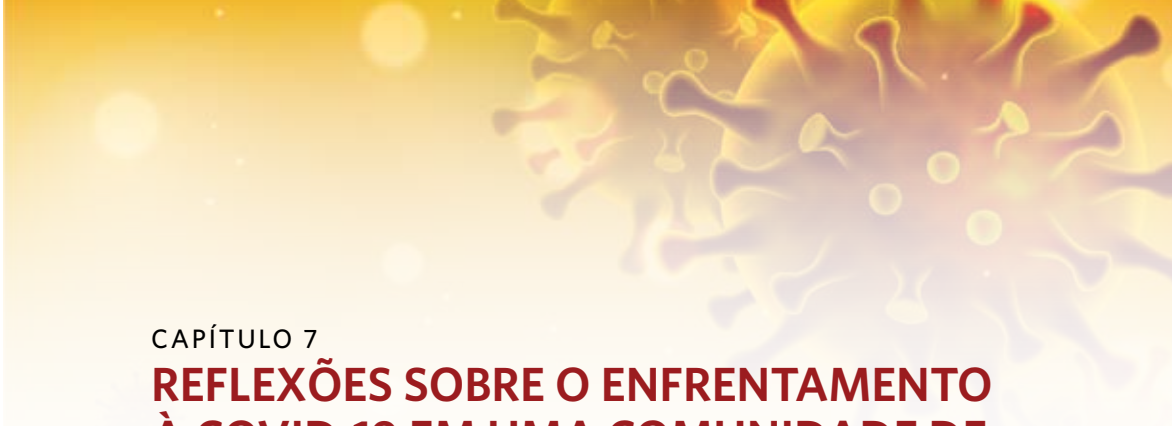
HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de covid-19. In: _____ et All. **Coronavírus e a luta de classes.** Fortaleza: Terra sem amos, 2020.

KOURY, M. G. P. O que é medo? Um adentrar no imaginário dos habitantes da cidade de João Pessoa, Paraíba. **Psicologia & Sociedade**; v.21, n. 3, p. 402-410, 2009.

[22] Cf. https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/vida-urbana/governo-estadual-decreta-lockdown-em-33-cidades-tocantinenses-1.2053573

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. v. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

PARENTE, Temis Gomes. **Fundamentos históricos do estado do Tocantins.** Goiânia: Editora da UFG, 2007.

PERROTA, A. P. Serpentes, morcegos, pangolins e 'mercados úmidos' chineses: Uma crítica da construção de vilões epidêmicos no combate à covid-19. **Dilemas**, Reflexões na pandemia, p. 1-6, 2020. Disponível em: https://www.reflexpandemia.org/

PRADO, Rosane. Cidade pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. **Cadernos de antropologia e imagem**, n. 4, Rio de Janeiro, p. 31-56, 1998.

SOUSA, C. A. O. **Tocantinópolis:** 150 anos de urbanização. Goiânia: Editora Kelps, 2008.

______. **Repensando o turismo em Tocantinópolis**: críticas e possíveis viabilidades. Goiânia: Editora Kelps, 2007.

TAVARES, L. M. B; BARBOSA, F. B. Reflexões sobre a emoção do medo e suas implicações nas ações de defesa civil. **Ambiente & Sociedade**, v. XVII, n. 4, p. 17-34, 2014.

CAPÍTULO 7

REFLEXÕES SOBRE O ENFRENTAMENTO À COVID-19 EM UMA COMUNIDADE DE JOÃO PESSOA-PB

Williane Juvêncio Pontes

Introdução

A expansão dos casos de covid-19 – doença causada pelo novo Coronavírus – em diversos países do mundo resultou na classificação da doença, pela Organização Mundial da Saúde – OMS, como pandemia, devido ao ritmo crescente de disseminação do vírus. Classificação que busca alertar os países sobre a necessidade de reforçar medidas de prevenção e combate à transmissão da doença.

Para frear a disseminação do novo Coronavírus a OMS recomenda medidas de prevenção e enfrentamento ao surto da doença, que são adaptadas pelos gestores às condições sociais, econômicas e políticas de cada país. São medidas de cuidados cotidianos de higiene – como lavar as mãos com água e sabão –, de utilização de álcool gel e de máscara ao sair de casa e de exercício de isolamento e de distanciamento social, evitando aglomerações. A adoção dessas recomendações visa reduzir o contágio do covid-19, ocasionando, consequentemente, uma mudança no cotidiano de milhões de pessoas.

Essas medidas de prevenção, por outro lado, não possuem efeitos uniformes sobre toda a população (PIRES, 2020), com a recorrência de segmentos sociais vulneráveis que absorvem de forma diferenciada os impactos das medidas de enfrentamento à pandemia. Ao refletir sobre os efeitos da crise ocasionada pela covid-19 sobre grupos sociais e territórios vulnerabilizados, Roberto Pires (2020. p. 7,) salienta que os grupos sociais historicamente submetidos aos processos de vulnerabilização são os mais expostos aos efeitos adversos do novo Coronavírus, pois há uma agravamentos das condições socioeconômicas desses grupos marcados pelas desigualdades sociais que configuram um frágil acesso ao mercado formal de trabalho, à habitação digna, à saúde e a educação.

Os moradores da Comunidade do Timbó são um exemplo das populações em condições de vulnerabilidade agravada pelo novo coronavírus. O Timbó é uma comunidade localizada na zona sul da cidade de João Pessoa – Paraíba, composta por cerca de 10 mil pessoas (ACMVT, 2016), que atuam na construção civil, no trabalho doméstico, como porteiros de prédios, vendedores em lojas, motoristas de ônibus, flanelinhas, catadores de materiais recicláveis, cabelereiras, borracheiros, mecânicos, lojistas, entre outros trabalhos autônomos, formais e informais.

As medidas de prevenção e enfrentamento à covid-19 afeta de forma intensa os moradores da comunidade, que sentem as consequências de maneira imediata, como a perda do rendimento mensal, que acentua questões de alimentação familiar, obtenção de itens básicos de higiene e custeio de contas mensais – como água e energia elétrica. Assim, os efeitos da pandemia acabam por agravar as condições socioeconômicas dos moradores. Além da mudança no cotidiano doméstico, há também o incentivo à uma reconfiguração

temporária na sociabilidade local, onde o encontro com o outro é característico da intensa pessoalidade[1] que permeia as relações na Comunidade do Timbó.

Neste sentido, este trabalho busca desenvolver uma reflexão sobre como os moradores da Comunidade do Timbó estão enfrentando o novo Coronavírus. A discussão se debruça sobre o exercício do isolamento social em uma sociabilidade pessoalizada e as iniciativas solidárias que conformam as redes de apoio e solidariedade para suprir necessidades básicas que não são atendidas pelas políticas públicas e emergenciais do Estado. O isolamento social e as iniciativas solidárias são elementos vistos como importantes para entender como as medidas preventivas são absorvidas pelos moradores e como ajuda mútua e as redes de apoio se configuram nesse momento de pandemia.

O isolamento social em uma sociabilidade de intensa pessoalidade

O isolamento social é uma das medidas preventivas considerada mais eficaz para combater a progressão do vírus, que se processa pela transmissão entre pessoas. Evitar o contato social ao ficar em casa é, deste modo, uma forma de colocar a si e aos outros – familiares, amigos, conhecidos – em segurança, evitando o contágio

---

[1] A pessoalidade fomenta relações estreitas e interpessoais, onde o conhecimento mútuo é o elemento característico basilar. Na Comunidade do Timbó os moradores vivenciam uma intensa pessoalidade configurada pelo espaço compartilhado e pelo tempo de vivência que proporciona relações duradouras e vínculos afetivos estreitos entre os moradores. Assim, a intensa pessoalidade que configura o viver no Timbó promove o exercício cotidiano das relações pessoais, do encontro ao outro promovido pelas visitascorriqueiras, pelo uso da rua, das calçadas e do comércio como local de exercício da sociabilidade.

imediato. Em concordância com a recomendação da OMS, o governador do Estado da Paraíba – João Azevedo – e o prefeito da cidade de João Pessoa – Luciano Cartaxo – adotaram a medida de isolamento social por meio de decreto[2], ordenando o fechamento das escolas, do comércio não essencial – mantendo apenas mercados e farmácias em funcionamento – e orientando evitar atividades que promovam aglomerações.

Com a adoção do isolamento social a maioria da população passa a possuir tempo integral para permanecer em casa, com a recomendação da saída apenas quando essencial, como para a compra de comida, medicação ou a utilização dos serviços de saúde. O isolamento social, no entanto, não é um recurso que se realiza de modo uniforme para todos. Há espaços urbanos com dinâmicas que tornam esta medida preventiva problemática devido, principalmente, à alta densidade populacional, as habitações precárias (MACEDO; ORNELLAS e BOMFIM, 2020) e as formas de sociabilidade específicas que configuram a vivencia dos moradores.

Na Comunidade do Timbó o isolamento social se choca com as ocupações que os moradores exercem, principalmente aqueles que trabalham no setor informal, ficando mais expostos ao contágio da covid-19. Além da dificuldade de isolamento ocasionada por habitações superlotadas, esta medida de enfrentamento ao novo Coronavírus não é suficiente por contrastar com a dinâmica local, baseada em uma intensa pessoalidade que dificulta a implementação desta medida preventiva.

---

[2] Foi publicado no último dia 02 de maio de 2020 o decreto 40.217, onde o governador do Estado da Paraíba prorroga até o dia 18 de maio as medidas restritivas por todo o estado. Já o decreto municipal de 04 de maio de 2020 determina a restrição da circulação de pessoas por parques e orlas para aumentar o índicede isolamento social na cidade de João Pessoa.

A Comunidade do Timbó é um lugar[3] onde se exerce uma sociabilidade baseada na intensa pessoalidade, com o conhecimento mútuo entre os moradores, as corriqueiras visitas às casas de parentes, amigos e vizinhos ea utilização das calçadas e das ruas como forma de exercício da sociabilidade local. Cominterações marcadas pela pessoalidade enquanto conhecimento mútuo e como proximidade física e social, os moradores da comunidade estabelecem relações pessoais que configuram modos e estilos de vida.

O decreto municipal e estadual que ordenou o fechamento do comércio não essencial e possibilitou que diversos moradores permanecessem em casa,devido a suspenção temporária na jornada de trabalho, proporcionou uma maior ocupação, pelos moradores, das ruas, calçadas e da quadra esportiva da comunidade. O maior tempo livre ocasionado pela medida de isolamento social foi entendido por alguns moradores como disponibilidade paraexercitar a sociabilidade local do encontro ao próximo, outros moradores fazem uso da calçada e da rua como forma de aliviar a quantidade de pessoas dentro de uma mesma casa. De uma forma ou de outra, há um baixo estímulo à lógica do isolamento social em uma sociabilidade que proporciona a proximidade física e social entre os moradores.

---

[3] Lugar é conceituado neste trabalho como um elemento intrínseco do processo de formação da pertença (KOURY, 2001; 2003; 2017), o que configura o sentido das relações sociais que se estabelecem no Timbó e que podem ser compreendidas a partir da experiência do morador, que funda e é fundado pela cultura emotiva. O lugar é produto das relações sociais e se relaciona com a dimensão do vivido, surge como resultado de experiências e do pertencimento a uma localidade, processo que se configura através do cotidiano (TUAN, 1983), de modo que o lugar agrega o convívio, as experiências afetivas, a memória e a construção identitária do indivíduo e do coletivo que ali se forma. Assim, a noção de lugar remete a um tipo de envolvimento com o mundo, que está baseado na necessidade de raízes e de segurança (RELPH 1979 apud LEITE 1998, p. 10), é um envolvimento configurado pelo sentimento de pertença (KOURY, 2017), responsável por transformar o espaço em um ambiente inteiramente familiar, isto é, em um lugar.

A atuação de uma parcela dos moradores para a prevenção e o enfrentamento do novo coronavírus na Comunidade do Timbó ganha o espaço virtual das redes sociais, além das ações organizadas na comunidade. O perfil *Meu Timbó*, que funciona na rede social Instagram, vem realizando um trabalho de alertar e apoiar a população para os efeitos da covid-19. O perfil, administrado por três jovens moradores da comunidade, teve sua primeira publicação sobre o enfrentamento à pandemia no dia 27 de março de 2020, quando discute a repercussão da veiculação da Comunidade do Timbó na imprensa local em uma reportagem sobre a adoção da medida de isolamento social nas comunidades da cidade de João Pessoa.

A reportagem foi veiculada no dia 26 de março de 2020 no programa *Correio Verdade*, da TV Correio, que é transmitido diariamente a partir das 12 horas e possui alta audiência na Comunidade do Timbó[4]. Na ocasião, a reportagens mostra as ruas movimentadas, com a presença de homens, mulheres e crianças, e chama atenção para a necessidade de adoção da medida de isolamento social para a segurança familiar e para frear a contaminação pelo novo coronavírus. A orientação de isolamento social é reforçada pelo depoimento dos moradores que adotaram tal medida e pela fala do líder comunitário da Associação de Moradores.

A síntese concedida pelo repórter, no início da reportagem, reforça a dificuldade do isolamento social em uma sociabilidade de intensa pessoalidade, acentuando a necessidade de pensar em alternativas para a conscientização e prevenção dos moradores à covid-19. Nesta síntese, o reporte afirma:

> Olha quanta gente na rua! Mulheres, crianças, homens... Todo mundo junto e despreocupado, a sensação é de que o

[4] Esta gravação do programa *Correio Verdade* pode ser acessada pelo link: https://www.youtube.com/watch?v=ZLQNSCRTOOQ, com início da reportagem no tempo de 35min14seg.

> coronavírus não chegou por aqui! Esse cenário nós encontramos na Comunidade do Timbó, que fica no bairro dos Bancários, zona sul de João Pessoa. As ruas são estreitas e cheias de ladeiras. Segundo o presidente da Associação dos Moradores, aqui mora aproximadamente 11 mil moradores que já sofrem com os problemas comuns das pessoas de baixa renda e agora tem que aprender a lidar com o isolamento social... Nem todo mundo está seguindo as recomendações de ficar em casa! O líder comunitário tem feito apelos diários, no entanto, o pedido nem sempre é atendido (Reportagem do *Correio Verdade*, 26 de março de 2020).

"Aprender a lidar com o isolamento social" significa uma reconfiguração no cotidiano da comunidade, onde o encontro ao outro, as conversas no comércio, as rodas de dominó, o jogo de bola na quadra e até na rua, no caso das crianças, se faz presente diariamente, principalmente no período de final da tarde e nos finais de semana. A mudança no cotidiano, no entanto, é algo preciso para o momento de pandemia, de modo a evitar que a propagação do vírus na comunidade, como indica o líder comunitário na reportagem.

Há moradores que realizam ações de prevenção à covid-19, incentivando o isolamento social – para quem pode ficar em casa – como uma mudança no cotidiano para que, no futuro próximo, a normalidade se reestabeleça, com a abertura do comércio, o retorno ao trabalho – para aqueles que possuem –, a volta às aulas e a circulação das linhas de transporte coletivo pela cidade. O perfil *Meu Timbó* é um exemplo desse grupo de moradores que busca conscientizar a população local sobre a covid-19 e a importância do isolamento e distanciamento social. Chamar a atenção dos moradores para os efeitos da pandemia na comunidade foi se constituindo como a via de diálogo que fundamenta a ação de prevenção para evitar que o novo coronavírus circule pela Comunidade do Timbó.

A Figura 1, abaixo, ilustra uma das ações realizadas nas redes sociais para o enfrentamento ao novo coronavírus, com a discussão sobre a repercussão da reportagem supracitada que veicula a situação da Comunidade do Timbó no contexto da pandemia. A preocupação dos administradores do perfil é alertar sobre como situações corriqueiras da sociabilidade local se choca com as recomendações de isolamento e distanciamento social, a proximidade entre os moradores é um elemento constitutivo da pessoalidade que configura o lugar Timbó, sendo um dos elementos basilares da cultura emotiva[5] da Comunidade do Timbó.

Figura 1 – Moradores utilizam reportagem transmitida no programa televisivo Correio Verdade para alertar sobre o enfretamento ao coronavírus na Comunidade do Timbó
Fonte: Instagram Meu Timbó, postado em 27 de março de 2020.

[5] Koury (2017, p. 10) define cultura emotiva como o processo de trocas emocionais entre os indivíduos que contribui para a criação de práticas comuns no jogo relacional e proporciona formas de continuidade, de elaboração de alianças e de estabelecimento de um saber comum. A cultura emotiva permite que indivíduos vivenciem e partilhem um lugar comum, uma vez que seu conteúdo possui sentidos morais e se apresenta como recheada de elementos de predisposição ao outro relacional. Neste sentido, a cultura emotiva é produzida através das trocas recíprocas – tanto materiais quanto simbólicas – entre indivíduos localmente situados (BARBOSA, 2015, p. 13) que, ao produzirem e se inserirem em uma dada cultura emotiva, conformam o self, estabelecem relações e desenvolve um sentimento de pertença a comunidade, ao bairro ou ao grupo.

O recorte dos 30 segundos iniciais da reportagem é postado pela página com um apelo aos moradores para o cumprimento da medida de isolamento social, indicada como a ação que pode salvar a vida. A não adesão ao isolamento e a possibilidade de contaminação pelo covid-19 contribui para a proliferação do vírus nessa parcela da população devido ao alto número de pessoas reunidas no mesmo local (MACEDO; ORNELLAS e BOMFIM, 2020). A legenda da postagem chama atenção, entre outros, para a necessidade de mudança temporária nas relações cotidianas, que promovem a proximidade física entre os moradores. A transcrição, abaixo, ilustra o apelo do perfil *Meu Timbó* para que os moradores fiquem em casa.

> Boa tarde!Olhem bem esse vídeo e reflitam sobre como estamos lidando com a covid-19 na comunidade em que moramos. Muitos dos nossos avós e avôs estão aqui desde a juventude, cresceram aqui, criaram seus filhos e filhas aqui, deram duro para construir suas casas.Por que será que tanta gente ainda vê esse vírus como algo tão simples? Uma doença que é contaminada pelo AR, que consegue atingir alguém em até 12 metros de distância.Só essa semana morreram inúmeras pessoas fora da área de risco da doença. Então, não se enganem de que só quem corre perigo são os idosos! Vá só em apenas lugares necessário, como o mercadinho da comunidade. Saiba que aquele aperto de mão com familiar que você confia, aquela visita do seu amigo que mora do lado, aquele tempinho que tu passa sentada na calçada pra ver o movimento, a criança brincando com os/as amiguinhos/as... Todas essas coisas que você acha que não tem problema em fazer, é justamente o que você poderia evitar por 40 dias, pra poupar a tua vida e a vida de todxs! Façamos nosso apelo para que vocês fiquem em casa. Obrigado pela atenção! (Postagem do perfil *Meu Timbó*, 27 de março de 2020).

A postagem ressalta o alerta para o perigo de entrada e a rápida disseminação do vírus na comunidade devido a proximidade

física entre os moradores, que não aderem a campanha do "fique em casa" ao continuar exercitando relações corriqueiras que constituem a sociabilidade local: as visitações aos amigos, o sentar nas calçadas, as brincadeiras das crianças e demais situações que promovem o contato físico entre pessoas de famílias diferentes. O perfil *Meu Timbó* defende o isolamento não apenas para os idosos, mas para todos os moradores, com saída à rua apenas quando necessário, como para realizar compras de alimentos.

O isolamento e distanciamento social vêm sendo orientado e buscado por meio do confinamento domiciliar da população (PIRES, 2020), mas aderir a esta medida não significa lidar com condições diferenciadas entre os moradores para enfrentarem um período relativamente longo de isolamento e confinamento. Na Comunidade do Timbó há uma média de 06 pessoas compartilhando uma residência, seja na mesma casa, seja em uma casa com puxadinho, o que indica um número significativo de pessoas reunidas em uma habitação. Neste sentido, as condições de habitação de determinadas parcelas da população brasileira – como aqueles que residem em periferias, favelas e comunidade – impõem limitações às medidas de isolamento e distanciamento social (PIRES, 2020).

A baixa adesão ao isolamento social também foi discutida nos comentários da postagem por alguns moradores da comunidade, que levantavam a questão do acesso à informação sobre a situação e os efeitos da pandemia. Neste sentido, uma das moradoras escreve: "É que a questão é as informações que estão chegando para a população e de que maneira percebem. Quais meios de informações esse público mais utilizam, para se atualizar dos problemas...", fazendo ênfase a necessidade de ações de conscientização para a prevenção à covid-19 na comunidade. Assim, a condição de

habitação superlotada e do trabalho informal se soma à baixa informação sobre os efeitos do novo Coronavírus.

A informação chega? Qual é o tipo de informação? Como chega essa informação ao morador? São alguns dos questionamentos feitos para pensar sobre como a Comunidade do Timbó vem enfrentando a covid-19. Com tais preocupações, um grupo de moradores se reuniu para realizar atividades de conscientização e prevenção ao vírus, em parceria com organizações políticas, na busca de alertar aos moradores da comunidade sobre a importância do isolamento social para frear a progressão da doença e evitar que a covid-19 chegue ao Timbó. Circunstância que alerta para a ineficiência das ações do Governo Municipal e Estadual na comunidade, de modo que as medidas de enfrentamento da pandemia recomendadas pelas autoridades não se mostram suficientes, sendo necessária a atuação dos moradores para suprir a falta de ações informativas e preventivas nesta parcela da população.

Os administradores do perfil *Meu Timbó*, em conjunto com a Associação Jovens em Ação – AJA, com os Jovens Solidários – JS, com o Projeto de Extensão Metuia UFPB e o Levante Popular da Juventude Paraíba se organizaram para a realização de ações de apoio aos moradores na informação para enfrentar a covid-19. A primeira ação de prevenção ao novo Coronavírus foi realizada no dia 05 de abril e tinha a "missão de conscientizar sobre os cuidados e prevenções contra a contaminação pelo novo covid-19 e também sobre o Auxílio Emergencial", como indicou a postagem feita pelo perfil Meu Timbó.

Além do incentivo ao isolamento social, evitando aglomerações na comunidade, outras medidas foram ressaltadas durante esta ação de prevenção, como a adoção de medidas de higiene

básica. Lavar constantemente as mãos com água e sabão,quando possível utilizar álcool gel 70% para higienizar objetos, limpar as superfícies com água sanitária e usar máscara ao sair na rua são outras medidas importantes que foram ressaltadas paradiminuir a possibilidade de contágio do covid-19. O repasse de tais informações foi realizada por meio da colagem de panfletos informativos no comércio local, nos templos religiosos e na quadra de esportes, bem como da caminhada por ruas da comunidade com um carro de som informando verbalmente essas medidas preventivas.

As ações de prevenção são realizadas de formas eventuais para resguardar a segurança de todos os evolvidos, moradores e não moradores, buscando não promover aglomerações. A avaliação da eficácia de tais ações são indicadas no perfil *Meu Timbó*, que comemora a maior adoção do isolamento social com fotos do esvaziamento das ruas da comunidade. Para conseguir uma maior adesão às recomendações da OMS e dos Governos Municipal e Estadual foi necessária a iniciativa de um grupo de moradores para a orientação dos demais moradores da Comunidade do Timbó sobre as consequências da covid-19, alertando para o cuidado e a proteção de todos os moradores, não somente daqueles que se enquadram nos grupos de risco.

Essas ações tem ampla divulgação nas redes sociais, principalmente no Instagram, com panfletagem online por meio de postagens e a realização de *lives* para conscientizar no enfrentamento aos efeitos da covid-19, tanto no que se refere ao contágio do vírus como a busca de amenizar o agravamento da condição de vulnerabilidade social dos moradores.O que ressalta a importância de considerar meios de informar e conscientizar grupos sociais que são atingidos de forma mais intensa pela pandemia devido a condição

de vulnerabilidade socioeconômica a que estão submetidos, ficando mais expostos ao contágio do vírus.

Assim, as recomendações de isolamento social, apesar de necessárias, não se encaixam na realidade de uma parcela da população e não são suficientes para enfrentar a covid-19 nas comunidades. A medida do isolamento e distanciamento social se expressa, ainda, como uma ameaça imediata para a manutenção da família e a sustentação financeira, atingindo diretamente os moradores desempregados e aqueles que são trabalhadores informais e autônomos. Há um comprometimento do ganho mensal devido a suspensão temporária das atividades de trabalho, acentuando a dificuldade de manutenção familiar.

A questão da sobrevivência familiar é realçada com a suspenção das atividades escolares, cuja merenda e almoço escolar se constitui como uma segurança alimentar. Com a paralização do comércio e a suspenção das aulas se acentua o comprometimento do acesso à alimentação para diversas famílias na Comunidade do Timbó. A circunstância de ameaça à manutenção da família se processa devido à falta de políticas públicas e ações que amparem esses grupos mais vulneráveis, que tem a preocupação da sobrevivência intensificada.

Quando o Estado não é presente nas comunidades e favelas da cidade, não prestando assistência social para amenizar e atender as situações de vulnerabilidade desta parcela da população, são os moradores, as igrejas e as Organizações Não Governamentais – ONGs que dão apoio aqueles que mais necessitam. Essa assistência é prestada por meio da formação e reafirmação de redes de apoio e solidariedade que contam com a colaboração não somente de amigos e vizinhos da Comunidade do Timbó, mas com o apoio de todos

que podem e querem ajudar os grupos em situação de vulnerabilidade acentuada.

É sobre essas redes de apoio e solidariedade que a discussão se debruça no tópico seguinte, que busca refletir sobre a atuação de moradores, das igrejas e de ONGs para auxiliar os moradores da Comunidade do Timbó no enfrentamento à covid-19. Redes que configuram um fortalecimento das ações comunitárias e de solidariedade e constroem espaços de participação social.

Redes de apoio e solidariedade

As redes de apoio e reciprocidade são estabelecidas, principalmente, entre vizinhos que possuem um vínculo estreito, mas também podem ser ampliadas para toda a vizinhança, entre aqueles com quem o morador mantém uma relação cordial e que passam por uma situação que requer a ajuda. Na Comunidade do Timbó são estabelecidas redes de apoio para indicação de empregos, entre outras variedades de apoio recíproco entre os moradores, que é intensificado entre aqueles que mentem uma relação afetiva estreita.

Essas redes de apoio são importantes no cotidiano da comunidade e na manutenção de famílias, mas com a situação da pandemia a importância dessas redes são evidenciadas, se apresentando como a assistência imediata – e muitas vezes única – para a sobrevivência familiar. Redes que buscam amenizar a falta de apoio e políticas públicas que preserve as pessoas em situações vulneráveis, exacerbadas pelo novo Coronavírus. Nesta direção, ao refletir sobre os direitos para as favelas e as periferias no Brasil durante o período da quarentena ocasionada pela pandemia, Jorge Barbosa (2020) chama atenção para os atores que atuam por uma agenda de proteção e assistência aos grupos sociais expostos à covid-19 e seus efeitos.

> As organizações da sociedade civil, profissionais de saúde e movimentos sociais populares precisam ser reconhecidos e afirmados como atores fundamentais para criação de uma ampla agenda de proteção e cuidados às populações e territórios mais vulneráveis aos danos (im)previsíveis da propagação do coronavírus. Essa agenda é urgente, assim como é a mobilização da solidariedade não só entre familiares e amigos, mas entre vizinhos, entre colegas de trabalho, entre pessoas que estão próximas e/ou distantes. São solidariedades horizontais que sempre se fizeram presentes no cotidiano das favelas e periferias e, agora, serão por demais decisivas para superar a tragédia que se avizinha. Vale lembrar, afinal, que em situações limites como a qual estamos lidando a Democracia ganha o sentido explícito de garantia do Direito à Vida (BARBOSA, 2020, p. 3).

As solidariedades horizontais que Barbosa aponta como presentes no cotidiano das favelas e periferias é compreendida na Comunidade do Timbó por meio das redes homofílicas (MARQUES e BICHIR, 2011) estabelecidas entre parentes e amigos. Estas redes, no entanto, não conseguem suprir a urgência de amparo às diversas famílias que estão com a manutenção familiar ameada pela pandemia, responsável por agravar as situações de vulnerabilidade. De modo que as solidariedades horizontais, constituídas na dimensão das relações pessoais baseada no conhecimento e no vínculo afetivo entre as pessoas, são complementadas pelas solidariedades verticais, que se configuram a partir de redes de apoio impessoais ou que não necessariamente se pautam no conhecimento mútuo entre as pessoas.

A solidariedade vertical, refletindo a termologia acionada por Barbosa, ilustra a importância das iniciativas solidárias que constroem redes de apoio necessárias pela ausência da atuação do Estado nas comunidades, favelas e periferias. Nessas iniciativas são

sistematizadas a atuação de grupos de moradores, de líderes comunitários, de igrejas e de Ongs na buscar de prestar assistência aos moradores através de campanhas de arrecadação monetária, de alimentos e materiais de higiene.

A consideração da necessidade de prestar assistência aos mais vulneráveis foi um dos motivos para a criação do projeto Jovens Solidários – JS, por jovens moradores da comunidade que estudam na Escola Cidadão Integral Francisca Ascensão Cunha – ECI FAC. Projeto que atua em parceria com a AJA, a ECI FAC, o Meu Timbó e o Levante Popular da Juventude Paraíba para arrecadar alimentos a serem destinados às famílias da Comunidade do Timbó que estão sendo atingidas pela pandemia da covid-19. A doação monetária é realizada por meio de uma *vaquinha* online e a doação de alimentos é coletada na ECI FAC, onde também são montadas as cestas básicas para distribuição da comunidade.

Esta campanha de arrecadação e distribuição de cestas básicas para as famílias afetadas pela covid-19 é empreendida em parceria, no mesmo dia de distribuição é realizada ações de panfletagem para a prevenção ao vírus.A campanha iniciada pelos JS já beneficiou mais de 100 famílias da Comunidade do Timbó e continua com os pedidos de incentivo à solidariedade no apoio aos mais necessitados, com acréscimo de doações de livros infantis para as crianças.

A lógica da solidariedade é o elemento que surge como central na busca pela cooperação aos grupos vulneráveis – quilombolas, ciganos, pessoas em condição de rua, moradores de comunidades e periferias urbanas, entre outros. É o compromisso que envolve uma assistência social e moral de apoio a grupos ou causas em determinadas circunstâncias, se fazendo mais acentuada em situações limites como a atual pandemia do novo Coronavírus.

Nessa lógica também se desenvolve a campanha do Instituto Vem Cuidar de Mim, que busca prestar assistência as famílias da Comunidade do Timbó. O Instituto funciona dentro da comunidade e atende crianças e adolescentes, realizando um trabalho de educação infanto juvenil e incentivo a atividades lúdicas. Empreende uma campanha de arrecadação de alimentos, de material de higiene e de dinheiro para a compra e distribuição de cestas básicas quinzenais para as famílias atendidas pelo Instituto, com o objetivo de auxiliar na manutenção familiar desses moradores em área e condição de vulnerabilidade social.

Há, também, as campanhas de assistencialismo prestadas pelas igrejas situadas na Comunidade do Timbó, que já realizava essa ação mensalmente para alguns moradores considerados em situação vulnerável. A Capela Santo Antônio, por exemplo, é uma capela que possui uma campanha de arrecadação de alimentos para as famílias mais carentes do Timbó, distribuindo em média 100 cestas básicas. A Capela arrecada alimentos em dias específicos da semana, contando com a contribuição, principalmente, dos moradores da comunidade e dos frequentadores da igreja Menino Jesus de Praga, localizada no bairro dos Bancários, para obtenção dos alimentos. A Figura 02, abaixo, sistematiza o cartaz das três campanhas.

As três campanhas supracitadas, algumas motivadas para o enfrentamento aos efeitos da pandemia – como a iniciativa dos JS e a campanha do Instituto – e outras já realizadas corriqueiramente na comunidade – como as cestas básicas distribuídas pela Capela –, contribuem para auxiliar um número maior de moradores da Comunidade do Timbó, apesar da assistência prestada não conseguir beneficiar a todos em situação de vulnerabilidade acentuada pela covid-19.

Neste sentido, é um conjunto de atores e organizações que atuam com iniciativas solidárias de atendimento as famílias mais vulnerabilizadas na pandemia do covid-19. Estimulando o isolamento social para aqueles que podem ficar em casa e manter o distanciamento, estes atores e organizações buscam construir medidas de apoio aos moradores carentes da comunidade através de uma rede de solidariedade que pretende auxiliar a manutenção familiar daqueles que estão mais expostos aos riscos – sanitários, econômicos e sociais – da pandemia do novo Coronavírus.

Figura 2 – Campanhas divulgadas no Instagram para arrecadação e distribuição de cestas básicas para famílias da Comunidade do Timbó.
Fonte: Figuras retiradas do perfil Jovens Solidários, Instituto Vem Cuidar de Mim e Capela Santo Antônio, respectivamente.

A principal medida é a distribuição de cestas básicas com alimentos e produtos para a higiene pessoal e familiar, que recebe o apoio de organizações e de uma parcela da sociedade civil. Mas também realiza a distribuição de máscaras doadas para que as

famílias da comunidade possam se proteger ao sair de casa, apesar de encontrar situações em que é preciso compartilhar uma máscara para toda a família.

A estratégia baseada em redes de apoio e solidariedade objetiva circular informações e fornecer recursos complementares para o enfrentamento dos efeitos da covid-19 na Comunidade do Timbó, que é um em espaço urbano na cidade de João Pessoa que experiencia uma condição de vulnerabilidade socioeconômica desde o início desse aglomerado subnormal, no final dos anos de 1970. No entanto, vale ressaltar que tais estratégias visam amenizar o agravamento das condições de vulnerabilidades dos moradores da comunidade, mas não são suficientes e necessitam de uma ação efetiva e eficiente do Estado para garantir a sobrevivência e a proteção desses grupos sociais historicamente vulneráveis.

Considerações finais

A crise ocasionada pela pandemia ressalta a desigualdade social, com grupos historicamente submetidos à processos de vulnerabilização e de segregação socioespacial, estando mais expostos as adversidades resultadas pelo novo Coronavírus por não possuir acesso à moradia adequada, ao saneamento básico, a políticas públicas que atendam as situações de vulnerabilidade, como a manutenção de uma renda básica para a subsistência. Na cidade, esses grupos geralmente ocupam as periferias, as comunidades, as ocupações urbanas ou estão em situação de rua, de modo que certas medidas básicas para a prevenção à covid-19 são inviáveis à esses grupos, seja pela alta densidade populacional, pelo não acesso a água encanada, pela falta de saneamento ou por não possuir uma renda básica para a sobrevivência pessoal e familiar.

Nesta circunstância as recomendações e medidas de prevenção são insuficientes, não garantindo a proteção da população vulnerável, como os moradores da Comunidade do Timbó, que constroem alternativas que se adequam a condição local para enfrentar a covid-19. Uma dessas alternativas foi a ação de informação e conscientização dos moradores sobre os efeitos do novo Coronavírus, com o objetivo de estimular a adoção da medida de isolamento social, suspendendo temporariamente relações corriqueiras que caracterizam a sociabilidade local, baseada na intensa pessoalidade.

A identificação de baixa adesão a medida de isolamento social foi associada ao pouco acesso à informação, por parte dos moradores, sobre as consequências que o vírus acarreta para esta parcela da população. De modo que um grupo de moradores se organizou para atuar na frente de prevenção e enfrentamento a covid-19 desenvolvendo ações informativas nas redes sociais para alertar aos moradores sobre a importância de praticar o isolamento, por aqueles que podem ficar em casa, para proteger a si e aos outros, freando a disseminação do vírus.

A baixa adesão ao isolamento social também é indicada pelo contraste que esta medida ocasiona no cotidiano da comunidade, onde impera as relações pessoais exercitadas no uso das calçadas, da rua, do comércio, dos locais de lazer e das visitas aos amigos. O encontro ao outro é corriqueiro na sociabilidade da Comunidade do Timbó, que fomenta a proximidade física e social entre os moradores, dificultando a suspensão temporária dessas relações para a adoção do isolamento.

Esta medida, no entanto, tem baixa adesão não apenas por se chocar com a forma de sociabilidade local, mas principalmente pela condição de vulnerabilidade ao qual os moradores estão sujeitos,

com habitações com grande número de pessoas, condições precárias de trabalho, desemprego e desenvolver um trabalho informal. A falta de assistência social do Estado para preservar esses grupos sociais vulneráveis e diminuir o agravamento de suas condições contribui para a acentuação da exposição dessa parcela da população ao vírus e suas adversidades.

Onde o Estado não chega de forma efetiva, é preciso estratégias complementares para a preservação desses grupos, como a criação de iniciativas solidárias para formar redes de apoio para a sobrevivência pessoal e familiar daqueles mais necessitados, que sentem de forma intensa os efeitos da covid-19. As campanhas de arrecadação e distribuição de cestas básicas para as famílias vulneráveis da Comunidade do Timbó se torna a única iniciativa de assistência para complementar e, na maioria dos casos, fornecer o material básico de subsistência, a alimentação.

As iniciativas solidárias que movimentam as redes de apoio, apesar de importantes, não são suficientes para garantir a manutenção familiar dos moradores. É preciso que o Estado desempenhe seu papel de garantir o direito à uma moradia adequada, a uma renda básica para a subsistência dos cidadãos, a saúde e a educação pública de qualidade e a informação.No contexto de crise intensificada pela pandemia do novo Coronavírus, para prevenir e enfrentar a covid-19 o Estado deve fornecer recursos necessários de acesso a serviços e equipamentos de alimentação e higienização e de auxílio financeiro à população de baixa renda. As recomendações e medidas tomadas pela Administração Pública – nas esferas municipal, estadual e federal – precisam ser acompanhadas de recursos complementares para o enfrentamento da pandemia entre os grupos sociais vulneráveis, de modo a considerar as diversas realidades – desiguais – que existem no país.

Referências

ACMVT – Associação Comunitária dos Moradores do Vale do Timbó. **Contextualizando a Comunidade do Timbó (Censo 2015-2016).** João Pessoa, 2016.

BARBOSA, Raoni Borges. **Medos Corriqueiros e Vergonha Cotidiana:** Um estudo em Antropologia das Emoções. Recife: Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, Coleção Cadernos do GREM, v. 8, 2015.

BARBOSA, Jorge Luiz. Por uma quarentena de direitos para as favelas e as periferias! **Espaço e Economia – Revista brasileira de geografia econômica**, ano IX, n. 17, p. 1-5, 2020.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Etnografias urbanas sobre pertença e medos na cidade:** Estudos em antropologia das emoções. Recife: Bagaço/ João Pessoa: Edições do GREM, Coleção Cadernos do GREM v. 11, 2017.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Os homens comuns pobres na expansão do núcleo urbano de João Pessoa, PB: a periferização da cidade. **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, v. 2, n. 5, p. 15-28, 2018a.

LEITE, Adriana Filgueira. O lugar: Duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geografia – UFRJ**, v. 21, p. 9-20, 1998.

MACEDO, Yuri Miguel; ORNELLAS, Joaquim Lemos; BOMFIM, Helder Freitas do. Covid-19 nas favelas e periferias brasileiras. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 4, p. 50-54, 2020.

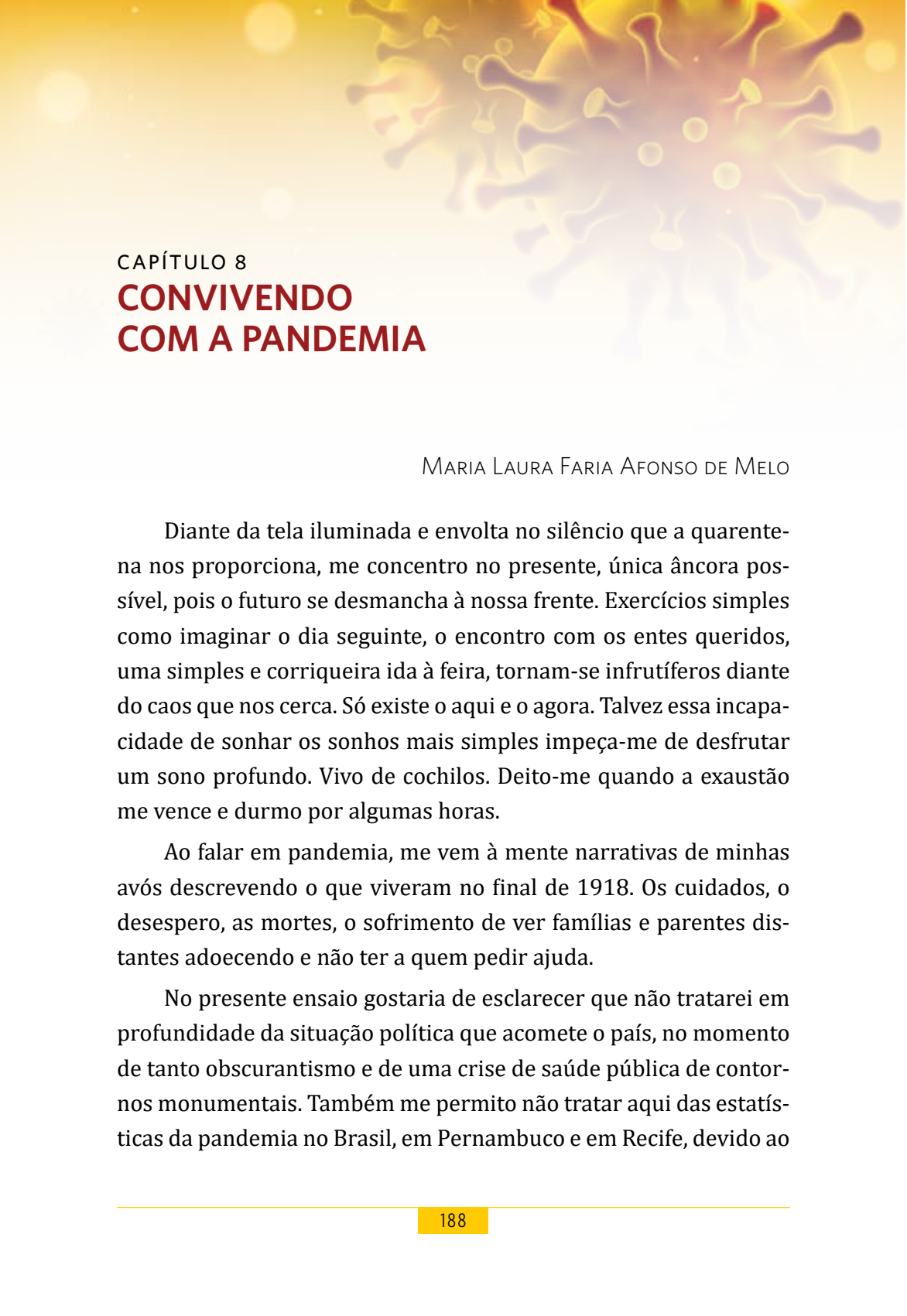
MACEDO, Yuri Miguel; ORNELLAS, Joaquim Lemos; BOMFIM, Helder Freitas do. COVID-19 no Brasil: O que se espera para população subalternizada? **Revista Encantar – Eduação, Cultura e Sociedade**, v. 2, p. 01-10, 2020a.

MARQUES, Eduardo et al. Redes sociais, pobreza e espaço em duas metrópoles brasileiras. In: Rosana Baeninger (Org.). **População e Cidades:** Subsídios para o planejamento e para as políticas sociais. Campinas: Núcleo de Estudos de População – NEPO/Unicamp; Brasília: UNFPA, p. 35-64, 2010.

MARQUES, Eduardo; BICHIR, Renata. Redes de apoio social no Rio de Janeiro e em São Paulo. **Novos Estudos**, n. 90, p.65-83, 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Covid19.** PainelCoronavírus. Acessado em 01 de abril de 2020. Disponível em: https://covid.saude.gov.br/.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde anuncia orientações para evitar a disseminação do coronavírus**. 13 de março de 2020. Acessado em 01 de maio de 2020. Disponível em: https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46540-saude-anuncia-orientacoes-para-evitar-a-disseminacao-do-coronavirus.

MOURA, Rafael Peçanha de. O Coronavírus e a denúncia das desigualdades contemporâneas a partir de um risco de alta consequência. **OSIRIS – Observatório do Risco**, p. 1-4, 2020.

PIRES, Roberto Rocha C. **Os efeitos sobre grupos sociais e territórios vulnerabilizados das medidas de enfrentamento à crise sanitária da covid-19**: Propostas para o aperfeiçoamento da ação pública. Brasília: Ipea, n. 33 Diest, p. 1-18, 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. **Luciano Cartaxo implanta 128 leitos contra a covid-19 e prorroga medidas de isolamento social em João Pessoa.** 30 de abril de 2020. Acessado em 01 de maio de 2020. Disponível em: http://www.joaopessoa.pb.gov.br/luciano-cartaxo-implanta-128-leitos-contra-a-covid-19-e-prorroga-medidas-de-isolamento-social-em-joao-pessoa/.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** A perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**, n. 11, 2012.

CAPÍTULO 8

CONVIVENDO COM A PANDEMIA

Maria Laura Faria Afonso de Melo

Diante da tela iluminada e envolta no silêncio que a quarentena nos proporciona, me concentro no presente, única âncora possível, pois o futuro se desmancha à nossa frente. Exercícios simples como imaginar o dia seguinte, o encontro com os entes queridos, uma simples e corriqueira ida à feira, tornam-se infrutíferos diante do caos que nos cerca. Só existe o aqui e o agora. Talvez essa incapacidade de sonhar os sonhos mais simples impeça-me de desfrutar um sono profundo. Vivo de cochilos. Deito-me quando a exaustão me vence e durmo por algumas horas.

Ao falar em pandemia, me vem à mente narrativas de minhas avós descrevendo o que viveram no final de 1918. Os cuidados, o desespero, as mortes, o sofrimento de ver famílias e parentes distantes adoecendo e não ter a quem pedir ajuda.

No presente ensaio gostaria de esclarecer que não tratarei em profundidade da situação política que acomete o país, no momento de tanto obscurantismo e de uma crise de saúde pública de contornos monumentais. Também me permito não tratar aqui das estatísticas da pandemia no Brasil, em Pernambuco e em Recife, devido ao

grau de incertezas que circundam as tarefas de testagens, notificações e registros dos dados em questão.

1918 – A gripe espanhola, relatos das zonas rurais e urbanas

A pandemia de 1918, que graçou pelo mundo a partir do início daquele ano, se estendeu até o final de 1920 e matou mais que a Primeira Guerra.

Ela aporta em Recife, em setembro de 1918, trazida pela tripulação adoecida do Vapor Piauhy. Rapidamente se espalha pela capital do Estado, mudando hábitos sociais e trazendo medo à população. Minha avó paterna, moradora de um subúrbio recifense, contava que em sua casa, ninguém se infectou, mas falava do medo, da mudança de hábitos, de não visitar nem receber visitas, do cheiro da creolina nas ruas e do quase deserto em que elas se tornaram.

Não lembro em suas narrativas de abordar o efeito da pandemia nos setores populares.

Quando penso em pandemia, lembro mais de minha avó materna descrevendo o que viveu no final de 1918, no Engenho Imprensa, área rural do município de Palmares. Os cuidados, o desespero, a morte dos empregados, o sofrimento de ver toda a família adoecer e não ter como socorrer e sem contar com auxílio médico. Esse era o ponto de vista da casa grande. Imagino como se desenrolava a situação nas pequenas e frágeis casas dos moradores – trabalhadores do campo e doméstico, que enterravam seus entes queridos em redes à falta de caixões, em cemitério na longe Palmares ou em alguma cova rasa mais próxima.

Dando uma busca no Google, chamou-me atenção, na época, a situação de esgotamento do cemitério de Santo Amaro, o maior

cemitério de Recife. A aglomeração de populares em suas portas para enterrar seus entes queridos.

O medo era o sentimento constante em todas as narrativas.

A covid-19 em Pernambuco – como reage a sociedade em Recife

Voltemos ao presente, ao aqui e agora, ao que a realidade nos apresenta. Desde o final de 2019 que nos chegam notícias alarmantes de uma nova doença. Desde a H1N1 que os centros de pesquisas e vigilância sanitária de organismos internacionais alertam para a chegada de uma pandemia. Os que governam o mundo, entretanto, desprezaram esses avisos e preferem alocar recursos em equipamentos bélicos.

Em 12 de março deste ano, a Secretaria de Saúde do Governo de Pernambuco noticia o registro dos dois primeiros casos da covid-19 em Recife. Um casal vindo da Itália, ela com 66 e ele com 71 anos, moradores de Boa Viagem, internados em hospital particular.

Surge logo em seguida, um terceiro caso: a empregada doméstica do casal, 47 anos, moradora do Bairro do Pina.

A imprensa oferece uma série de informações sobre o casal enquanto, que para a empregada doméstica, sabe-se apenas que foi atendida em unidade de saúde e encaminhada para o domicílio.

No dia 16 do mesmo mês já se registram 4 casos de transmissão local.

Em 22 de março entra em vigor o isolamento social em Pernambuco. Estabelecimentos de ensino suspendem funcionamento, comércio e serviços não essenciais paralisam atividades.

Recife parece uma cidade fantasma. O medo é palpável e se espraia por toda a Região Metropolitana.

A pandemia se alastra a passos largos e ruma para o interior do Estado, seguindo a via da BR 232, contaminando rapidamente Agreste e Sertão.

A população oscila entre o temor da nova doença e a banalização das informações, ora tomando medidas sanitárias por vezes desproporcionais, ora sem considerar as informações mais simples de higiene.

As pessoas se informam tanto pela televisão como pela internet, muitas vezes sem identificar o que é falso e o que é verdadeiro. Em parte, a desinformação se dá por ser um assunto novo e os vários protocolos mudam, como por exemplo, usar ou não usar máscaras, fazer ou não uso de luvas, guardar distância entre as pessoas. Muitas dessas informações demoraram mais de um mês para se obter um mínimo de consistência. Agreguem-se a isso, as gestões desencontradas do poder central.

Com o avanço da pandemia e as medidas de distanciamento social impostas, iniciam-se entre a população ações solidárias, tanto entre os grupos de classe média como em comunidades pobres. Também há iniciativas empresariais:

- Corona nas Periferias, pede, recolhe e distribui alimentos e materiais de limpeza e higiene pessoal;
- Estoque Solidário, analisa estoques de empresas e separa mercadorias para doação.

Há também grupos que se organizaram para produzir materiais para o setor de saúde, que enfrentam a carência de equipamentos de segurança, notadamente enfermagem e auxiliares, linha de frente no atendimento aos infectados:

- Jaleco Solidário;

- Máscaras Solidárias;
- Doe Máscaras;
- Face Shield (máscaras de acrílico), confecção e distribuição dessas máscaras; dentre tantos outros.

Há iniciativas mais pontuais, que exigem menos organização coletiva, tais como disponibilizar garrafas PET, contendo água e sabão, para moradores de rua, catadores de materiais recicláveis e garis. Doações de alimentos, materiais de higiene pessoal e de limpeza, iniciativa de moradores de condomínio, que colocam caixas coletoras para recebimento das doações.

Enquanto tudo isso ocorre em meio à quarentena, a classe média e setores da classe trabalhadora que ascendeu socialmente durante os governos Lula/Dilma, iniciam protestos sem aglomerações, quase sempre espontâneos uns, engrossados pela articulação nas redes sociais, outros, sob a forma de “panelaços”, como válvula de escape para a situação de falência institucional, caos social.

Entre a classe trabalhadora há o dilema entre morrer de fome ou morrer de covid-19. Na impossibilidade de colocar em prática o distanciamento social, por conta da precariedade habitacional e diante do dilema em exercer sua atividade profissional, por conta da informalidade do mercado de trabalho, as pessoas perambulam nas áreas de periferia.

Se de um lado, no início da quarentena, as ruas ficaram vazias, tanto no centro como nos bairros de predomínio da classe média, na periferia a vida transcorria como antes da pandemia.

Quando a covid-19 se alastra e começa a se a aproximar dos círculos sociais, atingindo parentes e amigos, as pessoas começam a tomar consciência da gravidade.

Aqui vale registrar a aprovação pelo Congresso Nacional do Auxílio Emergencial para Trabalhadores Informais, no valor de R$600,00.

Para ter acesso ao benefício é necessário que o solicitante não tenha vínculo empregatício formal há pelo menos um ano. O problema é como se habilitar. Para tanto é preciso ter um celular, baixar o aplicativo ou ir direto à uma agência da Caixa Econômica Federal.

Com a informalidade crescente promovida pela reforma trabalhista do Governo Federal, o número de pessoas habilitadas a receber o benefício é muito superior ao esperado. Muitas pessoas formam filas enormes às portas dos bancos, principalmente nas agências da Caixa Econômica, algumas por não ter familiaridade com o uso das ferramentas de acesso à rede bancária de forma remota, outras por necessitar de orientação para usar o aplicativo de acesso ao recurso. A acorrida e aglomeração de pessoas vão de encontro a tudo que é recomendado pela Organização Mundial de Saúde e pelo bom senso. Ruas e agências cheias, sem o distanciamento social recomendado, pessoas esperando em filas do lado de fora das agências, sob sol ou chuva, expõe ainda mais os mais necessitados que, para chegar ao banco precisou se deslocar a partir de casa, usando transporte público, muitas vezes lotado.

Enquanto a quarentena segue, até certo ponto, tranquila entre as pessoas com algum poder aquisitivo, as populações mais pobres e periféricas seguem mais vulneráveis ainda, até mesmo quando buscam um auxílio para fazer frente a toda a precariedade.

Redes sociais – uso pelas instituições e pelo público

As redes sociais têm prestado valioso auxílio no enfrentamento do isolamento social, principalmente para classe média, tanto

no que se refere à solicitação de serviços como à comunicação e informação. As operadoras de internet vêm enfrentado dificuldades para atender à demanda crescente. São serviços bancários, compras de supermercado, farmácias e educação a distância. Esse último promete a intensificação do uso. Os estabelecimentos de ensino privado que haviam antecipado as férias, começam a atuar de maneira remota, com o fim do recesso.

A rede estadual de escolas públicas não deu férias nem interrompeu as aulas, que seguiram oferecendo ensino remoto em diferentes plataformas – INSTAGRAM, GOOGLE, CLASSROOM, dentre outros.

É importante salientar que o abismo social tende a se alastrar ainda mais. As crianças da rede pública, notadamente alunos do fundamental, já prejudicadas pela supressão da vida escolar, enfrentam a perda do ano letivo, sem perspectiva de compensação para superação.

Um fato que me chamou atenção é o uso dos meios virtuais por parte dos jovens – final da adolescência e início da vida adulta – para aprofundar relações de amizade e buscar o autoconhecimento, até mesmo iniciar relações amorosas. Não ao acaso, mas buscada, como forma de minimizar a falta dos contatos sociais que ocorriam nas festas, shows e baladas.

É também através da internet que a Região Nordeste vem instrumentalizando, de forma conjunta, reação prática de oposição ao governo central.

Abro aqui um parêntese para deixar claro que não irei me deter em analisar mais profundamente a questão política pela qual passa o país. O tema é por demais complexo e precisaria de tempo e espaço para explorá-lo devidamente.

Situemos apenas as dificuldades que os governos estaduais dos nove estados que compõem a Região Nordeste enfrentam desde a posse do presidente eleito em 2018.

É nessa perspectiva que em março de 2019 os entes federativos dessa região criaram o CONSÓRCIO NORDESTE. A figura do consórcio público está prevista na Constituição de 1988 e já vem sendo largamente utilizada no âmbito dos municípios.

Criado como ferramenta para atrair investimentos e alavancar projetos de forma integrada para a região, se propõe a ser uma instância de articulação de interesses comuns, incluindo o diálogo com o Planalto e com o Congresso Nacional. Constitui-se, pois um instrumento jurídico de integração.

Dentre as primeiras ações destacam-se a criação de Central de Compras e início programa de formação de médicos, com a finalidade de suprir necessidades deixadas pela extinção do MAIS MÉDICOS.

Com a pandemia aportando na região, em março de 2020, o Consórcio Nordeste cria o Comitê Científico, coordenado pelo cientista Miguel Nicolelis e pelo físico e ex-ministro Sérgio Rezende e integrado por médicos, cientistas, físicos e pesquisadores.

Já em abril o Comitê cria a Brigada Emergencial de Saúde do Nordeste – Brigada SUS/NE. Ela agrega estudantes de graduação, médicos brasileiros formados no exterior e voluntários para atuar na promoção, prevenção e assistência à saúde da população afetada pela pandemia.

Passo importante no monitoramento da pandemia é o aplicativo MONITORA covid-19, instrumento do Consórcio Nordeste/Comitê Científico. Criado para agilizar, qualificar e monitorar os casos confirmados, suspeitos e em isolamento domiciliar de coronavirus, esse instrumento e a plataforma web de atendimento constituem

uma sala de situação com a função de apoiar a gestão municipal no monitoramento de forma mais eficaz e dinâmica.

O aplicativo ainda possibilita ao paciente acessar a localização das unidades de urgência mais próxima de sua residência. Além disso, disponibiliza informações sobre medidas preventivas e orientações sobre cuidados no isolamento domiciliar.

Há ainda na web vários outros aplicativos, alguns de prefeituras, como é o caso da Prefeitura do Recife, em parceria com o Governo do Estado de Pernambuco. É o "Atende em casa – covid-19". A plataforma pode ser acessada por meio de aplicativo, que atende a aparelhos celulares com IOS e Android.

Por ele também é possível uma classificação de risco do paciente e, se possível, realizar vídeo chamada.

É flagrante a diferença do avanço da informação como instrumento de contenção da doença, se comparamos o momento atual da pandemia no mundo com o ocorrido com a epidemia da H1N1. O que é desolador é que os governos no mundo inteiro não exerceram uma governança apoiada nessa ferramenta tão importante. No caso brasileiro o cenário se agrava ainda mais por não se ter uma centralidade nas medidas sanitárias adequadas.

Tentando entender o comportamento da sociedade

É interessante observar as reações das pessoas diante da quarentena prolongada e sem uma perspectiva palpável do tempo que ainda resta até a suspensão desse distanciamento social. Como também estou confinada, a minha observação fica comprometida, uma vez que, limito-me a partilhar o que se desenrola nas redes sociais. É um caleidoscópio interessante, mas bastante limitante,

uma vez que restringe o olhar a um prisma do que as pessoas resolvem demonstrar espontaneamente, apresentando uma face apenas do que presumimos ser a vida real. Para superar essa limitação procurei entrevistar via celular algumas pessoas, fora do meu ciclo mais próximo. São porteiros, enfermeiras, cuidadoras, cozinheiros e empregadas domésticas aqui ouvidos.

O comportamento aparente da classe média

Ao me debruçar sobre tais manifestações de pessoas de classe média nas redes sociais, o que mais chama a atenção é o cansaço e o tédio, de homens e mulheres, frente as tarefas domésticas. Em alguns casos, essas pessoas estão sem trabalhar ou estão trabalhando remotamente. Para muitos, é a primeira vez que se vêm às voltas com o mundo doméstico, não apenas relativo às tarefas corriqueiras – cozinhar, limpar, cuidar da roupa e das crianças – mas também outros encargos (como se relacionar com entregador de água mineral e gás, relação com funcionários do condomínio e outros prestadores de serviço). Ficou clara a importância dos serviços executados pelas empregadas domésticas à maioria das famílias de classe média, mesmo àqueles prestados por diaristas. Algumas pessoas já admitem a importância desses servidores no quotidiano familiar. Outros não. Estas últimas são as que mais reclamam.

É importante registrar a tendência entre muitas famílias de continuarem a pagar às pessoas que prestavam serviços domésticos, liberando-as para o recolhimento a suas casas durante a quarentena, inclusive àquelas, cujos serviços eram executados com frequência semanal.

Com relação às pessoas que têm filhos pequenos, esse sentimento de cansaço e tédio se amplia, pois precisam dedicar um

tempo extra aos pequenos que requerem dose extra de paciência. Saliente-se que o medo da contaminação é uma constante também nas relações familiares.

Ao tratar com os idosos não fica claro como esses cuidados estão acontecendo, a não ser àqueles com mais de 60 anos que continuam ativos, tanto no mercado de trabalho, executando trabalho remoto, como na relação afetiva, política e de amizade nas redes sociais. Muitos desses, que moram sós, parecem estar suportando melhor a quarentena. Em alguns casos criaram suas próprias redes de proteção, estreitando e intensificando as comunicações diárias entre si, sobretudo com a troca de mensagens diárias para obter informações sobre a saúde física e mental dos integrantes desses grupos.

Os rituais para as saídas necessárias e para o retorno ao lar são um outro motivo de estresse, provocado, na maioria das vezes, pela insegurança relativa ao possível contágio e pela pouca importância que uma parte da população dedica ao assunto, com as quais, ao sair estão sujeitas a manter algum contato.

Com o hábito adquirido no isolamento social, aos poucos, as mudanças viram rotina e algumas pessoas relaxam a quarentena. É preciso levar em conta o comportamento do Presidente da República, frontalmente contrário às medidas do isolamento, estimulando uma parcela da população a repetir suas ações.

Registre-se aqui as tentativas infrutíferas de grupos que apóiam o governo federal de realizarem manifestações em apoio ao presidente. Em Pernambuco, o Governo do Estado coibiu com firmeza essas iniciativas. É interessante notar que eram "*carreatas*", com "*buzinaços*", cujos ocupantes dos automóveis usavam máscaras e não desciam dos veículos. Com megafones convocavam a

população a voltar ao trabalho. De imediato a polícia dispersou a movimentação, com ameaça de prisão e de recolhimento dos veículos.

A falta de empatia dessas pessoas com seus semelhantes é chocante. Não consideram que aqueles a quem convocam para voltar aos postos de trabalho estarão ainda mais sujeitos à contaminação do novo Corona vírus.

Como se comportam os trabalhadores

Em conversa telefônica mantida com Walter, zelador de um condomínio, ele me relata o que mudou em sua vida após a pandemia. Sai de casa às 5:30 da manhã, leva consigo, quatro máscaras e álcool gel, além da marmita, preparada por Rosa, sua companheira. Toma um ônibus, pega o metrô e mais um outro ônibus. Como o percurso é longo, ele precisa das quatro máscaras, duas para ir e duas para voltar para casa. O medo da contaminação é constante em sua narrativa. Ao chegar ao trabalho precisa tomar banho para começar sua jornada. Na hora de retornar para o domicílio, além dos dois ônibus e do metrô, como mora num alto e já está muito cansado, pega um moto taxi. Não pode usar capacete, pois a polícia do município onde mora, na Região Metropolitana do Recife, não permite, por motivo dos constantes assaltos.

Com relação ao trabalho em si, Walter me informa que o chefe dele resolveu estabelecer um sistema de rodízio, em dias alternados, mas com uma pequena extensão do horário. Provavelmente para diminuir o número de deslocamentos dos funcionários.

Ao chegar em casa, deixa os sapatos do lado de fora, depois de buscar água para tomar banho, pois o local não possui rede de abastecimento.

Sua companheira, Rosa, que fazia várias faxinas no condomínio onde Walter trabalha, foi dispensada por alguns contratantes embora outros continuem a pagá-la mesmo sem ter que trabalhar.

Indagado sobre como fazem para se abastecer, ele reclama dos preços e diz que a feira onde comprava foi suspensa. No sábado tem que caminhar para fazer compras um pouco mais longe. Perguntei se ele tem conhecimento de casos da doença na vizinhança de sua casa, não soube dizer. Informou-me apenas que o município registrou 8 casos até agora. Procurei a informação no site da prefeitura local e a informação confere com a oferecida por ele. Em parte, isso se deve a proximidade de Recife, para onde os casos suspeitos são, em sua maioria, removidos e a estatística é contabilizada no local onde a pessoa foi atendida. A questão da sub notificação é um problema para os gestores da saúde.

Quando se compara as dificuldades enfrentadas por trabalhadores e trabalhadoras como Walter e Rosa, aos que estão enfrentando a pandemia em suas casas, com geladeira e dispensa abastecidas, carro na garagem, salário, conta em banco, planos de saúde, filhos em escola, percebe-se o abismo social que os separam.

Também em conversa telefônica com Regina, cuidadora de idosos, com curso de auxiliar de enfermagem, pergunto o que mudou em sua vida desde o início da quarentena. Medo! É a primeira palavra que ela pronuncia. Morando em Casa Amarela, populoso bairro da Zona Norte do Recife, que agrega áreas de classe média, outras ocupadas por trabalhadores “remediados” e trechos nas encostas dos morros, cuja ocupação desordenada oferece riscos de desabamento, ela atualmente trabalha em uma casa de repouso para idosos situada em Campo Grande, também na Zona Norte. Para ir ao trabalho precisa tomar dois ônibus ou caminhar até uma área mais

central e usar apenas uma passagem. Em tempos de pandemia está usando o aplicativo UBER, para não enfrentar coletivos lotados durante seus deslocamentos.

Sai de casa levando uma máscara de proteção, álcool gel e sua marmita. Como o trabalho é um ambiente constantemente fiscalizado pela Vigilância Sanitária, o estabelecimento adotou regras rígidas para seus funcionários e para outros prestadores de serviço. Também ficaram proibidas visitas de familiares aos internos na casa de repouso. Logo ao chegar, os funcionários cumprem um novo e rigoroso ritual: passam os calçados em uma solução de água sanitária, retiram dos pés e, imediatamente seguem para tomar banho e trocar a roupa e se paramentar para iniciar suas jornadas. O uso de máscaras e luvas é obrigatório. Com a chegada da covid-19, os pacientes estão ficando isolados em seus aposentos durante todo o dia, sem poder fazer uso das áreas comuns. Até o final da última semana de abril ainda não havia nenhum idoso contaminado. Nos primeiros dias de maio uma paciente foi internada com suspeita da doença. Foi direto para UTI e veio a falecer.

Regina relata os cuidados adotados ao chegar em casa, como deixar sapatos do lado de fora do pequeno apartamento, situado na subida do Morro da Conceição, seguir direto para o banho e colocar as roupas na máquina de lavar.

Sua mãe, também é cuidadora de idosos, mas, por já passar dos 60 anos, está em isolamento social, em sua casa, conservando o salário intacto. Perguntada como ela estava reagindo e se estava cumprindo com rigor a quarentena, informou-me que está querendo voltar a trabalhar, embora esteja seguindo todas as orientações. Com relação ao abastecimento, Regina informou que deixa para ela a feira na porta, para que não precisa sair.

Regina, que está na faixa etária entre os 30 e 35 anos, segue falando de seus medos e já demonstra claramente sinais visíveis de estresse, relatando dificuldade para dormir e se sente assustada quando está na rua.

Procurei saber se tem informações de casos da covid-19 nas proximidades de sua residência, informou-me que ainda não soube de nenhum, entretanto relatou que está havendo um surto de dengue na vizinhança.

Através de Regina, conversei também por telefone, com Helena, que também trabalha como cuidadora, embora de outra forma. Após cuidar durante alguns anos de um idoso que veio a falecer, atualmente trabalha como folguista de cuidadora e presta outros serviços no mesmo estabelecimento em que Regina trabalha e onde estava internado o idoso já referido.

Helena tem uma peculiaridade na vida: tinha sob sua responsabilidade duas irmãs interditas. A primeira, com graves problemas mentais e neurológicos, veio a falecer há cerca de um ano e meio. A outra, com problema motor, encontra-se atualmente acamada. Para Helena trabalhar, precisa contratar uma pessoa que ajude nos cuidados com sua irmã. Morando no Alto da Conquista, na periferia de Olinda, precisa utilizar dois transportes para chegar ao trabalho. Perguntada sobre quais as mudanças em sua vida acarretadas com a pandemia, iniciou seu relato explicando que os idosos que estão sob seus cuidados só necessitam de sua presença em dias alternados. Esse trabalho é contratado pela família do cliente e é um suporte, pois a casa já presta os cuidados mais gerais com os internados. Com isso sua renda caiu, o que a obriga a buscar outras fontes de renda. Sua rotina é semelhante às descritas por Regina, divergindo apenas na frequência de deslocamentos.

Para driblar os ônibus lotados ela aguarda por outro que venha em seguida. Também fala do temor em se expor em vias públicas. Narra ainda que já precisou enfrentar as filas da Caixa Econômica para receber o auxílio dado pelo governo. Segue uma rotina rigorosa relativa à higiene por conta da covid-19, reforça ainda os cuidados especiais com alimentação de toda a família, especialmente no que se refere a essa irmã acamada. Busca constantemente na internet receitas caseiras para aumentar a imunidade.

Seu maior temor é o contágio e a possibilidade mais próxima de óbito pelo vírus. Sente-se ansiosa e estressada com o filho adolescente que sai e encontra os amigos quando ela não está em casa.

Helena se sente dividida diante do paradoxo entre os cuidados oferecidos à sua irmã e os dispensados aos internados na casa de repouso, embora, no caso de sua irmã haja uma vantagem, está rodeada pela família, enquanto que, os internados encontram-se privados de visitas de seus entes queridos e do afeto por eles dispensado.

Alguns idosos e idosas, que ainda estão com sua capacidade mental preservadas, conectam-se com as famílias através de vídeo chamada, o que proporciona algum conforto afetivo aos mesmos.

De todos os trabalhadores, assalariados ou autônomos, com que conversei, a situação das empregadas domésticas, talvez seja o grupo que mais enfrenta modificações de suas rotinas. Muitas foram dispensadas informalmente e continuam a receber os salários, podendo cumprir a quarentena em suas residências. Outras, que tinham registro em carteira de trabalho, os patrões deram baixa nesse documento, fazendo com que tenham acesso ao benefício do governo. Esse grupo também está cumprindo o isolamento social.

Há ainda um outro grupo que, a despeito das orientações dos serviços de saúde, continuam trabalhando. Algumas em regime

diferente do anterior, limitando-se a ir aos locais de trabalho alguns dias da semana ou concentrando suas tarefas em dois ou três dias, fazendo com que se desliguem de suas famílias nesse período, pois pernoitam nas residências do contratante. Para esses casos, os deslocamentos se dão em frotas de aplicativos, bancados pelos patrões.

Em conversa mantida com uma profissional do serviço doméstico, Maria de Jesus, que mora em Condado, município da Mata Norte, situado nas bordas da Região Metropolitana do Recife, ela registra como principal sentimento sobre a pandemia, o medo. Sobre sua rotina, comparada a vida normal que levava anteriormente, a maior modificação é o tempo que leva em casa, sem ter muito que fazer. Com filhos criados, em casa, só com o marido, o ócio forçado, aliado aos temores de contaminação, eleva o estresse e prejudicam o sono. Frequentemente acorda por volta das três horas da manhã e não consegue ficar deitada. Arma a rede no quintal e se deixa ficar ali, até o dia raiar, quando se levanta e faz uma caminhada.

Com relação aos cuidados para manter a covid-19 afastada, ela revela que toma todas as recomendações exceto quanto ao uso de máscaras. Ao colocá-la, entra em pânico, sente falta de ar e ânsia de vômito. Já tentou diversas vezes e estes sintomas sempre voltam. Resolveu não mais fazer uso, até mesmo quando precisa ir à Lotérica para fazer pagamentos ou fazer outras operações bancárias.

Ao perguntar como a pandemia caminha no município, informou-me que já ocorreram várias mortes de pessoas conhecidas. Em sua família, sua cunhada que trabalha no IMIP, em Recife, foi diagnosticada e está cumprindo isolamento rigoroso em casa.

Sua angústia e estresse causados pelas mudanças de rotina, medo, falta vida mais ativa, além da impossibilidade desfrutar de uma vida social como levava anteriormente, levaram a elevação de peso e por isso continua a fazer suas caminhadas.

O comportamento dos jovens adultos

Em conversa com grupo de jovens adultos de classe média, em início de vida profissional, podemos verificar que o nível de ansiedade e medo é constante, tal qual entre as demais pessoas com que tive contato e registrei aqui anteriormente, independente de classe social. O que difere e se agudiza é ansiedade provocada pelo isolamento da quarentena. Acostumados a levar uma vida de liberdade, circular entre trabalho, vida social agitada, festas, encontros em bares e shows, se vêm tolhidos e estão sem conseguir vislumbrar o fim da pandemia. Sentem-se angustiados em viver o aqui e o agora. Quase todos trabalhando em casa, usando a internet. Alguns acham que a geração anterior se estressa menos pois estão acostumados a ficar em casa, saindo pouco à noite.

De forma geral, todos se queixam de dificuldade em conciliar o sono e ter um repouso regular, tanto em horas dormidas como em relação à qualidade, dificuldade de concentração para leitura ou para acompanhar uma narrativa no cinema ou na TV.

Em conversa com Carina, 26 anos, comunicadora social, sem emprego formal, que atuava profissionalmente no ramo do entretenimento, expressa o seu temor pela Covid19 – contaminação sua e de seus entes queridos e a possibilidade da morte. Com relação à rotina, que já era pouco comum por não ter horário fixo de trabalho, no momento tenta estabelecer algum roteiro diário, guiada, não pelo relógio, mas pelo sol. Acorda às 8 horas da manhã, quando o dia clareia seu quarto. Relata dificuldade em conciliar o sono, mas vem lutando para se deitar ao final da noite e não entrar pela madrugada. Faz contatos via redes sociais com seus grupos de amizade, vê filmes e busca informações recentes sobre suas áreas de interesse profissional.

Um relato interessante é a percepção do quanto de supérfluo que tinha em sua volta e que se mostram perfeitamente dispensáveis. Quase todos esses jovens foram movidos intensamente pela necessidade de consumir: roupas, bolsas, sapatos, eletrônicos, viagens, shows etc.

Ela relata que se sente como um pássaro engaiolado, sem liberdade de escolha, sem perspectiva, sem antever um final para além da pandemia.

Através de Carina, conversei com Ilca, jovem publicitária, que atualmente desenvolve seu trabalho a partir de casa, mantendo o vínculo empregatício, embora com sensível redução do salário. Fala da dificuldade em desenvolver e estabelecer rotina para trabalhar em casa, sem a obrigatoriedade do horário imposto no sistema anterior, antes da pandemia. Com relação aos perigos de contaminação, revela ansiedade consigo e com familiares mais próximos, o pavor da perda de entes queridos e o distanciamento de pessoas de sua relação. Revela ainda, traço comum entre as pessoas de sua geração, dificuldade de dormir profundamente, assim como de se concentrar, a impossibilidade de sair e encontrar pessoas de suas relações. Revela que está fazendo uso de medicação para dormir.

A falta de vida social é outra queixa. Tem um relacionamento estável com uma pessoa, mas não moram juntos. Isso é motivo do distanciamento entre ambos, causando sofrimento afetivo, ampliando o sentimento de solidão. Por causa da quarentena estão isolados na casa dos respectivos pais. Com relação ao lazer, tenta substituir a falta de shows e festas, buscando por lives e espetáculos disponíveis em redes sociais.

Ainda nessa faixa etária, conversei com José Manoel, profissional da área de gastronomia, que já vinha com dificuldade em se

inserir no mercado formal. Para driblar a situação, oferecia seu trabalho para eventos particulares e vinha formando uma clientela entre pessoas de classe média alta, que habitualmente recebiam seus pares para jantares e festas de aniversário. Com a pandemia e o distanciamento social, a clientela recuou. Atualmente está tentando se colocar no mercado, oferecendo seus serviços via internet, com produtos sob encomenda. Recebe também o auxílio de R$ 600,00, oferecido pelo governo.

Com uma formação religiosa que remonta a sua infância, ele fala da tristeza que sente ao pensar nas pessoas sem teto e naquelas cujas condições de habitação dificultam o isolamento social. O medo também está presente em sua fala. O temor da contaminação quando precisa ir à rua, ao cruzar com outras pessoas, ou ao se dirigir a um supermercado. Não descuida da higiene ao sair e ao chegar em casa, assim como na rua. Sem antever uma perspectiva futura, no momento cogita voltar a morar com a família, no interior do estado.

A fala de um jovem professor de história da rede pública

Para Cássio, o jovem professor de História da rede estadual de educação, a pandemia, do ponto de vista pessoal, mudou drasticamente sua vida, seja na forma de se relacionar, seja na forma de trabalhar ou de gerir seu tempo. “O livre arbítrio não parece ser uma dádiva se lembrarmos que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso pelo fato de terem exercido sua própria vontade perante Deus. O fardo do ter tempo livre é mais duro do que pensava. Mistura-se a isso uma estranha culpa por não funcionar como nos tempos pré covid-19”, diz.

Segue trabalhando à distância e salientando a dificuldade que sua profissão de professor de escola pública encontra ao trabalhar

com ferramentas de ensino à distância, seja pela falta familiaridade com essa modalidade e pela falta de formação que lhe foi oferecida na academia, seja pelo perfil dos seus alunos que, em sua maioria não tem acesso fácil à internet ou computadores, comprometendo ainda mais o ano letivo e aumentando mais, a já abissal defasagem de ensino público em comparação com rede de escolas particulares. Diante de tudo isso defende com veemência o adiamento do ENEM 2020.

Ainda sobre o trabalho, pela primeira vez Cássio relata que, de fato, tem tempo para estudar, pesquisar, preparar aulas e repensar suas estratégias didáticas, o que na vida dos docentes brasileiros, em situação normal, é algo bastante raro. Sua nova rotina agora baseia-se em estudar um pouco todo dia, mas também dedicar tempo ao ócio produtivo. “Conversar um pouco com meu violão, ver todos os filmes que nunca tive tempo de fazê-lo, colocar as séries exibidas na TV em dia, ler meus livros que há tempos estavam me esperando na estante, tentar fazer aquela receita que sempre postergava por não ter tempo. Nunca tive tanto empenho em cozinhar mais e comer mais saudável e, comer pizza congelada não está sendo mais uma desculpa por conta do relógio. Porém não nego que em alguns momentos o peso da culpa de não estar produzindo ‘algo de fato’ me consome”.

Para aliviar a ansiedade que assola cada vez mais a sua geração, acostumada a querer resultados imediatos, tenta manter uma rotina de fazer exercícios físicos em casa. A minha sala praticamente virou uma academia de ginástica.

Confessa sentir falta de várias rotinas, como a liberdade de ficar em casa por escolha e não por obrigação, dos passeios de bicicleta pelas noites do Recife, dos bares cheios, de comer como um rei

e celebrar as festas populares, de ver o seu Santa Cruz, do bairro do Arruda, perdendo ou ganhando, e o mais querido me fazendo sofrer pro bem e o pro mal, dos amores que teve e dos que nunca teve a chance de ter. “Quando lembro que pessoas estão morrendo e famílias sofrendo, ponho na minha cabeça que isso algum dia irá passar e mais rápido ainda se eu fizer a minha parte estando em casa.”

Quebrando a cultural: o sopro que aliviava a sociedade

Dentre os setores econômicos mais afetados, gostaria de me deter nos grupos que atuam nas áreas de eventos, produção cultural e artes, de uma forma geral. Esse grupo já vinha sofrendo com frequentes cortes no orçamento do governo federal, desde a derrubada da gestão Dilma Roussef.

Essas áreas atingem também, por tabela, todo o setor de Turismo, que impulsiona parte da economia nordestina. Cultura, arte, eventos, manifestações culturais, que têm um calendário anual, são destroçados pela covid-19 e não estão no foco dos órgãos federais e estaduais para receber o auxílio necessário. Provavelmente o setor hoteleiro poderá vir a receber alguma ajuda do Governo Federal, como estão pleiteando. Por ser mais organizado e de poder econômico maior tem mais chance.

Quando nos deparamos com o grupo de pequenos empresários que vivem de promoção de eventos, como festas, agenciamento de shows, participação em eventos maiores, constatamos a falta total de qualquer apoio por parte das administrações estaduais e municipais. Tomemos como exemplo o calendário de festas dirigidas ao público jovem, cuja frequência varia entre quinzenal e mensal. São eventos já consolidados ao longo do tempo, alguns com mais de 10 anos. Trabalham nessas ocasiões DJs, seguranças, bilheteiros,

sites de venda de ingressos, bartender, técnicos de som, eletricistas dentre outros profissionais, além de movimentarem empresas de bebidas e entregadores.

Alguns desses promotores de festas trabalham de forma associada e estão ligados em várias promoções durante todo o ano, ligados ao calendário de eventos culturais como carnaval, ciclo junino, final de ano etc.

Para esses, a perspectiva de volta a normalidade inexiste. Em conversa com um representante do setor, o normal como conhecemos até antes da pandemia, não existirá mais. Aglomerações serão banidas.

Algumas pessoas do setor estão migrando para o mundo virtual, através de lives em diversas plataformas. Eles precisam se capacitar para vislumbrar uma saída. No tocante aos demais profissionais que trabalhavam nessas festas, estes, meio perdidos e muitos se habilitaram para receber a ajuda oferecida pelo governo.

Quando tentamos observar o que ocorre com o setor do audiovisual, a situação é de agravamento ainda maior. Muitas produções que estavam já sendo executadas foram abruptamente interrompidas. É bom salientar que o setor já vinha enfrentado muitas dificuldades.

Uma equipe pernambucana que estava filmando em Belém do Pará, recebeu ordens do governo daquele estado, pela manhã, para suspender imediatamente as filmagens. Técnicos e diretores recolheram em algumas horas todos os equipamentos e embarcaram no final da tarde para Recife. A forma como tudo ocorreu deixou todos sem garantia alguma de recebimento do dinheiro pelo trabalho. Para quem já estava trabalhando e teve as atividades interrompidas, a NETFLIX (envolvida na produção de algumas dessas iniciativas) está oferecendo uma pequena compensação financeira.

As demais pessoas envolvidas em outras produções precisaram recorrer ao auxílio governamental.

Estamos também vivenciando o esgotamento das diversas plataformas de entretenimento, uma vez que novas produções estão descartadas e o uso intenso dos produtos oferecidos vem aumentando vertiginosamente. A própria NETFLIX já está postando um aviso em seus novos produtos que, devido à pandemia, algumas obras não contarão com forma dublada para não expor seus dubladores à covid-19.

Aos artistas – atores, músicos, cantores, humoristas – restou a internet e seu variado leque de plataformas, para veicularem seus trabalhos. Para ajudar em seu sustento, poetas, técnicos, estão recorrendo à prática de solicitação de ajuda financeira, o poderíamos definir como “Passando o Chapéu”.

Alguns espetáculos tradicionais em Pernambuco como é o caso das várias encenações da Paixão de Cristo, pela primeira vez em cerca pelo menos 60 anos, foram suspensas. Todo esforço dos artistas e cenotécnicos e recursos financeiros já alocados foram desperdiçados.

Nas artes plásticas há artistas promovendo exposições com vernissages virtuais, com direito a trilha sonora e tabela de preços das obras. Há um ambiente de colaboração entre vários artistas para o enfrentamento dessa crise sem precedentes.

O sentimento de desalento e tristeza atinge todos nós que nos amparamos nas artes em geral para suportar a tristeza que envolve a sociedade como um todo. Fico imaginando como estão sobrevivendo os inúmeros grupos de artistas populares que perdem nesse momento a perspectiva de levar sua cultura adiante e que se já não recebiam incentivos adequados para sua sobrevivência, agora é que estarão jogados e abandonados à sua própria sorte.

Acima de todos paira o medo

O medo tem a função de preservação da vida e da espécie. Em casos como diante de um perigo extremo e prolongado como em conflitos armados e guerras, deixam sequelas mesmo após o fim desses eventos. É o caso também de pandemias.

O prolongamento desse sentimento pode causar estresse e outros males de ordem emocional e comprometimento físico. Quando ele é intenso pode afetar o sistema imunológico.

No caso da pandemia, do isolamento social e da quarentena, temos de um lado o medo da contaminação e morte, tanto do indivíduo como de seus entes queridos e, do outro, o isolamento prolongado causando estresse. A falta de perspectiva do final desta situação de isolamento causa uma situação a mais de estresse, pela frustração, insegurança financeira com perdas econômicas, tédio e ampliação das áreas de conflito doméstico.

A constatação das dificuldades para dormir, relaxar, e se concentrar, relatadas pelas pessoas dos segmentos da sociedade, aqui registrada, aponta para um cenário bastante preocupante no que diz respeito à saúde mental da população.

O medo e o estresse tornam-se assim uma outra pandemia.

CAPÍTULO 9

APONTAMENTOS DAS ARTES SOBRE EPIDEMIA E CIDADE

Lysie dos Reis Oliveira

Ao longo da história das cidades, as epidemias preencheram páginas bem como, telas e outros artefatos, foram expressos por artistas de referência, autorizados pelas sociedades em que se inseriam a captar a realidade possível por seus olhos, janela de suas almas. Pelo menos três obras nos chamam a atenção: *Cidadãos de Tournai Enterrando os Mortos Durante a Peste Negra*- Miniatura de Pierart dou Tielt ilustrando a memória do Abade Gilles de Muisit, *A praga em Florença de 1348* de Luigi Sabatelli e *Praga em uma cidade antiga* de Michael Sweerts.

Optamos por usar aqui a cronologia das obras produzidas, que remontam aos anos de 1347, 1652-54 e 1802. Tal opção não tem a intencionalidade de criar um *continuummas*, validar nossa intuição de que a epidemia invadindo a cidade, em cenários imagéticos de suporte distintos, é um tema que merece ser investigado quando discutimos, na contemporaneidade, o medo do porvir da cidade, que apesar de ser o lócus do coletivo, também é o da segregação.

Na Primeira obra, o mote advinha da proliferação da Peste Negra (1343 -1353), também conhecida como Peste Bubônica.

Observam-se figuras humanas abatidas, caveiras e fisionomias enlutadas que, em sequência, carregam caixões e abrem covas. Originalmente, essa iluminura[1] de 1347 de Pierart dou Tielt, foi usada para acompanhar um texto em prosa, o *Abbatum memoria* de Gilles le Muisit, um abade e também cronista, nascido em Tournai – cidade da França que compõe o título da arte -falecido em 1353 após escrever uma série de crônicas sobre o período da Peste Negra.

Figura 3 – Cidadãos de Tournai enterrando os mortos durante a peste negra.
Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/55/Doutielt3.jpg (Consultado em 18.5.2020).

Essa obra é classificada como uma das primeiras manifestações da arte européia na representação do caos citadino impulsionado pela Peste. Seu autor, Pierart dou Tielt, era um mestre dos ofícios mecânicos, sua arte era a cópia, a miniatura e a encadernação, o que não lhe impediu de expressar seu olhar particular sobre o fenômeno. Atuava em Tournai, mas não para todos. Estava a serviço

[1] Imagem decorativa aplicada junto à letras capitulares dos códices medievais.

do universo cristão fato é, que tal iluminura está contida em um texto do Abade Muisit, que ficou cego pouco antes de sua morte. Como trabalhava com a inserção de iluminuras em textos, coube a Tielt agrupar, copiar e expô-lo, conferindo-lhes o que hoje chamamos de formatação e diagramação. Isso lhe elevou o *status*, manteve-o junto ao clero, que chegou a nomeá-lo como mantenedor dos livros da biblioteca da Abadia.

Esse breve contexto de sua vida nos auxilia na leitura desta Iluminura em seu aspecto funcional. Há uma onipresença do terror da peste sobre a cidade, ao passo em que existe a certeza de que Deus a protegerá visto que, no texto que acompanha a imagem, o Abade relata os milagres que teriam ocorrido em Tournai. Diante disso, podemos dizer que a obra está atrelada basicamente a uma literatura monástica relacionada à meditação sobre a proteção que Deus concederá aos convertidos.

A segunda obra a qual faremos referência é a *Praga em uma cidade antiga*, pintada por Michael Sweerts entre 1652-54. Seu autor, nascido em Bruxelas em 1618, era um artista conhecido, pintor e gravador do período barroco, chegando a ser agregado à *Accademia di San Luca*, em 1647, uma prestigiada associação de artistas renomados em Roma. Tinha outras conexões importantes com os membros da Congregação Artística dos Virtuosos ao Panteão, uma corporação de artistas que organizava exposições anuais de suas próprias pinturas nas grades de metal em frente ao Panteão. Tinha um patrono, o príncipe Camillo Pamphilj, que conseguiu que o papa lhe concedesse o título papal de Cavaleiro de Cristo, uma honra restrita a artistas renomados. Algumas das obras de Sweerts eram tão populares em seu tempo que cópias contemporâneas foram feitas, algumas pelo próprio Sweerts outras, por alunos ou seguidores.

A imagem acima é estimada como a expressão mais ambiciosa de Sweerts, pois tem uma complexa composição e muita técnica, algo que posteriormente os críticos de arte convencionaram chamar de erudição histórica e arqueológica. A composição apresenta um cenário assustador, catastrófico e dramático de uma praga no meio urbano, que acaba se tornando um tema clássico nas artes. É uma cena de uma história aberta à interpretações visto que, não se encontra inserida em um texto, numa iluminura, não existe sequer um memorial sobre o quadro deixado pelo autor, o que nos permite colocar nossa sugestão de análise: a representação do evento da Praga na cidade serve como narrativa do mal temido, daquilo que está para além de uma guerra com armas e munições, mas que é perene, como um devir.

Figura 2 – Praga em uma cidade antiga.
Fonte: https://fotos.estadao.com.br/fotos/alias,atenas,1088563.
(Consultado em 18.mai.2020).

O estudioso da arte Franco Mormando nos diz que o quadro *Praga em uma Cidade,* retrata uma praga específica que, segundo fontes cristãs, deve ter se passado em Roma no período entre 361 e 363 D.C, durante o reinado do imperador Juliano. A praga, diante

desse contexto não vem do acaso visto que, o mesmo imperador havia incitado um regresso ao paganismo romano e o abandono ao marco cristão logo, a praga surge como uma espécie de resposta divina, mas claramente, uma punição.

Sugere-se também que Sweerts estaria retratando a peleja entre catolicismo e protestantismo e seu perigo. Sua obra, considerada arte erudita, não circulou apenas entre as classes mais abastadas, mas, ficou também conhecida entre as mais pobres, por meio da circularidade cultural. O resultado é o convívio com a vigília de que a praga retorna a qualquer momento, que sustenta os embates entre as duas vertentes da fé cristã.

Na terceira obra citada, *A praga em Florença de 1348*, história da arte e história da literatura novamente se entrecuzam contribuindo à compreensão sobre o período abalado pela Peste Negra. A cidade, Florença, considerada uma das cidades mais populosas da Europa do século IV, havia perdido parte considerável dos seus habitantes, que não escaparam da propagação da epidemia naquele início de século.

O ano de 1348 foi o ápice, o que influenciou Giovanni Boccaccio[2], poeta e crítico literário italiano, para compor o cenário do livro Decameron[3]. Logo na introdução, ele explana sobre a devastação da cidade e explica o motivo pelo qual, em sua "novela" institui uma "brigada", composta por sete mulheres e três homens. Esse grupo abandona o meio urbano e avança em seus arredores, onde se deleitam num devir prazeroso, mas condicionado a limites e padrões de sociabilidade.

---

[2] Não encontra-se uma definição de sua origem, mas aponta-se como opção Florença ou Certaldo.

[3] O livro é estruturado em 100 contos escritos entre 1348 e 1353.

A cidade ficou para trás. As personagens narram os contos sequenciais, nos quais a sociedade florentina, atacada pela Peste, tinha se tornado caótica, não pela doença em si, mas sobretudo por conta da revelação de características humanas vergonhosas ante ao paradoxo cristão do medievo. Havia, sobretudo, um sentido de abandono, seja sob a forma de ruptura de laços de amizade ou familiares, incluindo o mais doloroso, pais que abdicavam dos próprios filhos. Vejamos um trecho:

> Alguns faziam alarde de sentimento mais cruel (como se, porventura, tal sentimento fosse o mais seguro), e diziam que não havia remédio melhor, nem tão eficaz, contra as pestilências, do que abandonar o lugar onde se encontravam, antes que essas pestilências ali surgissem. Induzidos por essa forma de pensar, não se importando fosse com o que fosse, a não ser com eles mesmos, inúmeros homens e mulheres deixaram a própria cidade, as próprias moradias, os seus lugares, seus parentes e suas coisas, e foram em busca daquilo que a outrem pertencia, ou, pelo menos, que era de seu condado. Para eles, era como se a cólera de Deus estivesse destinada não a castigar a iniqüidade dos homens com aquela peste, onde eles estivessem, e sim a oprimir, comovido, somente os que teimassem em ficar dentro dos muros de sua cidade. Ou como se essa cólera fosse apenas um aviso para que ninguém permanecesse em determinada cidade, por ter chegado a hora derradeira dessa mesma cidade. Como, de tais opinadores, nem todos morriam, e que, assim sendo, nem todos continuavam a viver, muitos sujeitos, de cada cidade, e em toda parte, caíam enfermos e, quase abandonados à própria sorte, definhavam inteiramente. Êles mesmos, quando estavam sãos, deram exemplo aos que continuavam sadios, para que fugissem daqueles que tombavam sob as garras do mal. Vamos pôr de lado a circunstância de um cidadão ter repugnância de outro; de quase nenhum vizinho socorrer o outro; de os parentes, juntos, pouquíssimas vezes ou jamais se visitarem, e, quando faziam visita um ao outro, ainda assim só o

> fazerem de longe. Tal inquietação entrara, com tanto estardalhaço, no peito dos homens e das mulheres, que um irmão deixava o outro; o tio deixava o sobrinho; a irmã, a irmã; e, freqüentemente, a esposa abandonava o marido. Pais e mães sentiam-se enojados em visitar e prestar ajuda aos filhos, como se o não foram (e esta é a coisa pior, difícil de se crer" (BOCCACCIO apud LIMA ALMEIDA, 2013, p.125).

Boccaccio se utiliza dos contos para fazer uma crítica social, e afirma que os laços foram corrompidos pela voracidade de dois grupos em prol de seus lucros: mercadores e banqueiros Florentinos. Como castigo, a Peste consuma uma sentença divina, uma resposta à imoralidade dos avarentos e egoístas. Após a descrição dessa situação terrível, Boccaccio fez surgir a tal "brigada", um contraponto fictício aquela sociedade.

Esta é a metáfora: as personagens do Decameron propõem uma modificação do comportamento dos florentinos na sociedade urbana. Os dez jovens que formaram a "brigada" saíram da cidade onde não tinham laços de responsabilidade com outros, e conseguiram, no meio de tanta desumanidade e egoísmo, conservar e acreditar no afeto, no dever com o próximo, na amabilidade e nas leis morais e civis. Viviam para alegrarem-se mutuamente, mas dentro dos limites da razão: instituíram chefes para dias diferentes, definiam atividades e horários, determinavam como e quando as refeições seriam feitas, e o tema das histórias a serem contadas pelo grupo.

Figura 3 – A praga em Florença de 1348.
Fonte: http://alchemipedia.blogspot.com/2009/09/plague-of-florence-1348-etching.html (Consultado em 18.5.2020

Viviam na natureza e, ao longo dos quinze dias em que permaneceram longe de Florença, constituíram uma microssociedade virtuosa e harmônica. Os contos recorrem a temáticas diversas, uns, inclusive, eróticos, outros trágicos, mas há contos sobre sagacidade, além de piadas. O livro Decameron é considerado uma obra-prima da prosa clássica italiana e nos mostra o quanto a epidemia desencadeou, da nobreza ao povo, para além da atmosfera de cataclismo, de fim de mundo, a exarcebação da condição humana.

A imagem acima traz a seguinte descrição: "Inventada, desenhada e talhada em cobre por Luigi Sabatelli" [4] (tradução nossa).

---

[4] Há o título e a dedicação ao Marquês Píer Roberto Capponi (patrono do Sabatelli) no centro inferior. Essa gravura, uma das obras-primas de Sabatelli, está muito bem documentada pelas cartas do próprio autor e de seu filho Gaetano, que lembra que o cobre foi entregue à gráfica de Giuseppe Angiolo Volpini em 5 de janeiro de 1802.

Trata-se de uma Água-forte[5], em italiano chamada de *Acquaforte*, um tipo de impressão antiga. Sabatelli era um artista diplomado pela Academia de Belas Artes de Florença, e alcançou a posição de pintor da corte da rainha da Etrúria e duquesa de Lucca, Maria Luísa de Bourbon-Espanha. Pintava afrescos, telas, e foi também um gravador e, como tal, em *A praga de Florença de 1384,* expressou-se através de traços minuciosamente posicionados a fim de conferir matizes, sombras e um leve escurecimento difuso em detalhes que, na completude da obra em preto e branco, pode nos levar ao cenário dramático de então. A execução exigiu um ano de trabalho. Para terminá-la por volta de 1802, o autor estudou cuidadosamente a composição, o que é comprovado pela existência de alguns desenhos preparatórios, principalmente estudos de nudez, que foram

[5] É uma técnica calcográfica (grava-se no cobre ou em outro metal). Consiste em corroer uma placa de metal (geralmente zinco; cobre para grandes tiragens, como no passado) com um ácido a fim de obter imagens a serem transpostas para um suporte (papel normalmente) por meio de cores. A base de espessura necessária, disponível no mercado, é limpa e chanfrada nas bordas com papel de esmeril e depois desengordurada na parte brilhante com carbonato de cálcio dissolvido em água. Essa solução é aspergida uniformemente com uma cobertura para proteger do ácido (cera, asfalto, borracha...), é esfumaçado com velas. Em seguida, o desenho é gravado no material de proteção com uma ponta fina (à mão livre ou passando por cima de um rascunho em papel transparente para descalcificação), para expor o metal em correspondência com as marcas que aparecerão no papel graças à tinta. A chapa ácida é imersa (depois de coberta a face traseira) iniciando as gravações, o que pode ser feito várias vezes, descobrindo gradualmente as peças a serem gravadas, para obter diferentes escavações profundas. O ácido afeta apenas o metal onde não está protegido. Depois de concluída, a folha é lavada com gasolina ou aguarrás, seca e mantida como a matriz do desenho a ser replicado. A impressão é feita com a prensa calcográfica em papéis levemente colados e umedecidos antes, polvilhando a placa com tinta graxa com uma almofada de couro e aquecendo-a um pouco para facilitar a penetração do corante nas ranhuras e sua transferência para o papel, após a limpeza das peças aparecer branco na folha impressa. A base pode ser retocada, mesmo várias vezes com um ponto seco ou com mais batidas, após um primeiro teste (teste de status) até atingir os efeitos de claro-escuro desejados ou, como no passado, adicionar textos. Fonte: https://it.wikipedia.org/wiki/Acquaforte (Consultado em 18. maio de 2020. (Tradução e adaptação da autora)

lançados no mercado e outros, que estão hoje na Galeria de Arte Moderna de Roma[6].

Observem. A imagem foi feita para ser reproduzida. Apesar de pintor famoso, Sabatelli não se prende a uma técnica, a escolha pela *Acquaforte* no século XIX indica a desejosa divulgação da imagem. As artes sempre circularam, ora restritamente, ora para todos, vide o caso das igrejas com painéis que ajudavam na catequese cristã, visto o interesse da igreja católica em abarcar os não letrados.

A imagem já funcionava bem. Esta tendência na produção e circulação das artes ocorre pelo seu caráter doutrinário. O artista das pinturas em edificações aristocráticas e religiosas, dos manuscritos e iluminuras próprios do clero e da nobreza, opta pela gravura para divulgar tal obra que, no caso, tinha, sobretudo, o intento de lembrar à sociedade que a praga estivera entre eles, e poderia estar no porvir.

Considerações preliminares

Houve e haverá um contexto cultural. Enquanto a praga não nos exterminar, realidades serão substituídas pela dimensão visual e, essencialmente após o século XIX, quando a imagem ampliou seu alcance, seu potencial poder essencial da transmissão, como um vírus, tende a se multiplicar em uma velocidade estonteante.

Ao nos voltarmos às três obras aqui arroladas, compreendemos que a tradução visual colaborou, de forma efetiva, para que o medo do fim penetrasse nos imaginários sociais. Dito isso, questiona-se: em que medida uma bela feição do feio (e do assombroso) não a torna fascinante? Essa questão não responderemos aqui, mas,

---

[6] https://www.gonnelli.it/it/asta-0014/sabatelli-luigi-la-peste-di-firenze-dal-boccac.asp. (Consultado em 18.5.2020).

recorremos a um estudioso do medievo, onde as imagens tiveram papel fulcral. Segundo Eco (2007), para o homem da Idade Média, o universo criado é um todo que deve ser apreciado em seu conjunto, onde as sombras contribuem para o resplandecer das luzes, "e mesmo aquilo que pode ser considerado feio por si mesmo mostra-se belo no quadro da ordem geral" (ECO, 2007, p. 103).

Por este viés, os monstros, servem ao amor e o temor. Aqui comparamos os monstros à praga, a epidemia, suas imagens, suas contradições na cidade, conjunto e fragmento, o todo e as partes. Observamos o quanto nos acostumamos com a praga nas cidades, mantida sob vigilância (sanitária, social, ideológica, policial), mas aceita nas mazelas permanentes das segregações, em que uns podem correr para fora do urbano, livremente, e penetrar no fascínio do horrendo de longe, na literatura, na pintura e, mais recentemente, pelas telas, de cinema, televisão e internet. A praga ainda está presente.

Referências

CERTEAU, Michel de. **A História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

ECO, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval** [1987]. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2010.

ECO, Umberto. **História da feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERREIRA, E; SOUZA, A. W; SANTANA, M; ZORZO, F. A; PACHECO, L. M. B; ROSSI, M. H. W; PATEL, B; FREITAS, E; MEDEIROS, L. S; REIS, L; TRINCHÃO, G. **Produção visual**: criatividade, expressão gráfica e cultura vernacular, v. 1. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

LIMA ALMEIDA, Ana Carolina. A recriação de Florença por Giovanni Boccaccio através do Decameron (1349-1351). **Revista diálogos mediterrânicos**, n. 5, p. 118-131, 2013.

MORMANDO, Franco. **Piety and plague**: from byzantium to the baroque (sixteenth century essays & studies). United State: Truman State University Press, 2008.

REIS, Lysie. **A liberdade que veio do ofício**: práticas sociais e cultura dos artífices na Bahia do século XIX. Salvador: EDUFBA, 2013.

REIS, Lysie. **Os Homens rudes e muito honrados mesteres**. Salvador: EDUNEB, 2019.

VOLTA AO SUMÁRIO

CAPÍTULO 10

O QUE VOCÊ CALA – OLHARES SOBRE UM TEMPO DE PANDEMIA

Mônica Lizardo de Moraes

A sensação é de apreensão, de parada brusca. Um violento e invisível desconhecido nos escancara a fragilidade. De repente nos encontramos confinados em nós, ainda que mobilizados por uma dor e medo partilhados coletivamente, deixar o ritmo alucinado da vida tem nos oportunizado encontros catárticos. Quem poderá se dirigir ao outro, travar uma autêntica relação, em qualquer nível de alteridade, sem antes encontrar a si mesmo? Um profundo olhar sobre Si,um desnudar-se sem julgamentos pode nos devolver a leveza da criança, ou nos mergulhar em tormentas – quantos encontros, portanto, possíveis entre o inferno e o céu. Como carrasco invisível o vírus nos leva os entes mais queridos, nos impede o último abraço, nos nega qualquer abraço, e grita violentamente à alma, feito às sirenes das ambulâncias quese revezam momento a momento ante a solidão de minha janela: o que temos calado? o que você cala? O que tenho eu calado todos os dias?

Hoje, mediante um melancólico cortejo de pessoas com suas máscaras, um sentimento instiga: algo que chama a reflexão, que nos leva a pensar como tão cuidadosamente cingimos nossas

mordaças, que nos calam mediante a sistemática devastação da natureza, sagrada; que nos emudece ante os abismos sociais assimetricamente arquitetados, fundados em um não olhar para o outro, em uma lógica instrumental de busca voraz por lucro e poder, na negação do diálogo, em rupturas profundas entre nós e os outros, entre nós e a natureza, entre *Eu* e o *Tu Eterno*, conforme nos sinalizaria Martin Buber (2001), em sua obra seminal – Eu e Tu.

Vivemos um momento único, em que pese avassalador; tempos que distancia as pessoas fisicamente, que nos confina, e paradoxalmente nos aproxima, mediante o mistério insolúvel da morte eminente, e de certa desorganização imposta ao nosso lugar no mundo, visto que, repentinamente, "tudo parou". A necessidade mais elementar que temos, o simples ato de respirar, a qualquer momento pode ser suspenso decretando nosso fim.

E dá o que pensar, como seria se o mal que nos ameaça com o risco de morrermos com *fome de ar*, nos impulsionasse à *fome de viver*, com dignidade! Uma vida boa, com os outros, em instituições justas, em um planeta preservado, respeitado por nós. Penso que as situações de quase morte, a morte, o "isolamento social", a rotina caótica, a solidão e também a solidariedade e a partilha em tempos de quarentena, nos suscita um desafiante encontro conosco, um mergulho nos meandros de nosso mistério de ser, de busca pela verdade, pela sacralidade em nós, na natureza – e no outro que não eu. Encarar nossa fragilidade pode despertar nossa potência de vida? Uma vida digna para todos.

Este período parece também marcado pelo signo da contradição, conforme palavras de uma jovem mulher que trabalha na feira do bairro da Pedreira: as pessoas estão presas em casa, e quem tem dinheiro muitas vezes não tem como comprar a própria saúde. Uma

situação que exige que fiquemos trancados em casa como forma de proteger a nós e aos outros, de forma alguma nivela as pessoas perante o vírus que não distingue ricos de pobres. O medo, confinado em casas confortáveis, rodeadas de toda forma de aparato tecnológico, com acesso a alimentação de qualidade, não é o mesmo que acompanha o desespero de quem não tem onde morar e o que comer: água potável e sabão então, nem se fala.

Outro paradoxo diz respeito às condições do planeta, que com seu principal predador sob contenção parece respirar aliviado, com o céu menos poluído, as águas mais claras. E nos perguntamos o que há de ficar após tudo isto? Esse turbilhão de sentimentos que hoje nos move nos indicará uma saída? Ou por outro lado, nos permitirá iniciar um processo reflexivo que revele a nós a face do Outro.

O ensaio *O que você cala*, tem um recorte documental, registrado através de alguns retratos, percepções e sentimentos de pessoas durante a quarentena imposta pela pandemia do covid-19, em Belém do Pará, no coração da Amazônia. Apresenta nuances de diferenças abismais que uma situação de *lockdown*, numa sociedade rica em cultura e diversidade, mas também marcada por enorme desigualdade social, evidencia. Fala de *encontro* e *esperança*, de *empatia* e *solidariedade*, de *medo* e *impotência*, fala também de *missão*, e de *Fé*.

A narrativa se distribui em três eixos: um *encontro* em um hospital, entre duas pessoas em uma situação limite; algumas percepções acerca dos sentimentos de pessoas que atuam em uma grande feira pública – e que não podem se confinar em casa; um encontro da autora consigo mesma.

No Hospital – O enfermeiro que me levou para ver Deus[1]

Do encontro entre o profissional de saúde *Cledson Silva*, e o jornalista *Pascoal Gema*, que retornou das trevas na luta contra a covid-19, surgiu um instante único descrito na crônica *O enfermeiro que me levou para ver Deus*. Crônica escrita pelo jornalista quando internado no Hospital de Campanha do Hangar montado na capital paraense, para atender a enorme demanda gerada pela pandemia da covid-19. A intensidade e a delicadeza do texto, possivelmente, se ancoram na experiência vivenciada por ambos: um desses momentos em que palavras são limitadas para dar conta do imponderável. Dias depois, atendendo gentilmente a meu pedido, fui recebida por Cledson na saída de seu plantão (era 12 de maio, dia internacional dos enfermeiros) e escutei algo que prefiro deixar aqui de forma literal,

> Foi um momento tão profundo que só eu e ele sabemos descrever, foi um mistério, e entre dois desconhecidos, e parecia que a gente já se conhecia há muito tempo... ele viveu assim aquele momento de intimidade com Deus, ele pode perceber Deus no extraordinário, porque aí dentro (no Hospital de Campanha) as pessoas se tornam mais humanas porque já estão acometidas daquele sofrimento, não sabem se vão sair dali, ou sair dali dentro de um caixão, as pessoas lutam por oxigênio aí dentro, é um *momento de fé* também, em que as pessoas precisam só de um empurrãozinho para ter este contato entre o humano e o Divino. Essa experiência que eu e o Pascoal vivemos dinheiro nenhum paga, e outras situações que eu vivi também com outras pessoas aí dentro, dinheiro nenhum paga.

---

[1] Ler a crônica *O enfermeiro que me levou para ver Deus*, em: https://ver-o-fato.com.br/o-enfermeiro-que-me-levou-pra-ver-deus/

> Eu acho que não há expressão maior de amor do que se colocar no lugar do outro. A gente está ali, e ver a outra pessoa querendo respirar, ver a pessoa querendo sair dali, e poder contribuir com isto, e poder ajudar, poder fazer o melhor. Porque vir para cá só por vir, porque está cumprindo um horário de trabalho, só pelo dinheiro? E eu faço isto é por vocação ou pelo dinheiro? Eu faço por vocação! E no fundo a palavra que resume tudo isto é *missão*... Sim, e eu tenho medo, meu medo maior é levar minha mãe a adoecer, minha mãe é idosa.

Escutei também Pascoal Gema que,

> *Você tem que acreditar que há realmente algo superior e acreditar também nas pessoas que estão aqui*... esses anjos que a gente insisti em procurar estão aí. Nosso egoísmo é o grande mal... porque eu tenho que andar em linha reta? E as pessoas têm que sair da minha frente... a gente tem que aprender a compartilhar, vamos prestar atenção na nossa vida, no que a gente está fazendo com ela.

Nos dias atuais somos bombardeados por imagens reproduzidas tecnicamente. Katia Mendonça, em seu livro *A imagem uma janela para o invisível* (2018) chama atenção para as imagens que hoje *se incorporam como próteses ao corpo humano mergulhados nos celulares* e destaca nossa dificuldade em compreendermos *o porquê da violência crescente nos comportamentos sociais que se espalham através das redes sociais*[2]. Não cabe nos limites deste texto adentrar à refinada análise acerca da energia contida na imagem, discutida pela autora. No entanto, tal perspectiva, num contexto pandêmico

[2] "Há um mundo invisível por trás das imagens. Estas abrem portais para comportamentos que não são meras réplicas psicológicas, meras imitações ou reações emocionais, mas que são provenientes do envolvimento sinérgico do espectador com as energias liberadas por tais imagens, sejam elas agregadoras e de harmonia, sejam elas destruidoras, caóticas e violentas" (MENDONÇA, 2018, p.76).

que exigiu uma pausa a humanidade, nos remete a experiência de Cledson e Pascoal que, a meu ver, chama atenção para a necessidade urgente de um voltar-se para si, uma condição para oportunizar os verdadeiros encontros, precisamos fazer as pazes com o tempo, nos desconectar, para nos conectar com o mais importante.

Um homem olha para o céu, se permite contemplar, mergulhar na *aura* por um segundo eterno, e percebe que pode partilhar com outro homem aquele instante tão simples em sua profundidade, e escolhe compartilhar – tão somente se permitir olhar e sentir o céu, o brilho, as cores do firmamento, que cada um deles percebeu à sua maneira. Não tenho ideia do que aqueles homens viram; quem presenciasse a cena viria tão somente dois homens contemplando o céu.

Na Feira – percepções em tempos de covid-19

A Feira Livre da Pedreira fica no bairro de mesmo nome, na cidade de Belém. A primeira edificação do Mercado, que hoje abriga inúmeros boxes nos quais é possível encontrar uma incrível variedade de mercadorias data de 1940. A Feira tem sempre grande movimentação de pessoas ao longo de todo o dia. Ali se estabelecem relações de sociabilidade entre trabalhadores/ras da feira, seus clientes, os moradores do bairro e do entorno, fornecedores e pessoas que se deslocam das cidades do interior do Pará para distribuírem sua produção. O peixe, as aves, legumes e frutas, a imprescindível farinha como toda a tradição alimentar paraense se encontra na feira. Utensílios domésticos, alimentos prontos, aromas, ervas, objetos para práticas religiosas, é como dizem os moradores do bairro: *o que você pensar tem na feira*.

Um número muito grande de famílias dependem economicamente deste fluxo de pessoas e trabalho, são muitas mulheres, homens e, inclusive,um número expressivo de idosos que lá desenvolvem suas atividades desde as primeiras horas da madrugada.

Neste ambiente de intensa circulação de pessoas, a covid-19 transformou a rotina. O Bairro da Pedreira atingiu um índice muito alto de contaminação; muitos feirantes contraíram o vírus. Escutei alguns trabalhadores e trabalhadoras da feira, estava ali como cliente, mas falei sobre meu proposito de tentar compreender um pouco o significado da pandemia na vida deles, e a ocasião mepermitiu a realização de breves entrevistas – que tiveram o caráter de conversas informais – bem como a produção de algumas imagens, todas autorizadas.

Jefferson trabalha a 10 anos na feira:

> eu venho trabalhar por necessidade mesmo, tenho muito medo de passar a doença pra minha filha, ela é asmática, e não sai mais de casa, só vejo ela de longe... eu venho trabalhar mesmo por necessidade, se não trabalhar eu não tenho de onde tirar. Eu sinto muito medo mesmo, eu se pudesse não vinha mais trabalhar, só voltava depois que acabasse tudo isto, eu ia ficar em casa se pudesse, só que você liga a televisão e é o que passa: 'morreu mais trezentos, morreu mais quinhentos, isto é horrível.

Cris trabalha no setor da farinha:

> a gente tem que trabalhar porque a gente é autônoma, mas tomando todo cuidado, não deixoaglomerar na banca. O maior sentimento é de não poder fazer nada né, de impotência, as pessoas estão sós, quem está doente a gente não pode ir visitar. Olha, os meus pais moram no interior, em Colares, desde fevereiro eles não vem me visitar, eles ligam, choram dizendo que vem me visitar, e eu digo, não vem! Pelo bem deles, já são de idade né. Então é impotência que eu sinto, você não pode fazer nada: quem tinha dinheiro está igual quem não tem, quem tá livre agora está igual quem está preso, então é uma questão de se colocar no lugar do outro, quem tem dinheiro não tá podendo comprar saúde."

Márcia sente medo e, mediante a crise encontra lugar para solidariedade:

> os empresários dizem que a gente tem que ficar em casa, mas eles são ricos... tem o vírus sim, mas só Deus mesmo, porque a gente tem que vir pra trabalhar, toda hora a gente fica passando álcool em gel na mão, a gente fica com medo, eu já perdi um amigo idoso que também vendia na feira e achava que este vírus não existia, um dia dei vinte reais pra ele poder ir pra casa, no outro dia ele não apareceu, ele pegou o Covid, uns dias depois a gente soube que ele morreu. A gente trabalha com medo.

Através das percepções expressas pelas pessoas foi possível perceber que as relações sociais partilhadas no espaço público, no contexto da pandemia, estabelecem de forma direta uma ligação com o espaço privado, expresso na preocupação com os familiares e entes queridos. Em mais de uma ocasião escutei que o medo de contrair o vírus nos espaço da feira e levar para dentro de casa é muito grande. *A sensação é de que é preciso cuidar e proteger o outro*.

Uma preocupação enorme surge também com relação à necessidade de prover as despesas da família, se por um lado eles enfatizam o medo que sentem durante a pandemia, por outro a responsabilidade com as despesas e necessidades da família ficaram muito evidentes. Em Belém, poucos dias após o primeiro caso identificado de Covid19, o sistema de saúde entrou em colapso, todos sabem do risco de contrair a doença e não encontrar atendimento, os feirantes todos os dias saem de casa para trabalhar, se encontram expostos.

Feirantes da Feira Livre da Pedreira

O final de um dia de feira – garis

Em casa – sobre um autorretrato, ou *o que nós calamos?*

Pouco mais de um ano atrás, em roda de apresentação em uma reunião de trabalho na cidade de Altamira, me apresentei como uma *amiga do rio*. Depois vieram aquelas formalidades, sua pós-graduação, de que lugar você fala e por ai adiante, mas ali no coração do Médio Xingu, me ocorreu naquele instante falar sobre o que mais me mobilizou desde minha chegada à região, em meados de 2013. Atuei na Volta Grande do Xingu, na área de maior impacto da UHE de Belo Monte. Em trabalho de pesquisa escutei e convivi com pessoas que se referem ao rio como *nosso pai, e nossa mãe,* –muito além de recurso hídrico pensado instrumentalmente pelos técnicos, o rio parece correr também nas veias de seu povo, que não se percebe apartado do rio.Tenho escutado e fotografadoos ribeirinhos, seu cotidiano e suas lutas perante todo um desmonte em seus modos de vida imposto pela hidrelétrica. Venho também registrando em imagens o rio, as matas, a paisagem, e também as transformações e todo o processo devastador, como o cemitério de impressionantes e fantasmagóricas árvores mortas que restaram na área de inundação, no chamado Reservatório do Xingu, que Belo Monte inventou.

Quando a pandemia chegou a nós, no Brasil e na Amazônia, já vinha causando um sentimento sombrio, trazido pelas imagens da Ásia e Europa com seus milhares de mortos. Os dias passaram rápidos e pesados, logo estaríamos aqui também trancados em casa, nos reinventando. Quando precisei providenciar uma máscara para me proteger de algo que poderia estar presente em qualquer lugar, encontrei minhas fotografias impressas em tecido, imagens de fragmentos de uma cadeia de vida interrompida num rio chamado,

inclusive, de *Morada dos Deuses*, tamanha a beleza e imponência do Xingu, que o homem ousou barrar.

Aquela fotografia, costurada e transformada em máscara, me pareceu gritar pregada ao rosto: o que estamos a fazer conosco? *O que calamos nós, todos os dias, que nos rouba a própria dignidade de viver uma vida digna?* Como chegamos a predar de tal forma, florestas inteiras, rios gigantescos, seres que coabitam conosco neste planeta, sem perceber que estamos a nos matar. A natureza tão sistematicamente massacrada, de um momento para outro começou dar mostras em si mesma de que nosso confinamento a permitia respirar, um sopro.

Usar a minha máscara com a imagem de uma árvore morta colada ao rosto me fez pensar o que poderia eu ter feito, o que podemos nós fazer; transportou-me para tarde em que vi gigantescas máquinas colocarem abaixo árvores centenárias na ilha do Arapujá, à frente da orla da cidade de Altamira – enquanto os olhos registravam com a câmera as cenas mais tristes que já vi, os ouvidos escutavam um passarinho, bem próximo. Foi uma tarde de cinzas e morte.

E o que uma quarentena tem a ver com isto? A meu ver, parar para refletir acerca dos caminhos da violência, da desigualdade, dos desencontros, da indiferença ante o sofrimento do outro, seja lá quem for este outro: gente, rio, florestas, povos diferentes do meu grupo – que meu etnocentrismo voraz insiste em inviabilizar – torna-se imperioso. Daí a analogia entre a máscara e a mordaça, costurada por nós próprios caprichosamente, uma que protege e a outra que emudece; que faz calar

Meu autorretrato é também a imagem da árvore morta, e não sou mais eu ali, somos nós. Porque afinal somos todos feitos da mesma essência, homens e árvores. E, se conforme Ailton Krenak, o amanhã não está à venda, penso que cabe refletir -

Sobre o que nós calamos.

Autorretratos

Referências

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** São Paulo: Centauro, 2001.

MENDONÇA, Kátia, **A imagem** – uma janela para o invisível**,** Belém: Marques Editora, 2018.

VOLTA AO SUMÁRIO

SOBRE OS AUTORES

Fanny Longa Romero. Docente da Unilab, Campus dos Malês-Bahia. Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS da Universidade Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou pós-doutoramento em Ciências Sociais no PPGCS da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e no PPGCS da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-Mail: fanny.longa@gmail.com

Idayane Gonçalves Soares. Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-Mail: idayane_soares@hotmail.com

Jesus Marmanillo Pereira. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGS-UFPB); Coordena o Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-UFMA) e o Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Imagens (LAEPCI). E-Mail: laepciufma@gmail.com

Lysie dos Reis Oliveira. Professora Titular da Universidade do Estado do Bahia, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET). E-Mail: lysiereis@gmail.com

Maria Laura Faria Afonso de Melo. Graduada em Sociologia pela Universidade Católica de Pernambuco, em 1969; Entre 1975 e 2002 foi Funcionária do INCRA/PROTERRA/FUNTERRA; Servidora pública da FIDEM, Secretaria de Planejamento de Pernambuco; Diretora de Planejamento da Secretaria de Trabalho e Ação Social; Diretora de Planejamento da Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes; Assessora de Planejamento da Agência do Trabalho e da Secretaria de Emprego e Renda do Governo de Pernambuco; Gestora para implantação de Projeto para Catadores de Materiais Recicláveis; Assessora do PRO RURAL. E-Mail: melolaura1@gmail.com

Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Professor voluntário do PPGA Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. Coordenador do GREM-GREI – Grupos de Estudo e Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, e Interdisciplinar em Imagens. E-Mail: maurokoury@gmail.com

Monica Lizardo de Moraes. Antropóloga, pesquisadora, membro do Grupo de Pesquisa Imagem, Arte, Ética e Sociedade, do PPGAS/UFPA. E-Mail: monicalizardo1111@gmail.com

Rafael de Oliveira Cruz. Discente do último período do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Tocantinópolis. E-Mail: rafaelocruz82@gmail.com

Selma Gomes da Silva. Professora adjunta da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutora em Sociologia – Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Universidade Federal do Ceará (2017); Doutorado Sanduíche em Sociologia – Università Degli Studi di Trento (2015). E-Mail: selmamacapa@outlook.com

Wellington da Silva Conceição. Doutor em Ciências Sociais (UERJ). Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Tocantinópolis. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-Mail: wellingtoncs@mail.uft.edu.br

Williane Juvêncio Pontes. Doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGA-UFPB). E-Mail: williane_pontes@hotmail.com

VOLTA AO SUMÁRIO

SOBRE O GREM-GREI

O Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções – GREM surgiu em 1994, logo seguido pelo Grupo Interdisciplinar de estudos em Imagem, criado em 1995. Os dois grupos GREM e GREI participaram ativamente na consolidação das áreas de pesquisa sobre Emoções e sobre Imagem nas ciências sociais no Brasil, desde os anos de 1990. Grupos irmãos, com larga convivência de pesquisas e estudos em comum e agora juntos em um único portal como GREM-GREI. Os dois grupos têm por objetivo o estudo crítico das imagens e das emoções na sociedade urbana contemporânea. O GREM-GREI podem ser consultados no endereço: https://grem-grei.org/

Este livro, com enfoque centrado na antropologia e na sociologia das emoções, trás o título, **Tempos de Pandemia: Reflexões sobre o caso Brasil** e está organizado em dez capítulos mais uma introdução. Os autores presentes refletem sobre a crise político-institucional e a crise sanitária vividas pelo país, e sobre o cotidiano do isolamento social produzido pela situação pandêmica do coronavírus, e as formas de adaptação comportamental à nova situação causada pelas mudanças de hábitos e costumes que provocam ansiedades, medos, tristeza, depressão, na população. Além de reflexões sobre os movimentos de conformidade e resistência de homens e mulheres em seu cotidiano, em um período de incerteza e desilusão por que passam o mundo e o Brasil, aqui, de modo particular.

ISBN: 978-65-86602-14-2